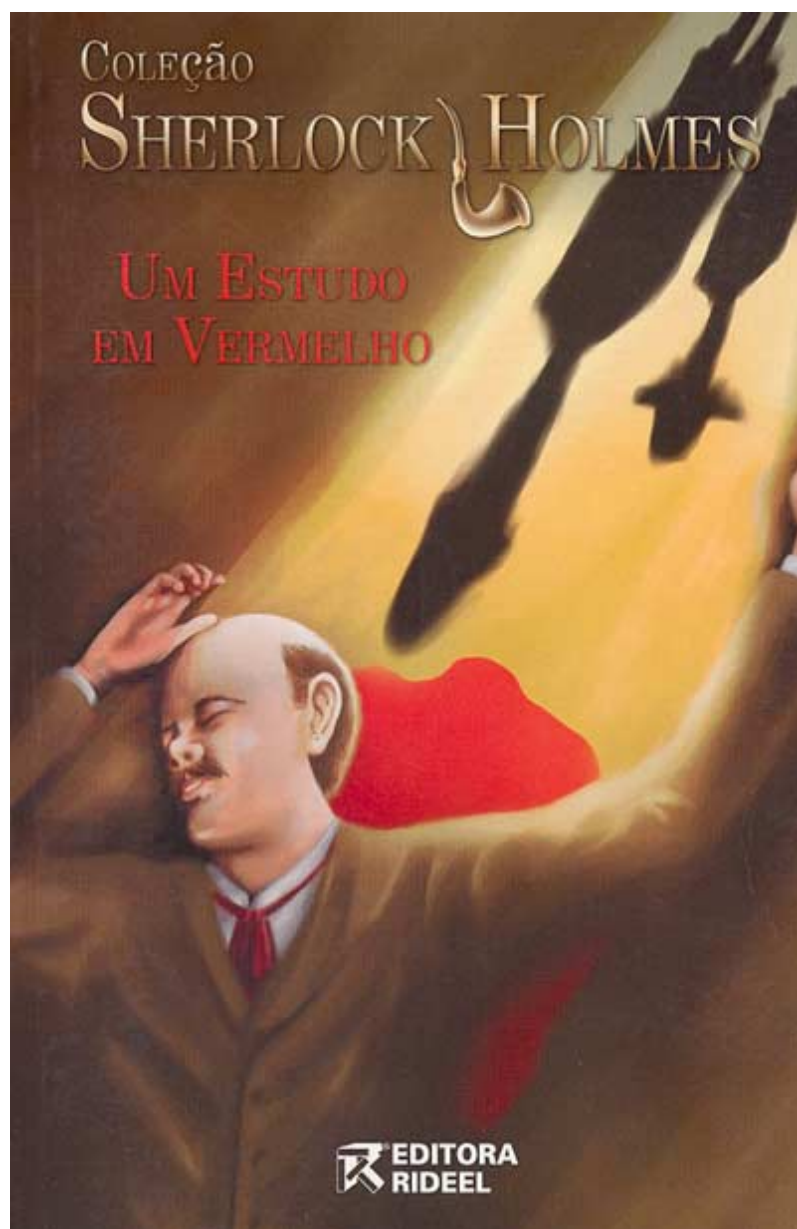




Arthur Conan Doyle

Um Estudo em Vermelho



Índice

1. O Sr. Sherlock Holmes
2. As Ciências da Dedução
3. O Mistério de Lauriston Gardens
4. O que John Rance tinha a dizer
5. Nosso anúncio atrai um visitante
6. Tobias Gragson mostra o que pode fazer
7. Uma luz na escuridão

Parte II: A Terra dos Santos

1. Na Grande Planície Alcalina
2. A flor de Utah
3. John Ferrier fala com o profeta
4. Fuga para a vida
5. Os anjos vingadores
6. Continuação das memórias do Dr John Watson
7. Conclusão

Parte 1

Reimpressão das memórias do Dr. John H. Watson
ex-oficial do departamento médico do Exército Britânico

Em 1878, graduei-me doutor em medicina pela Universidade de Londres e fui para Netley fazer o curso destinado aos cirurgiões do exército. Concluí meus estudos a tempo de ser designado para servir como cirurgião-assistente no Quinto Regimento de Northumberland. O regimento estava acantonado na Índia, na época, e, antes que eu pudesse me juntar a ele, rebentou a segunda guerra afegã. Quando desembarquei em Bombaim, soube que minha corporação já havia avançado as passagens entre as montanhas, internando-se no território inimigo. Unido a inúmeros oficiais na mesma situação, procurei segui-la. Chegamos a Candahar a salvo. Lá encontrei meu regimento e assumi de imediato as novas funções.

A campanha trouxe honras e promoção para muita gente; para mim, só infortúnio e desastre. Fui transferido de minha brigada para a de Berkshire, onde servia, quando ocorreu a batalha fatal de Maiwand. Fui ferido no ombro por uma bala afegã que me fraturou o osso, atingindo a artéria subclávia. Eu teria caído nas mãos dos sangüinários ghazis, não fosse a devoção e a coragem de Murray, meu ordenança, que me colocou no lombo de um cavalo de carga e conseguiu me trazer a salvo para as linhas britânicas.

Abalado pela dor e enfraquecido pelas prolongadas privações, fui removido para o hospital de base em Peshawar. Viajei para lá em um longo trem, na companhia de outros homens feridos. Já estava restabelecido a suficiente para caminhar pelas enfermarias e tomar sol na varanda, quando fui atacado por tifo, a maldição de nossas possessões indianas.

Corri risco de vida por vários meses. Quando, finalmente, recobrei a consciência e entrei em convalescença, estava tão fraco e emagrecido que uma junta médica determinou minha imediata remoção para a Inglaterra. Fui embarcado no Orontes, navio de transporte de tropas, e, um mês depois, desembarcava no cais de Portsmouth com a saúde arruinada, mas com a paternal permissão do governo para tentar recuperá-la nos próximos nove meses.

Eu não tinha amigos nem parentes na Inglaterra e era livre como o ar - ou tão livre quanto uma renda de onze xelins e seis pences por dia permitem a um homem ser. Sob tais circunstâncias, fui, como é natural, atraído por Londres, a

grande cisterna para a qual são drenados todos os vagabundos e preguiçosos do Império. Por lá fiquei algum tempo num pequeno hotel no Strand, levando uma vida desconfortável e sem sentido, gastando todo o dinheiro que recebia com uma prodigalidade que não deveria ter.

Minha situação financeira tornou-se alarmante.

Compreendi que ou deixava a metrópole e me mudava para algum lugar no campo ou teria que alterar por completo meu estilo de vida. Escolhida a última alternativa, decidi deixar o hotel e me instalar num lugar menos caro e pretensioso.

No mesmo dia em que cheguei a essa conclusão, estava no Bar Criterion quando alguém bateu no meu ombro. Virando-me, reconheci Stamford, um jovem que havia sido meu cirurgião-assistente em Barts. É uma sensação extremamente agradável para uma pessoa solitária ver um rosto amigo em meio ao isolamento londrino. Nos velhos tempos, Stamford não fora um amigo íntimo, mas, agora, eu o saudava com entusiasmo e ele, por sua vez, parecia encantado em me encontrar. Na exuberância daquela satisfação, convidei-o a almoçar comigo em Holborn e, juntos, tomamos um carro.

- Mas o que você andou fazendo, Watson? - perguntou, sem disfarçar seu espanto, enquanto sacolejávamos pelas congestionadas ruas de Londres. - Está magro como um sarrafo e escuro como uma noz.

Fiz um relato sucinto de minhas aventuras e, tão logo acabara de contá-las, chegamos ao nosso destino.

- Coitado! - ele disse, compadecido, depois de ouvir minhas desgraças. - E o que você vai fazer agora?

- Procurar um lugar para morar - respondi. - Meu problema é conseguir acomodações confortáveis por um preço razoável.

- Estranho - observou meu companheiro. - Você é a segunda pessoa que me diz isso hoje.

- E quem foi a primeira? - perguntei.

- Um sujeito que trabalha no laboratório químico do hospital. Estava se lamentando, esta manhã, por não encontrar ninguém com quem pudesse dividir as despesas de um ótimo apartamento que encontrou, mas demasiado caro para ele.

- Fantástico! - exclamei. - Se ele, de fato, quer alguém para dividir a casa e as despesas, sou a pessoa indicada. Prefiro ter um companheiro a morar sozinho.

O rapaz me olhou de modo estranho, por sobre seu copo de vinho.

- Você ainda não conhece Sherlock Holmes - disse. - Talvez não gostasse de tê-lo como companheiro permanente.

- Por quê? Qual o problema com ele?

- Bem, eu não disse que havia um problema. Acontece que ele tem idéias um pouco estranhas. É apaixonado por certas ciências. Mas, até onde sei, é uma boa pessoa.

- Um estudante de medicina, suponho.

- Não, não tenho a menor idéia sobre que carreira ele pretende seguir. É muito bom em anatomia e, também, um químico de primeira. Mas, que eu saiba, nunca frequentou um curso regular de medicina. Seus estudos são tão assistemáticos quanto excêntricos. Contudo os conhecimentos nada convencionais que acumulou deixariam boquiabertos seus professores.

- Você nunca perguntou a ele o que pretende seguir?

- Não, ele não é um homem fácil de desvendar, embora, algumas vezes, possa ser bastante comunicativo.

- Gostaria de conhecê-lo - disse. - Se vou morar com alguém, prefiro que seja com uma pessoa que estude e que tenha hábitos tranquilos. Não estou bastante forte para suportar barulho e excitação. O que tive, no Afeganistão, foi suficiente para o resto de minha vida. Como posso encontrar esse seu amigo?

- Deve estar no laboratório - respondeu. - Às vezes não aparece por várias semanas, noutras, trabalha lá da manhã à noite. Se quiser, podemos encontrá-lo depois do almoço.

- De acordo - respondi. E passamos a falar de outras coisas.

Enquanto caminhávamos para o hospital depois de deixar Holborn, Stamford me deu outros detalhes sobre o cavalheiro com quem eu pretendia morar.

- Não me responsabilize, se você não se der bem com ele - disse. - O que sei a seu respeito é tudo o que se pode saber em encontros casuais de laboratório. Você é que propôs essa parceria, não me culpe se algo der errado.

- Se não houver entendimento, será fácil separarmo-nos - respondi. - Está parecendo, Stamford - acrescentei, olhando com firmeza para meu companheiro - , que você tem alguma razão para se eximir neste assunto. Esse homem tem um temperamento terrível ou há alguma coisa mais? Não seja tão cauteloso; fale!

- Como é que se diz o inexprimível? - respondeu rindo, meu interlocutor. - Holmes é demasiado científico para o meu gosto. Aproxima-se da frialdade.

É o tipo do sujeito que faz um amigo ingerir uma pitada do último alcalóide vegetal, não por maldade, entenda, mas por espírito de investigação, porque quer ter uma idéia clara dos efeitos da droga. Por uma questão de justiça, é preciso que se diga que ele também estaria disposto a tomar o alcalóide. Parece ter paixão pelo conhecimento exato e definido.

- Por mim, não há nada de errado nisso.

- Sim, contanto que não se chegue a excessos. A situação muda de figura quando se passa a dar pauladas nos corpos na sala de dissecação.

- Dar pauladas nos corpos?

- Sim, para verificar quanto tempo depois da morte o corpo pode apresentar escoriações. Vi Holmes fazer isso com meus próprios olhos.

- E você diz que ele não é estudante de medicina?

- Não. Só Deus sabe o que ele estuda. Bem, aqui estamos, e você deve formar suas próprias impressões sobre ele.

Enquanto falávamos, dobramos para uma ruela estreita. Por uma portinha lateral, chegamos a uma ala do grande hospital. O cenário me era familiar e eu não precisava de guia para subir a fria escada de pedra e percorrer o longo corredor de paredes caiadas e portas cor de castanha. Antes de seu final, uma passagem em arco dava acesso a outras direções e por ela chegamos ao laboratório químico.

O lugar, amplo e imponente, estava entulhado com um sem-número de frascos. Mesas baixas e largas, espalhadas pelo salão. Eram cobertas por retortas, tubos de ensaios e pequenos bicos de Bunsen com trêmulas chamas azuis. Via-se apenas um estudante no laboratório. Ele estava curvado sobre uma mesa distante e absorvido em seu trabalho. Ao ouvir nossos passos, olhou em torno, erguendo-se com um grito de satisfação.

- Descobri! Descobri! - dizia a meu companheiro, enquanto corria a nosso encontro com um tubo de ensaio nas mãos. - Descobri um reagente que é precipitado pela hemoglobina e por nada mais!

Se tivesse descoberto uma mina de ouro, não poderia estar mais feliz.

- Dr. Watson, Sr. Sherlock Holmes - disse Stamford, apresentando-nos.

- Como vai? - disse cordialmente, apertando minha mão com uma força que eu não esperava que ele tivesse. - Vejo que esteve no Afeganistão.

- Como é que você sabe? - perguntei, atônito.

- Não importa - respondeu, rindo para si mesmo. - No momento, o que interessa é a hemoglobina. Sem dúvida, você percebe o significado dessa minha descoberta, não?

- É quimicamente interessante, sem dúvida - respondi -, mas do ponto de vista prático...

- Meu caro, esta é a mais prática descoberta médico-legal dos últimos anos! Não vê que é um teste infalível para manchas de sangue? Venha aqui!

Com impetuosidade, puxou-me pela manga do casaco, levando-me para a mesa onde esteve trabalhando.

- Vamos colher um pouco de sangue fresco - disse, enfiando uma agulheta comprida em seu dedo. Colheu o sangue numa pipeta. - Agora acrescento esta pequena quantidade de sangue a um litro de água. Como vê, a mistura resultante tem a aparência da água pura, porque a proporção de sangue não pode ser mais que um para um milhão. No entanto não tenho dúvida de que obteremos a reação característica.

Enquanto falava, colocou no recipiente alguns cristais brancos e adicionou algumas gotas de um fluido transparente. De imediato, o conteúdo assumiu uma cor escura como a do mogno, e um pó marrom precipitou-se no fundo do recipiente de vidro.

- Aha! - exclamou, batendo palmas e parecendo uma criança encantada com um brinquedo novo.

- O que acha disto?

- Parece um teste muito delicado - observei.

- Excelente! Excelente! O antigo teste com guaiaco era muito precário e impreciso. E pode-se dizer o mesmo do exame microscópico dos glóbulos vermelhos, que não ajudará em nada se a mancha de sangue já tiver algumas horas. Isto aqui, porém, parece agir tão bem em sangue fresco quanto em antigo. Se este teste já tivesse sido inventado, centenas de homens que andam por aí à solta estariam pagando seus crimes, há muito tempo.

- De fato! - murmurei.

- Casos criminais continuamente esbarram nesse ponto. Um homem é suspeito de crime, talvez, meses depois do ato ter sido cometido. Suas roupas íntimas ou exteriores são examinadas e encontram-se manchas pardas nelas. Serão manchas de sangue, lama, ferrugem, frutas ou do quê? Essa questão tem confundido muitos especialistas. E qual a razão? A não existência de um teste garantido. Agora, temos o teste Sherlock Holmes e não haverá mais dificuldade.

Seus olhos brilhavam enquanto ele falava e, com a mão no peito, curvou-se, como se agradecesse os aplausos de uma multidão imaginária.

- Você merece parabéns - comentei, bastante surpreso com seu entusiasmo.

- Houve o caso de Von Bischoff, em Frankfurt, no ano passado. Ele teria sido enforcado, se meu teste já existisse. Houve também o caso Mason, em Bradford; o do famoso Müller; o de Lefèvre, em Montpellier; o de Samson, em Nova Orleans. Eu poderia citar uma série de casos em que o teste teria sido decisivo.

- Você parece um catálogo ambulante do crime - disse Stamford, rindo. - Poderia publicar um jornal sobre isso com o nome de Notícias policiais do passado.

- Seria uma leitura interessante - observou Sherlock Holmes, colocando um emplastro no dedo espetado. - Preciso ter cuidado - continuou, virando-se para mim e sorrindo -, porque estou sempre às voltas com venenos.

Estendeu as mãos enquanto falava e verifiquei que havia muitos emplastos semelhantes nelas e que estavam descoradas devido ao uso de ácidos fortes.

- Viemos a negócio - disse Stamford, sentando-se num banco alto de três pernas e empurrando outro com o pé em minha direção. - Meu amigo, aqui, está procurando um lugar para se mudar e como você estava se queixando por não ter com quem dividir as despesas, achei que deveria fazer o contato entre vocês.

Sherlock Holmes pareceu encantado com a idéia de dividir sua moradia comigo.

- Estou de olho num apartamento da Baker Street - disse -, que seria ótimo para nós. Você não se incomoda com o cheiro de fumo forte, espero.

- Eu mesmo uso fumo de marinheiro - respondi.

- Ótimo. Geralmente tenho produtos químicos em casa e, às vezes, faço experiências. Isso o incomodaria?

- De maneira alguma.

- Deixe-me ver quais são meus outros defeitos.

Fico deprimido em algumas ocasiões e não abro a boca por vários dias. Não vá pensar que estou bravo quando fizer isso. Basta me deixar em paz que logo ficarei bem. E você, o que tem para confessar? É bom que dois sujeitos que pretendam morar juntos conheçam os piores defeitos um do outro, antes de fazê-lo.

Achei engraçado esse procedimento.

- Tenho um cachorrinho - disse - e faço restrição a barulho. Levanto em horas impróprias e sou extremamente preguiçoso. Tenho outros vícios, quando estou saudável, mas, no momento, esses são os principais.

- Você inclui violino na sua categoria de barulho? - perguntou Sherlock, ansioso.

- Depende do executante - respondi. - Um violino bem tocado é uma oferta aos deuses. Quando mal tocado, porém...

- Oh, está tudo bem! - exclamou com um sorriso satisfeito. - Podemos considerar o assunto resolvido. Isto é, se você gostar do apartamento.

- Quando iremos vê-lo?

- Venha aqui amanhã, ao meio-dia, e iremos juntos decidir isso - respondeu.

- De acordo. Ao meio-dia em ponto - disse, apertando sua mão.

Nós o deixamos trabalhando com suas químicas e caminhamos em direção ao hotel.

- A propósito - perguntei repentinamente, parando e voltando-me para Stamford -, como ele descobriu que vim do Afeganistão?

Meu companheiro deu um sorriso enigmático.

- Esta, exatamente, é sua pequena peculiaridade - disse. - Muita gente gostaria de saber como ele descobre as coisas.

- Ah! É um mistério? - exclamei, esfregando as mãos. - Muito interessante! Agradeço-lhe por haver nos apresentado. Como sabe, "o interessante ao gênero humano é o homem"

- Pois estude-o - disse Stamford, despedindo-se. - Vai ver que é bastante complicado. Aposto que ele saberá mais a seu respeito do que você sobre ele. Adeus.

- Adeus - respondi, e entrei no hotel, profundamente interessado na pessoa que acabara de conhecer.

2.

A Ciência da Dedução

Encontramo-nos no dia seguinte, conforme o combinado, e examinamos o apartamento 221 B da Baker Street. Eram dois quartos confortáveis e uma sala ampla e arejada, mobiliada com graça e iluminada por duas grandes janelas. A moradia era tão atraente e seu preço tão razoável, na medida em que seria dividido entre nós, que decidimos no ato e, na hora, tomamos posse das instalações.

Na mesma tarde, transportei meus pertences do hotel e, na manhã seguinte, Sherlock Holmes trouxe várias caixas e malas. Durante um ou dois dias, estivemos ocupados em desempacotar nossas coisas e dispô-las da melhor maneira. Feito isso, gradualmente fomos nos acomodando ao novo ambiente.

Não era difícil conviver com Holmes. Era um sujeito sossegado e com hábitos muito regulares. Era raro encontrá-lo em pé depois das dez da noite e, invariavelmente, quando eu levantava pela manhã, já tinha tomado café e saído. As vezes, passava o dia no laboratório químico; outras, na sala de dissecação, e havia ocasiões em que dava longas caminhadas às partes mais baixas da cidade.

A energia de Holmes, quando mergulhava no trabalho, era insuperável. Mas, depois, sobrevinha-lhe uma reação e ele passava os dias estirado sobre o sofá da sala, sem articular uma palavra e sem mover um músculo da manhã à noite. Nesses períodos, percebia uma expressão tão vaga e onírica em seus olhos, que teria suscitado do uso de algum narcótico, se a sobriedade e a correção de sua vida não me impedissem de pensar tal coisa.

À medida que as semanas passavam, meu interesse por ele e a curiosidade pelos objetivos de sua vida cresciam cada vez mais. Ele próprio, com sua aparência, chamava a atenção do observador mais casual.

Media em torno de um e oitenta de altura, mas era tão magro que dava impressão de ser ainda mais alto. Seu olhar era aguçado e penetrante, a não ser naqueles períodos de torpor a que já me referi. O nariz, fino e adunco como o de um falcão, dava ao semblante um ar de vivacidade e decisão. Também o queixo, quadrado e proeminente, caracterizava-o como homem de determinação. Suas mãos estavam sempre manchadas com tinta e produtos

químicos, mas seu toque era muito delicado, conforme pude observar inúmeras vezes, enquanto ele manipulava seus frágeis instrumentos de alquimista.

Talvez o leitor esteja me julgando um bisbilhoteiro incurável, porque confesso o quanto aquele homem espicaçava minha curiosidade e quantas vezes procurei romper todas as reticências presentes em tudo que dizia respeito a Sherlock Holmes. Antes de me julgar assim, porém, tenha presente o quanto minha vida carecia de objetivos e quão poucas coisas havia para despertar minha atenção. Minha saúde impedia que eu me aventurasse fora de casa, a menos que o tempo estivesse excepcionalmente bom. Não tinha amigos que pudessem me visitar, quebrando a monotonia de meus dias. Sob tais circunstâncias, desfrutava com ansiedade o pequeno mistério que cercava meu companheiro e passava a maior parte do tempo tentando decifrá-lo.

Holmes não estudava medicina. Ele próprio, em resposta a uma pergunta, confirmara a opinião de Stamford a esse respeito. Tampouco parecia ter freqüentado qualquer curso que lhe tivesse dado um título em ciência ou qualquer outro crédito que garantisse sua entrada no mundo acadêmico. No entanto sua dedicação a certos estudos era notável e, embora limitado a temas excêntricos, seu conhecimento era de extensão e minúcias extraordinárias. Suas observações me deixavam impressionado.

Sem dúvida, ninguém trabalharia de forma tão devotada nem acumularia informações tão precisas sem ter algum objetivo em vista. Leitores fortuitos dificilmente se destacam pela exatidão de seus conhecimentos.

Homem nenhum sobrecarregaria a mente com minúcias, sem ter uma boa razão para isso.

A ignorância de Holmes era tão notável quanto seu conhecimento. O que sabia de literatura, filosofia e política contemporâneas era praticamente nada. Quando citei Thomas Carlyle (*Thomas Carlyle (1795-1881). Escritor inglês, autor de numerosa obra no campo da história e do pensamento social. (N. do T.)*), ele me perguntou, da forma mais ingênua, de quem se tratava e o que havia feito.

Minha surpresa maior, porém, foi descobrir, incidentalmente, que ele desconhecia a Teoria de Copérnico e a composição do sistema solar. Encontrar um homem civilizado, em pleno século XIX, ignorando que a Terra gira em torno do Sol, era algo difícil de acreditar, de tão extraordinário.

- Você parece espantado - disse ele, rindo da minha surpresa. - Agora que sei, farei o possível para esquecer.

- Esquecer?

- Veja bem - explicou. - Para mim, o cérebro humano, em sua origem, é como um sótão vazio que você pode encher com os móveis que quiser. Um tolo vai entulhá-lo com todo tipo de coisa que for encontrando pelo caminho, de tal forma que o conhecimento que poderia ser-lhe útil ficará soterrado ou, na melhor das hipóteses, tão misturado a outras coisas que não conseguirá encontrá-lo quando necessitar dele. O especialista, ao contrário, é muito cuidadoso com aquilo que coloca em seu sótão cerebral. Guardará apenas as ferramentas de que necessita para seu trabalho, mas dessas terá um grande sortimento mantido na mais perfeita ordem. É um engano pensar que o quartinho tem paredes elásticas que podem ser estendidas à vontade. Chega a hora em que, a cada acréscimo de conhecimento, você esquece algo que já sabia. É da maior importância, portanto, evitar que informações inúteis ocupem o lugar daquelas que têm utilidade.

- Mas o sistema solar! - protestei.

- O que isso tem a ver comigo? - interrompeu com impaciência. - Você disse que giramos ao redor do Sol. Se girássemos em torno da Lua, não faria a menor diferença para mim e para meu trabalho.

Era o momento certo para perguntar-lhe que trabalho era esse, mas algo me dizia que a pergunta não seria bem recebida. Fiquei pensando sobre essa nossa breve conversa e procurei tirar minhas conclusões. Ele dissera que não adquiria conhecimentos que não servissem a seus objetivos. Portanto os conhecimentos que tinha eram os que serviam a seus objetivos.

Enumerei mentalmente os temas nos quais ele havia demonstrado ser excepcionalmente bem informado. Cheguei a pegar um lápis para anotá-los. Não pude deixar de sorrir quando completei a lista. Ficou assim:

Sherlock Holmes - seus limites

1. Conhecimento de literatura: nulo.

2. Conhecimento de filosofia: nulo.

3. Conhecimento de astronomia: nulo.

4. Conhecimento de política: fraco.

5. Conhecimento de botânica: variável. Entende de beladona, ópio e venenos em geral. Não sabe nada sobre plantas úteis.

6. Conhecimento de geologia: prático, mas limitado. Distingue, à primeira vista, diferentes tipos de solos. Depois de suas caminhadas, mostra-me manchas em suas calças e diz, a partir da cor e da consistência, de que parte de Londres são.

7. Conhecimento de química: profundo.

8. Conhecimento de anatomia: acurado, mas assistemático.
9. Conhecimento de publicações sensacionalistas: imenso. Parece conhecer cada detalhe de todos os horrores perpetrados neste século.
10. Toca violino bem.
11. Perito em esgrima e boxe. Um espadachim.
12. Bom conhecimento prático das leis inglesas.

Quando cheguei a esse ponto da lista, desanimado, joguei-a ao fogo.

- Se para descobrir o que esse sujeito faz preciso compor todos esses atributos e deduzir que profissão precisa de todos eles - disse para mim mesmo -, é melhor desistir logo.

Já me referi a seus dotes de violinista. Eram notáveis, mas tão excêntricos quanto suas outras habilidades. Tocava peças difíceis, eu sabia, pois, a meu pedido, havia executado *Lieder* (*Pequenas peças melodiosas, sentimentais e espirituosas que compõem as várias coleções dos Lieder ohne Worte* (Canções sem palavras), de Mendelssohn (compositor e regente alemão, 1809-1847). (N. do T.), de Mendelssohn, e outras de minha preferência. Por conta própria, porém, nunca executava qualquer música ou tentava alguma ária conhecida. À tardinha, recostava-se em sua poltrona e, olhos fechados, tocava sem atenção o violino, que pousava sobre os joelhos.

Às vezes os acordes eram sonoros e melancólicos; outras, fantásticos e animados. Com certeza, refletiam seus pensamentos, embora não se pudesse dizer se os acordes ajudavam-no a pensar ou se eram, apenas, o resultado de capricho ou fantasia. Eu teria me insurgido contra aqueles solos irritantes, se ele não costumasse encerrá-los com uma rápida sequência de minhas músicas preferidas, tocadas por inteiro, como uma compensação ao fato de ter abusado de minha paciência.

Durante a primeira semana, talvez um pouco mais, não recebemos visita alguma e eu já começara a pensar que meu companheiro, como eu, não tinha amigos. Vim descobrir, mais tarde, que tinha muitas relações e nas mais diversas classes sociais.

Havia um sujeitinho pálido, com olhos escuros e cara de rato, apresentado como Sr. Lestrade, que chegou a aparecer três ou quatro vezes numa só semana.

Uma manhã, veio uma jovem, muito bem vestida, que se demorou por uma meia hora ou mais. Nesse mesmo dia, à tarde, o visitante foi um senhor espigado e grisalho, parecendo ser um pequeno negociante judeu, que dava a impressão de estar muito excitado. Logo a seguir, apareceu uma mulher de

idade, com sapatos entortados pelo uso. Noutra ocasião, um cavaleiro de cabelos brancos teve uma entrevista com meu companheiro. Depois, recebeu um guarda de estrada de ferro vestido com um uniforme de algodão veludoso.

Quando surgia algum desses visitantes, Sherlock Holmes costumava pedir-me que desocupasse a sala de estar, e eu me retirava para meu quarto. Ele sempre se desculpava por isso.

- Tenho de usar a sala como lugar de trabalho - dizia -, e essas pessoas são meus clientes.

Era, mais uma vez, a oportunidade para perguntar-lhe o que fazia, mas, como nas outras ocasiões, a discrição me impediu de forçar alguém a confiar em mim. Imaginei, então, que teria alguma forte razão para não falar a respeito, mas ele desfez essa idéia, abordando o assunto espontaneamente.

Foi num quatro de março, tenho boas razões para lembrar a data. Eu havia levantado um pouco mais cedo que o habitual e Sherlock não terminara seu desjejum. A empregada, acostumada com o fato de eu levantar mais tarde, não preparara meu lugar à mesa nem minha refeição.

Com toda a irracional petulância de que um ser humano é capaz, toquei a sineta e disse-lhe, sumariamente, que estava aguardando. Peguei uma revista que estava sobre a mesa para passar o tempo, enquanto meu companheiro mastigava silenciosamente sua torrada. Um dos artigos havia sido sublinhado a lápis e, como é natural, minha atenção foi atraída por ele.

O título - "O livro da vida" - era um tanto pretensioso, e o autor desejava demonstrar o quanto um homem observador pode aprender com o exame acurado e sistemático do que está a seu redor. Pareceu-me uma notável mistura de absurdo e perspicácia. A argumentação era cerrada e intensa, mas as deduções tendiam ao exagero e à inconseqüência. Afirmava que uma expressão momentânea, uma contração de músculos ou um movimento de olhos podiam denunciar os pensamentos mais íntimos de um homem. Segundo ele, era impossível que alguém, treinado para a observação e a análise, errasse. Suas conclusões seriam tão infalíveis quanto as proposições de Euclides (*Matemático grego, viveu na primeira metade do século III a.C., autor de Elementos, obra dividida em treze livros, um dos mais notáveis compêndios de Matemática. (N. do T.)*). Aos não-iniciados, suas conclusões pareciam tão espantosas que, enquanto não conhecessem o método pelo qual ele havia chegado até elas, pensariam que se tratava de um bruxo.

“A partir de uma gota de água”, dizia o articulista, “um pensador lógico poderá inferir a possibilidade de um Atlântico ou de um Niágara, sem ter jamais visto um ou outro ou, sequer, ouvido falar a respeito.

Assim, a vida é uma grande cadeia, cuja natureza pode ser depreendida a partir do simples confronto com um de seus elos. Como todas as artes, a Ciência da Dedução e da Análise só pode ser adquirida mediante um longo e paciente aprendizado, mas a vida não é longa o bastante para permitir que um mortal atinja o mais alto grau de perfeição nessa área. Antes de voltar-se para esses aspectos morais e mentais da questão, que são os que apresentam as maiores dificuldades, o pesquisador deve começar pelo domínio dos problemas mais elementares. Ao conhecer um homem, que ele aprenda a deduzir, só por olhá-lo, qual sua história, seu ofício ou profissão. Por mais infantil que esse exercício possa parecer, desenvolve as faculdades de observação e ensina para onde se deve olhar e com que intenção. As unhas de um indivíduo, as mangas de seu casaco, seus sapatos, os joelhos de suas calças, os calos do indicador e do polegar, sua expressão, os punhos de sua camisa, todos esses detalhes revelam a profissão de um homem. E quase inconcebível que tudo isso reunido deixe de esclarecer um observador competente”.

- Quanto disparate! - desabafei, jogando a revista sobre a mesa. - Nunca li tanta bobagem na vida.

- O que é? - perguntou Sherlock Holmes.

- É este artigo - disse, apontando-o com a colher para o ovo, enquanto me preparava para iniciar o desjejum. - Você já o leu, está assinalado a lápis. Não nego que foi escrito com inteligência, mas é irritante. Sem dúvida, é teoria de desocupado, alguém que desenvolve todos esses pequenos paradoxos a portas fechadas em seu gabinete. Não é nada prático. Gostaria de vê-lo sacolejando num vagão de terceira classe do trem subterrâneo para perguntar-lhe quais as profissões de seus companheiros de viagem. Apostaria mil por um contra ele.

- Perderia seu dinheiro - observou Holmes calmamente. - Quanto ao artigo, eu o escrevi.

- Você?

- Sim. Tenho tendência a observar e a deduzir. As teorias que expus aí, e que lhe parecem tão fantasiosas, são extremamente práticas, tanto que dependo delas para comer e beber.

- E como? - perguntei sem querer.

- Bem, trabalho por conta própria. Imagino que seja o único no mundo com meu ofício. Sou um detetive-consultor, se entende o que quero dizer. Aqui,

em Londres, há muitos detetives particulares e a serviço do governo. Quando eles têm dificuldades, procuram por mim e tento colocá-los na pista certa. Apresentam-me todos os indícios e, graças a meus conhecimentos da história do crime, geralmente consigo encaminhá-los corretamente. Existe uma grande similaridade entre os delitos, de tal modo que, se você tem os detalhes de mil casos na cabeça, dificilmente deixará de resolver o milésimo primeiro. Lestrade é um detetive completo.

No entanto, há pouco tempo, atrapalhou-se com um caso de falsificação e veio me procurar.

- E aquelas outras pessoas?

- A maioria foi enviada por agências particulares de investigação. Têm algum problema e vêm em busca de esclarecimento. Escuto suas histórias; ouvem os comentários e eu embolso meu dinheiro.

- Você está querendo dizer - falei - que, sem sair de seu quarto, deslinda o mistério que outros não conseguem esclarecer, mesmo com conhecimento dos detalhes?

- Exato. Tenho uma certa intuição sobre esse tipo de coisa. Às vezes, surge um caso um pouco mais complexo. Então, tenho que andar por aí e ver as coisas com meus próprios olhos. Você sabe que tenho conhecimento especializado para aplicar à solução dos problemas, e isso facilita de modo fantástico a situação. As regras de dedução expostas no artigo, e que você considerou desprezíveis, são inestimáveis para meu trabalho prático. Observação é minha segunda natureza. Você ficou surpreso quando lhe disse, à primeira vez em que nos encontramos, que você havia estado no Afeganistão.

- Alguém lhe contou, sem dúvida.

- Nada disso. Eu sabia que você vinha do Afeganistão. Como o hábito é antigo, a seqüência de pensamentos se formou tão rápido em minha mente que cheguei à conclusão sem ter consciência das etapas intermediárias. No entanto elas existiram. A seqüência foi a seguinte: "Aqui temos um cavalheiro com aparência de médico, mas que também parece um militar. Trata-se de um médico do exército, portanto. Veio há pouco dos trópicos, porque seu rosto está bronzeado e esta não é a cor natural de sua pele, uma vez que seus pulsos são claros. Sofreu doenças e privações, seu rosto abatido denuncia isto. Feriram-lhe o braço esquerdo, pois ele o mantém rígido numa postura nada natural.

Em que lugar dos trópicos um médico do exército britânico enfrentaria dificuldades e poderia ter seu braço ferido? No Afeganistão, é claro". Toda essa

corrente de pensamentos não levou um segundo. Aí, comentei que você vinha do Afeganistão e deixei-o espantado.

- Do modo como você explica, tudo parece muito simples - ponderei, sorrindo. - Você me lembra o Dupin (*Personagem criado pelo poeta, crítico e ficcionista americano Edgar Allan Poe (1809-1849). Dupin é considerado o primeiro detetive do romance policial. (N. do T.)*), de Edgar Allan Poe. Nunca pensei que indivíduos como ele pudessem existir fora das páginas dos livros.

Sherlock Holmes ergueu-se e acendeu seu cachimbo.

- Com certeza, pensa estar me fazendo um cumprimento ao me comparar com Dupin - observou. - Bem, em minha opinião, Dupin era um tipo inferior.

Aquele truque de interromper o pensamento de seus amigos com um comentário oportuno, após um quarto de hora de silêncio, é exibicionista e superficial. Tinha um certo gênio analítico, sem dúvida. Mas, de maneira alguma, era o fenômeno que Poe imaginava que fosse.

- Já leu as obras de Gaboriau? - perguntei. (*Émile Gaboriau (1835-1873), ficcionista francês, autor de narrativas policiais que celebrizaram seu personagem, o detetive Lecoq. (N. do T.)*)

- Lecoq corresponde a sua idéia de detetive?

Sherlock fungou com sarcasmo.

- Lecoq era um pobre estúpido - disse, com irritação. - A única coisa que o recomendava era sua energia. Esse livro me deixou doente. A questão era identificar um prisioneiro desconhecido. Eu o teria feito em vinte e quatro horas. Lecoq levou seis meses ou mais. Esse deveria ser o livro didático dos detetives: para ensinar-lhes o que não deveriam fazer!

Eu estava realmente indignado por ver tratados dessa forriza dois personagens que tanto admirava. Caminhei até a janela e fiquei olhando o movimento da rua.

"Esse sujeito pode ser muito esperto", pensei, "mas, sem dúvida, é muito arrogante".

- Hoje em dia, não há mais crimes nem criminosos - disse ele, lamentando-se. - De que adianta cérebro em nossa profissão? Sei que tenho inteligência suficiente para ser um nome famoso. Não há e jamais houve alguém com a profundidade de conhecimentos e o talento natural para a investigação de crimes que tenho. E para quê? Não há crimes para desvendar. No máximo, alguma vilania mal executada e causada por motivos tão transparentes, que até um oficial da Scotland Yard consegue resolver.

A presunção com que falava me aborrecia e resolvi mudar de assunto.

- O que aquele sujeito estará procurando? - perguntei, apontando para um homem forte, vestido com simplicidade, que caminhava devagar, no outro lado da calçada, observando com ansiedade os números das casas. Trazia um grande envelope azul na mão e, sem dúvida, estava encarregado de entregar uma mensagem.

- Está falando daquele ex-sargento da Marinha? - perguntou Holmes.

"Mas que fanfarrão!", pensei. "Sabe que não posso confirmar uma coisa dessas."

Mal tinha esse pensamento me ocorrido, quando o homem que observávamos viu o número da nossa casa e, com rapidez, atravessou a rua. Ouvimos uma batida forte, uma voz grave no andar de baixo e, a seguir, passos pesados na escada.

- Para o Dr. Sherlock Holmes - disse, entrando na sala e estendendo a carta a meu amigo.

Ali estava a oportunidade para acabar com tanta presunção. Holmes não previra isto fazendo a observação ao acaso.

- Posso perguntar-lhe, jovem - falei com a maior suavidade possível -, qual a sua profissão?

- Mensageiro, senhor - respondeu com aspereza. - Estou sem uniforme porque foi preciso consertá-lo.

- E o que fazia antes? - perguntei, dirigindo a meu companheiro um olhar enviesado e malicioso.

- Era sargento, senhor, da Real Infantaria Ligeira da Marinha. Não há resposta, Sr. Holmes? Perfeito, senhor.

Bateu nos calcanhares, ergueu a mão em continência e se foi.

3.

O Mistério de Lauriston Gardens

Confesso que fiquei bastante impressionado com a nova prova de praticidade das teorias de meu amigo.

Meu respeito por sua capacidade analítica cresceu de forma considerável. No entanto permanecia em minha mente uma secreta suspeita de que tudo não passava de um episódio montado para me deslumbrar, embora não conseguisse perceber a intenção que o teria levado a agir assim. Holmes terminara de ler a correspondência e havia em seus olhos aquela expressão vaga e sem brilho que revela mergulho em alguma abstração.

- Como pôde deduzir aquilo? - perguntei.

- Deduzir o quê? - respondeu com petulância.

- Ora, que ele era um sargento reformado da Marinha.

- Não tenho tempo para falar de bagatelas - respondeu de maneira brusca, porém, em seguida, sorrindo, falou: - Desculpe minha grosseria. Você cortou o fio de meu pensamento. Mas, talvez, tenha sido melhor. Então, voce nao foi mesmo capaz de perceber que aquele homem era um sargento da Marinha?

- Realmente não.

- Percebê-lo foi mais fácil do que tentar explicar agora como foi que o consegui. Se lhe pedirem para provar porque dois mais dois são quatro, você pode encontrar uma certa dificuldade, embora não tenha a menor dúvida a respeito. Mesmo o homem estando do outro lado da rua, pude ver uma grande âncora azul tatuada no dorso de sua mão. Ora, isso remete a mar.

Além disso, ele tinha postura militar e usava suíças à moda da Marinha. Aparentava uma certa importância de quem costuma comandar. Você deve ter observado a maneira como ele mantinha a cabeça e balançava a bengala. Seu rosto era o de um homem de meia-idade seguro e respeitável. A soma de tudo isso me levou a dizer que ele tinha sido um sargento.

- Fantástico! - exclamei.

- É banal - disse Holmes, embora sua expressão denunciasse que minha visível surpresa e a admiração que sentia por ele o deixavam muito satisfeito. - Há pouco eu dizia que não existiam mais criminosos. Parece que me enganei. Veja isto!

Passou-me a carta que acabara de receber do mensageiro.

- Que é isso?! - exclamei, quando pus meus olhos nela. - É terrível!

- Parece um tanto fora do comum. Você se importa de ler em voz alta para mim?

Esta foi a carta que li para ele:

Caro Sr. Sherlock Holmes,

Houve uma grave ocorrência esta noite, em Lauriston Gardens, 3, perto de Brixton Road.

Nosso policial de ronda viu uma luz nessa casa por volta das duas da manhã e, como a residência não estivesse habitada, suspeitou que houvesse algo errado.

Encontrou a porta aberta e, na sala da frente, vazia de qualquer móvel, encontrou o corpo de um cavalheiro bem vestido, cujos cartões de visita no bolso traziam o nome de "Enoch J. Drebbler, Cleveland, Ohio, U.S.A. ".

Não houve roubo nem qualquer evidência sobre a maneira como o homem morreu. Há marcas de sangue na sala, mas o corpo não apresenta ferimentos. Não sabemos o que ele fazia numa casa desocupada. A história toda é um enigma. Se puder ir até a casa antes das doze horas, poderá me encontrar lá. Deixei tudo como estava, até ter notícias suas. Se não puder vir, mandarei maiores detalhes e serei muito grato se tiver a bondade de manifestar sua opinião.

Atenciosamente,

Tobias Gregson

- Gregson é o homem mais esperto da Scotland Yard - observou meu amigo. - Ele e Lestrade são os únicos que valem alguma coisa naquela corporação. São rápidos e enérgicos, mas convencionais... tremendamente convencionais. E rivalizam um com o outro. São ciumentos como um par de beldades profissionais. Vai ser divertido se ambos tiverem sido designados para o caso.

Eu estava espantado com a calma com que ele sussurrava essas palavras.

- Sem dúvida, não há um momento a perder - exclamei. - Chamo um carro para você?

- Não estou certo se devo ir ou não. Sou o sujeito mais preguiçoso que já pisou neste mundo... Isto é, às vezes, porque noutras sou bastante ativo.

- Ora, mas esta é a oportunidade que você tanto esperava!

- Meu querido amigo, que diferença fará para mim? Suponha que eu venha a desvendar o caso todo.

Pode estar certo de que Gregson, Lestrade & Companhia irão faturar todo o crédito. É o que acontece quando não se é um investigador oficial.

- Mas ele está pedindo sua ajuda.

- Sim. Ele sabe que sou superior a ele; reconhece isso. Mas seria capaz de cortar a própria língua antes de admiti-lo diante de uma terceira pessoa. Mesmo assim, vamos dar uma espiada lá. Vou trabalhar a meu modo. Se não der em nada, pelo menos vou rir deles. Vamos lá!

Vestiu o sobretudo, movendo-se de maneira a deixar claro que a apatia cedera lugar a uma enérgica disposição.

- Pegue seu chapéu - disse.

- Você quer que eu vá?

- Sim, se você não tem nada melhor para fazer.

Um minuto depois, estávamos em um carro e, a toda velocidade, rumávamos para Brixton Road.

A manhã era sombria e nebulosa e um véu castanho pairava sobre os telhados como se fosse o reflexo das ruas lamacentas sob ele. Meu companheiro estava com ótima disposição e falava sobre violinos de Cremona e a diferença entre um Stradivarius e um Amati.

Quanto a mim, ia calado, porque o mau tempo e o melancólico assunto em que estávamos envolvidos me deprimiam.

- Você não parece dar muita importância ao assunto que tem pela frente - falei finalmente, interrompendo a explanação musical de Holmes.

- Não tenho dado nenhum - respondeu. - É um grande erro teorizar antes de ter todos os indícios. Prejudica o raciocínio.

- Você terá seus dados em breve - observei, apontando com o dedo. - Aqui é Brixton Road e, se não estou enganado, a casa é aquela.

- É aquela. Pare, cocheiro, pare!

Estávamos a uns cem metros aproximadamente do local, mas ele insistiu em descer ali mesmo, de modo que completamos o percurso a pé.

A casa número três de Lauriston Gardens tinha uma aparência fatídica e ameaçadora. Era uma entre quatro casas construídas um pouco afastadas da rua.

Duas delas estavam ocupadas; duas permaneciam sem moradores. A de número três espiava a rua por três fileiras de janelas tristes e vazias, que seriam ainda mais desoladoras e funestas, não fossem os cartazes de "Aluga-se" que,

como cataratas, cobriam algumas das vidraças turvas. Um pequeno jardim em que árvores anêmicas haviam sido salpicadas, distantes umas das outras, separava cada casa da rua. Atravessava-o uma senda estreita e amarelada, feita com o que parecia ser uma mistura de saibro e argila. A chuva durante a noite deixara o lugar lamacento e úmido.

O jardim era cercado por uma parede de tijolos de mais ou menos um metro, encimada por um gradeado de madeira. Contra essa parede, recostava-se um forte policial, cercado por um pequeno grupo de desocupados que aguçavam os olhos e espichavam os pescoços na esperança vã de perceber numa olhadela o que acontecia no interior.

Eu havia imaginado que, tão logo chegasse, Sherlock Holmes correria em direção à casa no afã de mergulhar no estudo do mistério. Nada poderia estar mais longe de sua intenção do que isso. Com um ar displicente que, naquelas circunstâncias, parecia bem próximo à afetação, pôs-se a caminhar de um lado para outro na calçada, olhando vagamente o chão, o céu, as outras casas e o gradeado sobre o muro. Terminada essa observação, percorreu lentamente a senda do jardim, ou melhor, o gramado que o margeava, com os olhos cravados no chão.

Parou por duas vezes e, numa delas, eu o vi sorrir.

A certa altura, deixou escapar uma exclamação satisfeita. Havia muitas pegadas no solo molhado e argiloso. Mas como a polícia tinha ido e vindo por ali, não podia compreender o que ele pretendia encontrar no solo. No entanto já tivera provas extraordinárias da agilidade de suas faculdades e não duvidava de que ele pudesse estar vendo muitas coisas que, para mim, eram invisíveis.

Fomos recebidos à entrada da casa por um homem alto e claro, cabelos cor de palha, com um caderno de anotações na mão, é que correu em direção a Holmes, apertando sua mão com entusiasmo.

- Foi muito gentil em ter vindo - disse ele. - Nada foi tocado.

- Exceto lá! - respondeu meu amigo, apontando para a senda do jardim. - Se uma manada de búfalos tivesse passado por ali, a confusão não teria sido maior. Sem dúvida, Gregson, você tirou suas próprias conclusões, antes de permitir que acontecesse tal coisa.

- Tive tanto que fazer dentro da casa! - respondeu evasivo o detetive. - Meu colega, o Sr. Lestrade está aqui. Confiei que ele cuidaria dessa parte.

Holmes me olhou de relance, erguendo as sobrancelhas com ar sarcástico.

- Com homens como você e Lestrade no caso, não haverá muita coisa para um terceiro descobrir - disse.

Gregson esfregou as mãos, satisfeito.

- Creio que fizemos tudo que era para ser feito - respondeu. - No entanto trata-se de um caso estranho e conheço sua predileção por esse tipo.

- Veio para cá de carro? - perguntou Sherlock Holmes.

- Não.

- E Lestrade?

- Também não.

- Então vamos dar uma olhada na sala.

Com essa observação inconseqüente entrou na casa e Gregson o seguiu com um ar de espanto no rosto. Um pequeno corredor, com o pavimento descoberto e empoeirado, levava à cozinha e às áreas de serviço. Tinha duas portas: uma à direita e outra à esquerda. Uma delas, era evidente, estivera fechada por várias semanas. A outra dava passagem à sala de jantar, dependência onde ocorrera o estranho caso. Holmes entrou e eu o segui com aquele sentimento de opressão no peito que a presença da morte costuma provocar.

A sala era ampla e quadrada e a total ausência de mobília dava a impressão de que era ainda maior. Um papel vulgar e muito vistoso forrava as paredes, mas, em vários lugares, estava manchado de mofo e, em algumas partes, rasgara-se em grandes tiras que, penduradas, deixavam ver o reboco amarelo. Frente à porta, havia uma pomposa lareira que acabava em uma platibanda de falso mármore branco. Em um canto havia um toco de vela vermelha. A única janela estava tão suja que apenas filtrava uma luz fosca e incerta, tingindo tudo de uma tonalidade cinza, intensificada pela espessa camada de poeira que a tudo cobria.

Todos esses detalhes só observei mais tarde. No momento, minha atenção estava centrada tão-somente naquela figura imóvel e perturbadora que jazia estendida no chão com olhos vazios e estáticos voltados para o teto desbotado. O homem devia ter uns quarenta e três ou quarenta e quatro anos e era de estatura média.

Seus ombros eram largos, o cabelo crespo e preto e tinha uma barba curta e cerrada. Vestia fraque e colete de tecido grosso e de boa qualidade, calças claras e colarinho e punhos imaculados. Uma cartola bem-feita e escovada encontrava-se ao lado dele. Suas mãos estavam crispadas e os braços, abertos. Suas pernas, porém, estavam contorcidas, sugerindo uma agonia sofrida. O rosto rígido guardava uma expressão de terror e, segundo me pareceu, também de um ódio que eu jamais vira em rosto humano.

Aquela contorção maléfica e terrível, somada à testa baixa, ao nariz chato e ao queixo proeminente, dava ao morto uma peculiar aparência simiesca, acentuada pela posição antinatural. Eu já vira a morte sob vários aspectos, mas nenhum tão assustador como aquele que encontrei naquela peça escura e sinistra de uma casa situada numa das principais artérias suburbanas de Londres.

Lestrade, alto e magro, semelhante a um furão, estava parado junto à porta e cumprimentou a mim e a meu companheiro.

- Este caso vai dar o que falar - comentou. - Supera tudo que já vi, e olha que não comecei ontem.

- Nenhuma pista?

- Nada - respondeu Lestrade.

Sherlock Holmes aproximou-se do corpo e, ajoelhando-se, examinou-o atentamente.

- Vocês têm certeza de que não há ferimentos? - perguntou, apontando para as numerosas gotas e salpicos de sangue que havia em redor.

- Nenhum - disseram ambos.

- Então, é claro, este sangue pertence a um outro indivíduo, provavelmente o assassino, se é que foi cometido assassinato. Isto me lembra as circunstâncias em que morreu Van Jansen, em Utrecht, em 1834. Lembra do caso, Gregson?

- Não, não lembro.

- Pois procure ler a respeito... Realmente, deve fazê-lo. Não há nada de novo sob o sol. Tudo já foi feito.

Enquanto falava, seus dedos ágeis voavam de um lado para outro, apalpando, pressionando, desabotoando, examinando. Os olhos tinham aquela expressão distante que mencionei. Fazia esse exame com tanta rapidez que, dificilmente, alguém avaliaria o detalhamento com que era processado. Ao final, cheirou os lábios do homem morto e olhou as solas de suas finas botas de couro.

- Não o removeram do lugar. Apenas o necessário para o exame.

- Podem levá-lo para o necrotério - disse. - Não há mais nada para examinar.

Gregson dispunha de uma maca e de quatro homens. Atendendo a seu chamado, eles entraram na sala e ergueram o morto. Nesse momento, uma aliança caiu e rolou pelo chão. Lestrade a apanhou, olhando para ela deslumbrado.

- Houve uma mulher aqui - gritou. - Isto é uma aliança de mulher.

Colocou-a na palma da mão, enquanto falava.

Nós o cercamos, olhando para a jóia. Não havia dúvida de que aquele simples aro de ouro havia adornado o dedo de uma noiva.

- Isto complica as coisas - disse Gregson. - E, meu Deus, elas já estão bastante complicadas.

- Tem certeza de que não as simplifica? - observou Holmes. - Não vamos descobrir nada simplesmente olhando para esta aliança. O que foi encontrado em seus bolsos?

- Temos tudo aqui - disse Gregson, apontando um punhado de objetos que estava sobre um dos degraus mais baixos da escada. - Um relógio de ouro, número 97163, da Casa Barraud, de Londres; uma corrente de ouro Albert, maciça e muito pesada; um anel de ouro com o símbolo maçônico; um alfinete de gravata de ouro, em forma de cabeça de bulldogue, com olhos de rubi; uma carteira de couro russo com cartões de Enoch J. Drebber, de Cleveland, correspondente às iniciais E.J.D. na roupa íntima. Não trazia carteira de notas, mas dinheiro trocado no valor de sete libras e treze xelins. Tinha uma edição de bolso do *Decameron* (*Coleção de contos picarescos de Boccaccio (1313-1375), escritor italiano. (N. do T.)* de Boccaccio, com o nome de Joseph Stangerson na primeira folha. Havia, ainda, duas cartas: uma endereçada a E.J. Drebber e outra a Joseph Stangerson.

- Para que endereço?

- American Exchange, Strand, para serem entregues quando reclamadas pelos destinatários. Ambas foram enviadas pela Companhia de Navegação Guion e tratam da partida de seus barcos de Liverpool. É claro que este pobre homem estava para voltar a Nova York.

- Investigou esse Stangerson?

- Imediatamente - disse Gregson. - Enviei anúncios a todos os jornais e um de meus homens foi ao American Exchange, mas ainda não voltou.

- Fez contato com Cleveland?

- Telegrafei esta manhã.

- O que você disse?

- Apresentamos os fatos com os devidos detalhes e dissemos que apreciaríamos qualquer informação que pudesse nos ajudar.

- Perguntou por alguma coisa em particular, algo que lhe parecesse importante?

- Pedi informações sobre Stangerson.

- Nada mais? Não há nenhuma circunstância sobre a qual o caso pareça se assentar? Irá telegrafar mais uma vez?

- Disse tudo o que tinha para dizer – respondeu Gregson, ofendido.

Sherlock Holmes riu consigo mesmo e parecia querer fazer alguma observação quando Lestrade, que permanecia na peça em frente, enquanto conversávamos no corredor, reapareceu em cena, esfregando as mãos com pompa e satisfação.

- Sr. Gregson - disse -, fiz uma descoberta da maior importância. Algo que passaria despercebido, não tivesse eu feito um cuidadoso exame das paredes.

Os olhos do homenzinho brilhavam enquanto ele falava, e - era evidente - estava exultante por ter marcado um ponto contra seu colega.

- Venham cá! - chamou, voltando para a sala cuja atmosfera parecia, agora, mais leve, devido à remoção de seu tétrico inquilino. - Fiquem aqui!

Riscou um fósforo na bota e ergueu-o até a parede.

- Vejam isto! - disse, triunfante.

Já mencionei que o papel de parede havia se rompido em tiras. Nesse canto da sala, uma tira grande se desprendera, deixando exposto um quadrado amarelado de áspero reboco. Nesse espaço descoberto, estava rabiscado, em letras de sangue, uma única palavra: rache.

- Que acha disso? - perguntou o detetive, com ares de artista exibindo seu espetáculo. - Ninguém viu porque estava no canto mais escuro da sala e não se pensou em examinar aqui. O assassino ou a assassina escreveu isto com seu próprio sangue. Vejam a mancha que escorreu pela parede. Isto, de certa forma, afasta a idéia de suicídio. Por que terá escolhido este canto? Eu explico a vocês. Observem aquela vela sobre a lareira. Estava acesa na hora e, portanto, este canto era o mais iluminado, em lugar de ser, como agora, o mais escuro da parede.

- E o que significam essas letras que você descobriu? - perguntou Gregson com desdém.

- O que significam? Ora, que a pessoa ia escrever o nome feminino Rachel, mas que foi interrompida, antes que pudesse terminá-lo. Guardem minhas palavras: quando este caso começar a ser esclarecido, descobrirão que uma mulher de nome Rachel tem algo a ver com ele. Pode rir, Sr. Sherlock Holmes. O senhor é muito esperto e inteligente, mas verá, quando tudo tiver terminado, que o velho cão de caça é o melhor.

- Sinceramente, desculpe! - disse meu companheiro, que o havia irritado com um acesso de riso.

- Sem dúvida, você tem o crédito de ser o primeiro de nós a descobrir esse indício. E, como disse, tudo indica que se trata de algo escrito pelo outro participante do mistério da noite passada. Ainda não tive tempo para examinar a sala, mas, com sua licença, vou fazê-lo agora.

Enquanto falava, tirou do bolso uma fita métrica e uma grande lente de aumento redonda. Munido desses dois instrumentos, pôs-se a caminhar pela sala, rápido, mas silencioso. Às vezes, parava; outras, ficava de joelhos e, em uma ocasião, estirou-se de bruços no chão. Tão envolvido estava nessa ocupação, que parecia ter esquecido de nossa presença, pois falava consigo mesmo, o tempo todo, soltando exclamações, resmungos, gritos e assobios de estímulo e coragem.

Observando-o, era inevitável a comparação com um cão de caça puro-sangue bem treinado, correndo de um lado para outro atrás da presa e ganindo de ansiedade pelo momento em que iria farejá-la. Por vinte minutos ou mais, ele continuou em suas buscas, aferindo meticulosamente distâncias entre marcas invisíveis para mim e, uma vez ou outra, medindo a parede com a fita métrica num procedimento que me era incompreensível. A certa altura, colheu do assoalho, com todo o cuidado, um montinho de pó acinzentado, guardando-o em um envelope. Por fim, examinou com a lente a palavra grafada na parede, analisando cada letra da forma mais detida. Feito isso, pareceu satisfeito, porque guardou a lente e a fita métrica no bolso.

- Dizem que gênio é quem tem uma capacidade infinita para o trabalho - Holmes comentou com um sorriso. - Essa é uma definição muito ruim, mas se aplica no caso do trabalho de detetive.

Gregson e Lestrade haviam observado as manobras de seu companheiro amador com muita curiosidade e com um certo desprezo. Era evidente que eles não conseguiam perceber algo que eu começara a descobrir: as ações mais insignificantes de Sherlock Holmes eram totalmente dirigidas a um fim prático e definido.

- O que acha de tudo isso? - perguntaram.

- Eu estaria roubando-lhes o crédito do caso, se pretendesse ajudá-los - comentou meu amigo. - Vocês estão se saindo tão bem que a interferência de um terceiro seria lamentável. - Havia toneladas de sarcasmo em sua voz. - Se vocês me mantiverem informado do andamento de suas investigações - prosseguiu -, terei prazer em ajudá-los no que puder. Enquanto isso, gostaria de falar com o policial que encontrou o corpo. Poderiam me dar o nome e o endereço dele?

Lestrade consultou seu caderno de notas.

- John Rance - disse. - Está de folga, mas poderá encontrá-lo em Audley Court, 46, Kennington Park Gate.

Holmes anotou o endereço.

- Venha, doutor - disse, dirigindo-se a mim. - Vamos visitá-lo.

Em seguida, voltou-se para os detetives.

- Vou dizer-lhes algo que poderá ajudá-los no caso. Houve um homicídio e o assassino era homem. Tem mais de um metro e oitenta de altura, é jovem, seus pés são pequenos para seu porte, usa botas grosseiras de bico quadrado e fumou um charuto Trichinopoly.

Chegou aqui com a vítima num carro de quatro rodas puxado por um cavalo com três ferraduras velhas e uma nova na pata dianteira. É bastante provável que o assassino tenha o rosto corado e que suas unhas da mão direita sejam bastante longas. São apenas alguns detalhes, mas podem ajudar.

Lestrade e Gregson entreolharam-se com um sorriso de incredulidade.

- Se esse homem foi assassinado, como foi feito? - perguntou o primeiro.

- Veneno - disse Sherlock Holmes de forma lacônica. - Outra coisa, Lestrade - acrescentou, virando-se da porta. - Rache é vingança em alemão. Portanto não perca tempo atrás de nenhuma Rachel.

Depois desse lance definitivo, afastou-se, deixando atrás de si, boquiabertos, os dois rivais.

4.

O que John Rance Tinha a Dizer

Era uma hora quando saímos da casa número três de Lauriston Gardens. Acompanhei Sherlock Holmes ao posto de telégrafo mais próximo, de onde ele expediu um longo telegrama. Depois disso, chamou um carro e ordenou ao cocheiro que nos levasse ao endereço fornecido por Lestrade.

- Nada melhor que um indício colhido na fonte - observou. - Na realidade, já tenho opinião formada sobre o caso, mas ainda podemos saber mais sobre ele.

- Você me espanta, Holmes. É claro que não está tão seguro quanto aparenta a respeito de todos os detalhes a que se referiu.

- Não há margem para erro - respondeu. - A primeira coisa que observei, quando lá cheguei, foi que as rodas de um carro haviam feito dois sulcos perto do meio-fio. Não chovera por uma semana antes da noite passada, portanto, se as rodas deixaram marcas tão profundas, isso só poderia ter acontecido durante a noite. Além disso, percebi as marcas dos cascos. O contorno de um deles estava bem mais marcado que o dos outros três, indicando que uma das ferraduras era nova. Uma vez que o carro esteve lá depois que começou a chover, e nenhum carro parou por ali durante a manhã, conforme afirmou Gregson, conclui-se que as marcas foram feitas durante a noite e, por conseguinte, são do carro que trouxe os dois indivíduos para a casa.

- Até aí parece simples - comentei -, mas e a dedução a respeito da altura do homem?

- Ora, de nove em cada dez casos, a altura de um homem pode ser aferida pela extensão de seus passos. É um cálculo simples, mas não vou aborrecê-lo com a demonstração. Eu tinha suas pegadas no barro, lá fora, e na poeira que havia dentro da casa. Além disso, eu podia testar meu cálculo de outra maneira. Quando alguém escreve na parede, o faz, instintivamente, à altura dos olhos. Ora, a palavra foi grafada a cerca de um metro e oitenta do chão. Foi brincadeira de criança.

- Mas, e a idade? - perguntei.

- Bem, se um homem pode dar passadas de um metro e vinte sem grande esforço, está em pleno apogeu da forma física. Essa era a largura de um charco no jardim que ele evidentemente atravessou numa passada. As botas finas de

couro o contornaram, e os bicos quadrados o saltaram. Não há nenhum mistério nisso. Tudo que estou fazendo é aplicar na vida real os preceitos de observação e dedução de que falava no artigo. Algo mais intriga você?

- O que você falou sobre as unhas e o charuto Trichinopoly.

- A palavra foi escrita na parede com um indicador molhado em sangue. Com a lente, pude observar que o reboco foi um pouco arranhado durante o ato, o que não teria acontecido se a unha do homem estivesse aparada. Ficou um pouco de cinza espalhada pelo chão. Era escura e laminada, como a cinza que só um Trichinopoly produz. Fiz um estudo especial sobre cinzas de charuto. Na realidade, trata-se de uma monografia sobre o tema. Eu me vanglorio de poder distinguir num relance a cinza de qualquer marca de charuto ou cigarro. São nesses detalhes que um detetive especializado se distingue dos Gregsons e dos Lestrades da vida.

- E quanto ao rosto corado? - perguntei.

- Ah, isso foi uma ousadia, embora eu não tenha dúvida de que estou certo. Não me pergunte como é que sei tal coisa a esta altura da investigação.

Passei a mão na testa.

- Minha cabeça está dando voltas - comentei.

- Quanto mais eu penso, mais misterioso me parece esse caso. Como foi que esses dois homens, se é que eram dois homens, vieram parar nessa casa vazia? O que foi feito do cocheiro que os levou lá? De que modo o assassino compeliu o outro a tomar veneno? E o sangue, de onde veio? Qual teria sido a razão do assassinato, uma vez que não houve latrocínio? Por que aquela aliança de mulher estava lá? E, sobretudo, por que alguém escreveria a palavra alemã rache antes de sair? Confesso que não consigo conciliar todos esses fatos.

Meu companheiro deu um sorriso de aprovação.

- Você reuniu as dificuldades da situação de modo, ao mesmo tempo, próprio e sucinto - disse. - Muita coisa permanece obscura, embora eu já tenha resolvido os fatos principais. Quanto à descoberta do pobre Lestrade, é apenas uma tentativa de desviar a polícia para pistas falsas, simulando indícios de que se trata de algo referente a socialismo ou sociedades secretas. A letra a, não sei se você notou, foi grafada mais ou menos à maneira alemã. Ora, um alemão geralmente o grafa à latina, quando se trata de atrair à imprensa. Portanto não foi escrito por um alemão, mas por um imitador desajeitado que exagerou seu papel. Apenas um ardil para desviar a investigação do caminho certo. Não vou dizer-lhe mais nada sobre o caso, doutor. Sabe que um mágico perde o prestígio ao explicar seu truque. Além disso, se eu lhe desvendar meu método de

trabalho, acabará concluindo que eu, afinal de contas, sou um indivíduo bastante comum.

- Jamais pensaria assim - respondi. - Você, como ninguém jamais o fez no mundo, aproximou a dedução das ciências exatas.

Meu companheiro enrubesceu de prazer ao ouvir minhas palavras e ao perceber a seriedade com que eu as pronunciava. Eu já havia observado que ele era tão sensível a elogios a sua arte quanto uma menina a respeito de sua beleza.

- Vou lhe dizer mais uma coisa - acrescentou.

- O Sr. Finas Botas de Couro e o Sr. Bicos Quadrados vieram juntos no mesmo carro e caminharam juntos pela senda do jardim da forma mais amigável. É provável, até, que a tenham percorrido de braços dados. Entraram na casa e ficaram andando de um lado para outro. Ou melhor, o Sr. Finas Botas de Couro ficou parado, enquanto o Sr. Bicos Quadrados andava.

Pude ler tudo isso na poeira do assoalho, assim como pude ver que, à medida que conversavam, tornavam-se cada vez mais excitados. A largura crescente das passadas indica isso. Falava o tempo todo, ficando cada vez mais furioso. Então, ocorreu a tragédia. Disse-lhe tudo o que sei até o momento; o resto é suposição e conjectura. Temos, no entanto, uma boa base para começar a trabalhar. Vamos nos apressar. Pretendo ouvir Norman-Neruda, esta tarde, em um concerto no Hallé.

Esta conversa ocorreu enquanto nosso carro percorria uma longa sucessão de ruas escuras e becos tristes. Na rua mais escura e triste delas todas, nosso cocheiro parou subitamente.

- Ali é Audley Court - disse, apontando para uma passagem estreita numa parede de tijolos desbotados. - Quando voltarem, estarei aqui.

Audley Court não era um local atraente. A passagem estreita conduzia a uma área quadrangular pavimentada com lajes e margeada por moradias sórdidas.

Abrimos caminho entre bandos de crianças sujas e varais de roupa já sem cor até o número quarenta e seis. A porta era decorada com uma pequena placa de latão na qual estava gravado o nome Rance. Perguntamos por ele e soubemos que estava na cama. Fomos encaminhados para uma saleta e lá aguardamos.

O guarda apareceu logo depois, parecendo um pouco irritado por termos perturbado seu descanso.

- Já apresentei meu relatório no posto - disse.

Holmes tirou meio soberano (*Moeda inglesa de ouro equivalente a dez xelins*. (N. do T.) de seu bolso e ficou brincando pensativamente com a moeda.

- Pensamos que seria melhor ouvir tudo de seus próprios lábios - disse.

- Terei o máximo prazer em contar-lhe tudo - respondeu o guarda com os olhos postos na pequena moeda de ouro.

- Basta que nos diga, com suas palavras, tudo o que aconteceu.

Rance sentou-se no sofá e franziu a testa, determinado a não omitir nada em sua narrativa.

- Vou contar toda a história desde o começo - disse. - Dou serviço das dez da noite às seis da manhã.

Às onze, houve uma briga no White Hart, mas, fora isto, tudo esteve tranqüilo. A uma hora começou a chover e encontrei Harryuurner, que faz a ronda em Holland Grove, e ficamos conversando na esquina da Henrietta Street. Um pouco mais tarde, talvez às duas horas ou pouco depois, resolvi dar uma olhada para ver como andavam as coisas em Brixton Road. A chuva enlameara tudo e não se via viva alma por lá, embora um carro ou outro tenha passado por mim. Fiquei andando por ali, pensando em como me cairia bem uma dose de gim quente, quando, de repente, meus olhos deram com uma janela iluminada naquela casa.

Ora, eu sabia que duas casas em Lauriston Gardens estavam vazias, porque o proprietário delas não manda limpar os esgotos, apesar do último inquilino de uma delas ter morrido de febre tifóide. Fiquei espantado ao ver luz na janela, e suspeitei de que houvesse algo errado. Quando cheguei à porta...

- Você parou e, então, correu ao portão do jardim - interrompeu Holmes. - Por que fez isso?

Rance deu um salto e fitou Sherlock Holmes com perplexidade.

- Foi isso mesmo, senhor - disse -, embora só Deus saiba como foi que o senhor descobriu. Olhe, quando cheguei à porta, estava tudo tão quieto e solitário que temi estar só por ali. Não tenho medo de nada no mundo dos vivos, mas pensei que talvez fosse o sujeito que morreu de tifo, examinando os esgotos que o mataram. Fiquei assustado com a idéia e corri para o portão, tentando avistar a lanterna de Murcher, mas não havia sinal dele ou de quem quer que fosse.

- Não havia ninguém na rua?

- Nem uma só alma, senhor, sequer um cachorro. Então, eu me recompus e voltei. Empurrei a porta e entrei. Estava tudo tranqüilo lá dentro e eu fui em

direção à peça onde havia luz. Havia uma vela tremeluzindo sobre a lareira... uma vela de cera vermelha... e à sua luz vi...

- Sim, sei o que viu. Caminhou pela sala várias vezes, ajoelhou-se junto ao corpo, depois foi em direção à cozinha e..

John Rance ,pôs-se em pé com uma expressão de susto no rosto e de suspeição nos olhos.

- Onde estava escondido para poder ver tudo isso? - gritou. - Está me parecendo que sabe muito mais do que deveria.

Holmes riu e atirou seu cartão sobre a mesa, para que o guarda o pegasse.

- Não me prenda por assassinato - disse. - Sou um dos cães da caça, não o lobo. Gregson e Lestrade confirmarão isto. Prossiga. O que fez a seguir?

Rance voltou a sentar-se, sem, contudo, perder a expressão perturbada.

- Fui até o portão e fiz soar meu apito. Isso trouxe Murcher e mais dois até mim.

- A rua estava vazia nesse momento?

- Bem, estava, pelo menos de qualquer pessoa que valesse alguma coisa.

- O que quer dizer?

O rosto do guarda se abriu num sorriso.

- Já tenho visto muitos bêbados - disse -, mas nenhum tão alcoolizado como aquele. Estava no portão quando cheguei, encostado nas grades e cantando a plenos pulmões Columbine's New fangled Banner, ou algo assim. Não podia parar em pé, imagine ajudar.

- Que tipo de homem era?

John Rance pareceu um pouco irritado com essa digressão.

- Era o tipo do beberrão. Teria sido levado ao posto policial, se não estivéssemos tão ocupados.

- Seu rosto, sua roupa, notou como eram? - rompeu Holmes com impaciência.

- Notei, sim. Tive de pô-lo em pé, com a ajuda de Murcher. Era um sujeito alto, com rosto avermelhado, a parte de baixo encoberta...

- Basta! - gritou Holmes. - O que foi feito dele?

- Tínhamos mais o que fazer para ficar tomando conta dele - respondeu o policial com um tom ofendido. - Deve ter encontrado o caminho de volta para casa.

- Como estava vestido?

- Um casacão marrom.

- Tinha um chicote na mão?

- Um chicote... não.

- Deve tê-lo largado em algum lugar - murmurou meu companheiro. - Por acaso viu ou ouviu barulho de um carro depois disso?

- Não.

- Aqui está meio soberano para você - disse Holmes, pondo-se de pé e pegando o chapéu. - Temo, Rance, que você não fará carreira na polícia. Devia usar a cabeça, em lugar de tê-la apenas como enfeite. Podia ter ganho sua divisa de sargento ontem à noite. O homem que teve nas mãos é quem tem a chave do mistério, é aquele que estamos buscando. Não há por que ficar discutindo isso agora, mas sei o que estou dizendo. Venha, doutor.

Saímos em direção ao carro, deixando nosso informante um tanto incrédulo e, sem dúvida, nada confortável.

- Que grande idiota! - Holmes exclamou acre-

mente, enquanto voltávamos para casa. - Pensar que teve uma oportunidade dessas e não soube aproveitá-la!

- Ainda estou sem entender. A descrição do homem corresponde à sua idéia sobre a segunda personagem no misterio. Mas por que ele voltaria para casa depois de ter saído de lá? Não é o que os criminosos costumam fazer.

- A aliança, homem, a aliança! Foi por isso que ele voltou. Se não tivermos outra maneira para pegá-lo, sempre poderemos atraí-lo com essa jóia. Eu vou pegá-lo, doutor, aposto dois contra um que vou pegá-lo. Tenho que lhe agradecer por tudo. Eu não teria vindo, não fosse por você. E teria perdido o mais interessante estudo com que já me deparei: um "Estudo em vermelho", hein? Por que não usarmos um pouco a linguagem artística? O fio vermelho do crime entremeia-se à meada descolorida da vida. Nossa missão é desenrolá-lo, isolá-lo, expondo-o em toda sua extensão. E, agora, vamos ao almoço e, depois, assistir Norman-Neruda. Suas introduções e toda sua execução são esplêndidas. Como é aquela pecinha de Chopin, que ele toca de forma tão genial? Tra-lá-lá-lira-lira-lá.

Recostado no carro, o cão de caça amador cantarolava tal qual uma calandra, enquanto eu meditava sobre as múltiplas facetas da mente humana.

5.

Nosso Anúncio Atrai um visitante

As atividades daquela manhã haviam sido excessivas para minha saúde abalada e, à tarde, eu estava exausto. Depois que Holmes saiu para o concerto, deitei no sofá, pretendendo dormir umas duas horas. Foi inútil. Estava demasiado excitado com tudo o que acontecera e minha mente se enchera das mais estranhas fantasias e suspeitas. Fechava os olhos e via diante de mim a fisionomia contraída e simiesca do homem assassinado. Tão sinistra fora a impressão produzida por aquele rosto que me era difícil sentir qualquer coisa que não fosse gratidão por quem retirara seu dono desse mundo. Se alguma vez feições humanas revelaram o vício em sua forma mais maligna, foi, sem dúvida, nos traços de Enoch J. Drebber, de Cleveland. Reconhecia, no entanto, que era preciso haver justiça e que a depravação da vítima não constituía atenuante aos olhos da lei.

Quanto mais pensava no caso, mais extraordinária me parecia a hipótese de meu companheiro de que o homem havia sido envenenado. Lembrava como havia cheirado os lábios do morto e não duvidava de que havia detectado algo que fundamentasse essa idéia. Se não fosse veneno, o que teria causado a morte do sujeito, já que não estava ferido nem apresentava marcas de estrangulamento? Por outro lado, de quem seria todo aquele sangue derramado no chão? Não havia sinais de luta, nem a vítima possuía qualquer arma com a qual pudesse ter ferido o antagonista. Sentia que, enquanto todas essas questões permanecessem sem resposta, não seria fácil para mim nem para Holmes conciliar o sono. O comportamento sereno e autoconfiante de meu amigo convenciam-me de que ele havia formado uma teoria que explicava todos os fatos, embora eu não pudesse imaginar, sequer por um instante, que teoria era essa.

Holmes voltou bem tarde, de modo que não poderia ter estado no concerto o tempo todo. O jantar já estava servido quando ele chegou.

- Foi magnífico! - comentou ao sentar-se. - Lembra-se do que Darwin (*Charles Robert Darwin (1809-1882), naturalista britânico cuja teoria da evolução através da seleção natural causou uma revolução na ciência biológica.* (N. do T.) disse sobre a música? Afirmou que o poder de produzi-la e apreciá-la existiu na raça humana antes mesmo da língua. Talvez por isso sejamos tão influenciados por

ela. Há, em nossas almas, vagas memórias daqueles séculos nebulosos em que o mundo vivia sua infância.

- Essa, de fato, é uma idéia bastante ampla...

- Nossas idéias precisam ser tão amplas quanto a natureza, caso queiramos interpretá-la - respondeu.

- O que há? Você não parece tranquilo. O caso de Brixton Road o perturbou.

- Para ser sincero, sim. Era para eu ter ficado menos sensível após as experiências no Afeganistão: Vi companheiros serem feitos em pedaços na batalha de Maiwand sem perder o controle.

- Entendo isso. É que neste caso há um mistério estimulando a imaginação. Quando não há imaginação, não há horror. Viu o jornal da tarde?

- Não.

- Traz um relato bastante bom do caso. Mas não menciona o fato de que, quando o corpo foi erguido, uma aliança de mulher caiu no chão. Ótimo que não o tenha feito.

- Por quê?

- Olhe este anúncio - respondeu. - Mande um para cada jornal após os acontecimentos desta manhã.

Estendeu-me o jornal e olhei para o lugar indicado. Era o primeiro anúncio da coluna "Achados".

Foi encontrada uma aliança de ouro, esta manhã, em Brixton Road, entre a Taverna White Hart e Holland Grove. Entrar em contato com Dr. Watson, Baker Street, 221 B, entre oito e nove da noite.

- Desculpe-me por ter usado seu nome - disse.

- Se tivesse usado o meu, algum desses policiais idiotas iria reconhecê-lo e se intrometer no assunto.

- Tudo bem. Mas suponha que apareça alguém. Não tenho aliança nenhuma.

- Ah, sim, você tem - disse, entregando-me uma. - Esta servirá. É quase idêntica à verdadeira.

- E quem você espera que responda ao anúncio?

- Ora, o homem do casaco marrom. Nosso corado amigo das biqueiras quadradas. Se não vier em pessoa, mandará um cúmplice.

- Não vai achar perigoso demais?

- De jeito nenhum. Se minha teoria sobre o caso estiver correta, e tenho todos os motivos para achar que está, esse homem arriscará qualquer coisa para

não perder a aliança. Minha tese é de que ele a deixou cair enquanto se debruçava sobre o corpo de Drebbler e, na hora, não percebeu. Só depois de ter deixado a casa, descobriu que a perdera e voltou com pressa, mas a polícia já estava no lugar, graças a sua falha de deixar a vela acesa. Teve, então, que fingir uma bebedeira para afastar as suspeitas que sua presença no portão poderia levantar. Agora, ponha-se no lugar dele. Recapitulando tudo, deve ter achado possível ter perdido a aliança no caminho, após ter deixado a casa. O que terá feito, então? Deve ter procurado ansiosamente nos jornais da tarde, nos anúncios de achados e perdidos, na esperança de encontrar alguma coisa. Seus olhos devem ter brilhado quando encontrou meu anúncio. Deve ter exultado. Por que temeria uma armadilha? A seus olhos, nada há que conecte o achado da aliança com o assassinato. Deve vir. Virá e você vai vê-lo dentro de uma hora.

- E aí? - perguntei.

- Oh, pode deixar comigo. Eu cuido disso. Você tem alguma arma?

- Tenho meu velho revólver de serviço e alguns cartuchos.

- É bom limpá-lo e deixar carregado. O homem está desesperado e, embora venha aqui desprevenido, é melhor ficarmos preparados.

Fui para meu quarto e segui seu conselho. Quando voltei com a arma, a mesa já havia sido arrumada e Holmes estava envolvido com sua ocupação preferida: brincar com o arco no violino.

- A situação está se definindo - disse, quando entrei. - Acabo de receber a resposta de meu telegrama para a América. Minha teoria está correta.

- E qual é? - perguntei de modo um tanto abrupto.

- Meu violino precisa de cordas novas - observou. - Coioque seu revólver no bolso. Quando o sujeito chegar, fale com naturalidade. Deixe o resto comigo. Não o assuste olhando-o demais.

- Agora são oito horas - comentei, olhando o relógio.

- Sim, deve estar aqui dentro de poucos minutos.

Abra a porta só um pouquinho. Assim. Deixe a chave do lado de dentro. Obrigado. Este é um estranho livro antigo que encontrei ontem numa banca: De Jure inter-gentes. Foi publicado em latim, em Liège, nos Países Baixos, em 1642. O rei Carlos ainda tinha a cabeça sobre os ombros quando este livrinho marrom foi impresso.

- Quem imprimiu?

- Philippe de Croy, seja lá quem for. Na folha de rosto, em tinta meio apagada, está escrito: "Ex libris Gulielmi Whyte". Quem terá sido esse William

Whyte? Algum advogado pragmático do século XVII, suponho. Tem algo de legalidade em sua caligrafia. Acho que nosso homem está vindo.

A campainha havia soado fortemente enquanto ele falava. Holmes levantou-se suavemente e moveu sua cadeira em direção à porta. Ouvimos os passos da criada no vestíbulo e o ruído brusco do trinco da porta.

- O Dr. Watson mora aqui? - perguntou uma voz clara, mas rouca. Não ouvimos a resposta da criada, mas a porta foi fechada e alguém começou a subir as escadas. Os passos eram incertos e arrastados. Um ar de surpresa invadiu o rosto de meu companheiro enquanto os ouvia. O som vinha lentamente pelo corredor. Ouvimos uma batida fraca na porta.

- Entre - respondi.

À minha ordem, em lugar do homem violento que esperava, entrou capengando na sala uma mulher velha e enrugada. Parecia estar ofuscada pelo repentino brilho da luz da sala e, após fazer uma medida, ficou piscando os olhos embaciados e remexendo nos bolsos os dedos trêmulos e nervosos. Olhei para meu companheiro, tinha no rosto uma tal expressão de desconsolo que mal pude me conter e não rir.

A velha mostrou o jornal da tarde, apontando nosso anúncio.

- Foi isso que me trouxe aqui, cavalheiros - disse, fazendo outra medida -, uma aliança encontrada em Brixton Road. Pertence a minha filha Sally, casada há apenas um ano. Seu marido é camareiro num navio da Union e não quero imaginar o que ele diria se, voltando para a casa, encontrasse a mulher sem a aliança. Ele já é grosseiro no normal, mas é muito mais quando bebe. Se querem saber, ontem à noite ela foi ao circo com...

- Essa é a sua aliança? - perguntei.

- Graças a Deus! - exclamou a velha. - Sally vai ficar feliz esta noite. É esta a aliança.

- E qual é seu endereço? - perguntei, pegando um lápis.

- Duncan Street, 13, em Houndsditch. É bem distante daqui.

- Brixton Road não fica entre nenhum circo e Houndsditch - interrompeu Holmes bruscamente.

A velha virou o rosto e o encarou com seus olhos miúdos e avermelhados.

- O cavalheiro perguntou qual o meu endereço - respondeu. - Sally mora numa pensão em Mayfield Place, 3, Peckham.

- E seu sobrenome é...?

- Sawyer, e o dela é Dennis, pois é casada com Tom Dennis. Rapaz esperto, direito, quando está no mar. Ninguém é melhor do que ele na companhia. Mas, em terra firme, as mulheres e a bebida...

- Aqui está sua aliança, Sra. Sawyer - interrompi, obedecendo a um sinal de Holmes. - Sem dúvida, pertence a sua filha e fico feliz em poder devolvê-la a seu verdadeiro dono.

Balbuciando muitas bênçãos e expressões de gratidão, a velha colocou a jóia em seu bolso e arrastou-se escada abaixo. Sherlock Holmes levantou-se, assim que ela saiu, e correu para seu quarto. Voltou alguns segundos depois, vestindo uma capa e um cachecol.

- Vou segui-la - disse, apressado. - Deve ser uma cúmplice e vai me levar até ele. Espere por mim.

Mal a porta havia se fechado atrás de nossa visitante e Sherlock Holmes já estava descendo a escada.

Olhando pela janela, podia ver a mulher caminhando com dificuldade no outro lado da rua, seguida a curta distância por seu perseguidor.

Pensei comigo mesmo: "Ou sua teoria está totalmente errada ou ele está a caminho de esclarecer todo o mistério".

Não era necessário que Holmes pedisse para esperá-lo. Não conseguiria dormir antes de saber em que tinha dado aquela aventura.

Holmes saíra em torno das nove e eu não tinha idéia da hora em que voltaria. Sentei e fiquei fumando calmamente meu cachimbo e folheando a esmo páginas da *Liie de Bohème*, de Henri Murger. Soaram dez horas e ouvi as passadas da empregada em direção à cama. Às onze, os passos altivos da senhoria desfilaram por minha porta com o mesmo destino. Era quase meia-noite quando ouvi o som da chave de Holmes.

No momento em que entrou, vi que não se saíra bem. Em seu rosto, o riso e o desgosto pareciam estardisputando o prevalecimento, até que, vencendo o primeiro, ele explodiu em uma sincera gargalhada.

- Por nada no mundo eu deixaria que o pessoal da Scotland Yard soubesse disso - exclamou, deixando-se cair na poltrona. - Tenho zombado tanto deles que jamais deixariam que esquecesse o que me aconteceu. Mas consigo rir do que houve, porque sei que não me trará nenhuma desvantagem no final da caçada.

- Mas, afinal, o que aconteceu?

- Oh, não me importo de contar uma história que depõe contra mim. Ouça, a criatura caminhou um pouco e começou a mancar e dar sinal de estar com os

pés machucados. Daí a pouco parou e fez sinal para um carro que passava. Procurei me aproximar para ouvir o endereço, mas não era necessário, porque ela o disse em voz alta o suficiente para que fosse ouvido do outro lado da rua. “Leve-me para Durlcan Street, 13, em Houndsditch”, disse ela. A história começava a parecer verdadeira e, vendo-a entrar tranqüilamente no carro, pendurei-me atrás do veículo. Todo detetive deveria ser perito nessa arte. Bem, lá fomos nós, sacolejando rua afora e não paramos até chegar ao endereço em questão. Saltei antes que chegássemos à porta e me pus a andar calmamente, como se passeasse. Vi o carro parar. O cocheiro saltou, abriu a porta e ficou parado esperando. Ninguém saiu. Quando passei por ele, examinava frenético o carro vazio, soltando a mais variada coleção de pragas que já ouvi. Não havia o menor vestígio de passageiro e o homem vai levar algum tempo para receber por aquela corrida. Fiz perguntas na casa número treze e soube que era de um respeitável forrador de paredes de nome Keswick. Lá ninguém tinha ouvido falar de Sawyer ou de Dennis.

- Você não vai me dizer - comentei, perplexo - que aquela velha fraca e manca foi capaz de saltar do carro em movimento sem que você ou o cocheiro a vissem?

Velha coisa nenhuma! - disse Sherlock Holmes de forma brusca. - Deve ser um homem vivo, ágil e excelente ator. Uma montagem excelente! Viu que estava sendo seguido, sem dúvida, e usou esse recurso para me enganar. Isso demonstra que o homem que perseguimos não é tão solitário quanto pensamos. Ao contrário, tem amigos dispostos a correr riscos por ele. Mas, doutor, o senhor parece exausto. Ouça meu conselho: vá dormir.

Eu estava, de fato, muito cansado e, portanto, obedeci ao que dizia. Deixei Holmes sentado frente ao fogo já sem chamas da lareira e, alta noite, ainda ouvia os lamentos baixos e melancólicos de seu violino.

Sabia que ele ainda estava pensando no singular problema que tinha que resolver.

6.

Tobias Gregson Mostra o que Pode Fazer

Os jornais do dia seguinte só falavam do “Mistério de Brixton”, como passaram a denominar o caso.

Todos traziam amplas matérias a respeito e alguns acrescentavam chamadas especiais.

Havia na imprensa algumas informações novas para mim. Ainda guardo várias delas em meu álbum de recortes junto a alguns sumários do crime. Aqui vai um resumo do que saiu:

O Daily Telegraph afirmava que, na história do crime, poucas tragédias apresentavam características tão estranhas. O nome alemão da vítima, a ausência de motivos aparentes, a sinistra inscrição na parede, tudo sugeria envolvimento de refugiados políticos e revolucionários. Os socialistas tinham muitas ramificações na América e, sem dúvida, o morto havia infringido alguma de suas leis não escritas e saíram em seu encalço. Depois de rápidas referências ao Vehmgericht, à água-tofana, aos carbonários, à marquesa de Brinvilliers, à teoria darwiniana, aos princípios ae mamus e aos assassinatos da Ratcliff Highway, o artigo concluía criticando o governo e propondo um controle mais austero sobre os estrangeiros que viviam na Inglaterra.

O Standart comentava que esse tipo de fato ocorria, de hábito, quando os liberais estavam no governo.

Brotavam da inquietação das massas e do conseqüente enfraquecimento da autoridade. O morto era um cavaleiro americano que tinha vivido algumas semanas na metrópole. Ficara hospedado na pensão de madame Charpentier, em Torquay Terrace, em Camberwell.

Em suas viagens, era acompanhado pelo secretário particular, Joseph Stangerson. Ambos haviam se despedido da dona da pensão na terça-feira, dia quatro do corrente, e partido para a estação Euston com a intenção manifesta de tomar o expresso para Liverpool. Depois disso, tinham sido vistos juntos na plataforma. Nada mais se soube deles até que o corpo do Sr. Drebber foi, como se sabe, descoberto em uma casa vazia de Brixton Road, a milhas de Euston. Como havia ido para lá e como encontrara seu destino, essas eram questões ainda envoltas em mistério. Nada se sabia sobre o paradeiro de Stangerson. Afirmava, ainda, o jornal: “Ficamos felizes em saber que os oficiais da Scotland

Yard, Sr. Lestrade e Sr. Gregson, estão ambos encarregados do caso. Já se sabe por antecipação que tão renomados policiais desvendarão com rapidez o caso”

Segundo o Daily News, não restavam dúvidas de que o crime era de natureza política. O despotismo e o ódio ao liberalismo por parte dos governos continentais, afirmava, fizeram com que desembarcassem em nossas praias um grande número de homens que poderiam ser excelentes cidadãos se conseguissem esquecer o que suportaram em suas terras. Entre eles havia um rígido código de honra e qualquer infração era punida com a morte. Todos os esforços deveriam ser envidados no sentido de encontrar Stangerson, o secretário, para que fornecesse detalhes sobre hábitos particulares da vítima. Um grande passo havia sido dado com a descoberta do endereço da casa onde haviam se hospedado, avanço que se devia tributar à sagacidade e à determinação do Sr. Gregson, da Scotland Yard.

Sherlock Holmes e eu lemos essas notícias à mesa do café e elas pareciam diverti-lo muito.

- Eu já disse que, haja o que houver, Lestrade e Gregson, sem sombra de dúvida, levarão o mérito!

- Depende de como tudo terminar.

- Ora, amigo, não faz diferença. Se prenderem o homem, será graças aos esforços dos dois. Se o deixarem escapar, será apesar dos esforços deles. Cara, eu ganho; coroa, você perde. Façam eles o que fizerem, terão admiradores. *Un sot trouve toujours un plus sot qui l'admire* (Um tolo sempre encontra alguém ainda mais tolo que o admira. (N. do T.).

- O que vem a ser isso? - exclamei, porque, nesse momento, ouvia o ruído de muitos passos no vestíbulo e nas escadas, acompanhados por audíveis expressões de desgosto da senhoria.

- É a força policial dos detetives da Baker Street - disse Holmes gravemente e, enquanto falava, irromperam na sala meia dúzia dos moleques mais sujos e andrajosos que eu já vira.

- Atenção! - gritou Holmes em tom incisivo.

Os seis moleques sujos formaram fila, parecendo grosseiras estatuetas. - No futuro, mandem Wiggins sozinho para relatar e os demais fiquem esperando na rua.

Você encontrou, Wiggins?

- Não, senhor - disse um dos garotos.

- Tinha dúvidas se você conseguiria. Continuem trabalhando até descobrir. Aqui está o pagamento. - Entregou um xelim a cada um. - Agora podem ir e voltem com melhores notícias na próxima vez.

Fez um gesto com a mão e eles correram escada abaixo como ratos e, no momento seguinte, já ouvíamos suas vozes em algazarra na rua.

- Tira-se mais de um desses pequenos mendigos do que de uma dúzia de policiais - observou Holmes.

- A simples imagem de alguém que aparente ser um policial é o suficiente para selar os lábios das pessoas. Esses garotos, porém, vão a toda parte e ouvem de tudo. São muito vivos, também, e tudo o que precisam é de organização.

- Você os está empregando para que trabalhem no caso da Brixton Road?

- Sim, há um ponto do qual preciso me certificar.

É apenas uma questão de tempo. Olhe! Em compensação, vamos ouvir novidades agora. Lá vem Gregson, descendo a rua com a beatitude gravada em cada traço de seu rosto. Vem para cá, tenho certeza. Sim, está parando. Aqui está!

Houve um forte toque da campainha e, em poucos segundos, o detetive loiro subia as escadas, três degraus a cada passo, parando em nossa sala.

- Meu caro amigo - exclamou, sacudindo a mão inerte de Holmes. - Dê-me os parabéns, tornei o caso todo tão claro quanto o dia.

Uma sombra de ansiedade pareceu toldar o expressivo rosto de meu companheiro.

- Quer dizer que estão na pista certa? - perguntou.

- Pista certa? ! Nós temos o homem atrás das grades!

- E quem é?

- Arthur Charpentier, subtenente da Marinha de Sua Majestade - exclamou Gregson pomposamente, esfregando as mãos gordas e inflando o peito.

Sherlock Holmes soltou um suspiro de alívio e descontraíu-se num sorriso.

- Sente-se e experimente um desses charutos - disse. - Estamos ansiosos para saber como resolveu tudo. Aceita uísque e água?

- Acho que sim - respondeu o detetive. - Os grandes esforços dos últimos dois dias me deixaram exausto. Não tanto pelo esforço físico, compreenda, mas pela tensão mental. O senhor saberá avaliar, Sr. Holmes, porque ambos trabalhamos com o cérebro.

- O senhor me honra muito - disse Holmes com gravidade. - Conte como chegou a uma conclusão tão gratificante.

O detetive sentou-se na poltrona e, de forma complacente, soltava baforadas de charuto. De repente, deu uma palmada na coxa e caiu na risada.

- O divertido nisso tudo - disse - é que o bobo do Lestrade, que se considera tão esperto, foi atrás da pista errada. Está buscando o secretário Stangerson, que tem tanto a ver com o caso quanto um nenê que ainda não nasceu. Não duvido de que até já o tenha prendido.

A idéia o divertia tanto, que ele riu até se sufocar.

- E como conseguiu a pista?

- Bem, eu vou contar tudo sobre isso. Mas é claro, Dr. Watson, que isso deve ficar estritamente entre nós. A primeira dificuldade que tive de enfrentar foi descobrir os antecedentes do americano. Outro teria esperado até que seus anúncios fossem respondidos ou que alguém se adiantasse dando informações espontaneamente. Esse, porém, não é o modo de Tobias Gregson trabalhar. Lembra do chapéu ao lado do homem morto?

- Sim - disse Holmes. - Fabricação de John Underwood & Sons, da Camberwell Road, 129.

Gregson murchou nesse momento.

- Não pensei que tivesse reparado nisso - disse.

- Esteve lá?

- Não.

- Ah! - disse Gregson, aliviado. - Não deveria ter negligenciado uma oportunidade, por menor que fosse.

- Para um grande cérebro, nada é pequeno - destacou Holmes em tom sentencioso.

- Bem, fui até Underwood e perguntei se haviam vendido um chapéu daquele tamanho e com aquelas características. Ele olhou em seus livros e encontrou logo o registro. Havia mandado o chapéu ao Sr. Drebber, que morava na Pensão Charpentier, em Torquay Terrace. Foi assim que consegui o endereço.

- Esperto... muito esperto! - murmurou Sherlock Holmes.

- Em seguida, visitei madame Charpentier - continuou o detetive. - Encontrei-a muito pálida e aflita.

Sua filha estava na sala também. Uma graça de menina! Tinha os olhos vermelhos e seus lábios tremiam enquanto eu falava com ela. Isso não me escapou. Comecei a desconfiar. O senhor conhece a sensação, Sr. Holmes, quando sentimos estar na pista certa: um arrepio nos nervos. "Já soube da morte misteriosa de seu último hóspede, Sr. Enoch J. Drebber, de Cleveland?",

perguntei. A mãe moveu a cabeça. Parecia não ser capaz de dizer uma só palavra, A filha irrompeu em lágrimas. Mais do que nunca, senti que sabiam algo sobre o assunto.

“- A que horas o Sr. Drebbler deixou sua casa para pegar o trem?”

“- Às oito horas - disse, engolindo em seco para controlar a agitação. - Seu secretário, Sr. Stangerson, disse que havia dois trens: um às nove e quinze e outro às onze horas. Ele pretendia pegar o primeiro.”

“- E foi a última vez que o viu?”

- Uma mudança terrível ocorreu no rosto da mulher - prosseguiu o detetive - quando fiz essa pergunta. Ela ficou lívida. Passaram-se alguns segundos antes que ela pudesse pronunciar uma única palavra - “sim” -, e numa voz rouca e pouco natural. Houve silêncio por um momento e, então, a filha falou com voz clara e serena.

“- Nada de bom vem da mentira, mãe. Vamos ser sinceras com o cavalheiro. Nós vimos, sim, o Sr. Drebbler depois disso.”

“- Deus a perdoe - disse madame Charpentier, jogando os braços para cima e afundando na cadeira.

- Você assassinou seu irmão.”

“- Arthur preferiria que contássemos a verdade - respondeu a menina com firmeza.”

“- É melhor contar tudo que sabem - disse. - Meias verdades são piores que mentiras. Além disso, vocês não imaginam quanto sabemos a respeito.”

“- Você será a responsável, Alice! - gritou a mãe e, voltando-se para mim, prosseguiu: - Vou lhe contar tudo, senhor. Não vá imaginar que minha agitação se deva a algum temor de que meu filho tenha participado desse caso horrível. Ele é totalmente inocente.

Mas tenho medo de que, a seus olhos e aos olhos de outros, ele possa parecer envolvido. Isso, sem dúvida, é impossível. Seu caráter superior, sua profissão, seus antecedentes jamais permitiriam qualquer comprometimento.”

“- O melhor que tem a fazer é uma confissão completa dos fatos - respondi. - Se seu filho for inocente, o que disser não vai piorar a situação.”

“- Talvez, Alice, fosse melhor deixar-nos a sós.

- Tendo dito isso, a filha se retirou. - Eu não pretendia contar-lhe nada disso, mas, já que a minha pobre filha tomou a dianteira, não tenho alternativa. E já que decidi falar, vou contar tudo sem a omissão de nenhum detalhe.”

“- É a atitude mais sábia - respondi.”

“- O Sr. Drebber esteve conosco em torno de três semanas. Ele e seu secretário, o Sr. Stangerson, estiveram viajando pelo continente. Reparei que havia uma etiqueta de Copenhague em cada uma de suas malas, o que demonstrava ter sido essa sua parada anterior. Stangerson era um homem calmo e reservado, exatamente o oposto de seu patrão que, lamento dizer, era grosseiro nos hábitos e rude nas maneiras. Já na noite em que chegou, embriagou-se e ficou péssimo. E, na realidade, nunca se podia dizer que estivesse sóbrio após o meio-dia. Tratava as empregadas de modo desagradavelmente permissivo e íntimo. O pior de tudo foi que, em pouco tempo, assumiu a mesma atitude com minha filha Alice e, mais de uma vez, dirigiu-se a ela de uma forma que, felizmente, ela é muito inocente para entender. Certa ocasião, chegou a tomá-la nos braços e a abraçá-la, um ultraje que levou seu próprio secretário a reprová-lo por uma conduta tão indigna.”

“- Mas por que suportou isso tudo? - perguntei. - Entendo que pode se livrar de seus hóspedes quando quer.”

- Madame Charpentier corou diante da pertinência de minha observação.

“- Ah, que bom se eu o tivesse despachado no mesmo dia em que chegou - disse. - Mas foi uma tentação danada. Estavam pagando, cada um, uma libra por dia de diária, portanto, quatorze libras por semana, e estamos na baixa estação. Sou viúva, e ter um filho na Marinha tem me custado caro. Não queria perder o dinheiro. Fiz o que me pareceu melhor. No entanto a última do Sr. Drebber foi demais, e pedi-lhe que saísse. Essa foi a razão pela qual se foi.”

- E depois?”

“- Fiquei com o coração aliviado quando ele partiu... Meu filho está de folga agora, mas não lhe contei nada disso, porque ele tem o temperamento violento e é louco pela irmã. Quando fechei a porta atrás dos dois, foi como se um peso tivesse sido retirado de mim. Pois menos de uma hora depois soou a campainha e era o Sr. Drebber voltando. Estava muito excitado e, sem dúvida, bastante embriagado. Entrou na sala onde eu estava com minha filha e fez umas observações confusas sobre ter perdido o trem. Voltou-se, então, para Alice e, na minha frente, propôs-lhe fugir com ele. Disse que ela era maior e que lei nenhuma podia impedi-la, que tinha dinheiro de sobra para gastar e que devia ir com ele sem se importar com a velha. Disse-lhe que viveria como uma princesa. A pobre Alice estava tão apavorada que tentou escapar, mas ele a pegou pelo pulso e, à força, levou-a até a porta. Gritei e, nesse momento, Arthur, meu filho, apareceu. O que aconteceu, então, eu não sei. Ouvi maldições e os sons confusos de uma briga. Estava apavorada e não levantava a

cabeça. Quando finalmente olhei, Arthur estava rindo, junto à porta, com uma bengala na mão. Disse que o distinto cavalheiro não iria mais nos importunar, mas que iria segui-lo para ver o que ele pretendia. Apanhou, então, o chapéu e saiu para a rua. Na manhã seguinte, soubemos da misteriosa morte de Drebber.”

- Essas declarações - continuou o detetive - foram feitas por madame Charpentier entre pausas e indecisões. Às vezes falava tão baixo que eu mal podia entendê-la. Taquigrafei o que ela dizia para evitar a possibilidade de erro.

- Que excitante! - disse Sherlock Holmes com um bocejo. - O que aconteceu depois?

- Quando madame Charpentier terminou - prosseguiu o detetive - vi que todo o caso dependia de um único ponto. Olhei-a fixamente, de um modo que sempre funciona com mulheres, e, então, perguntei-lhe a que horas seu filho tinha voltado.

“- Não sei - respondeu.”

“- Não sabe?”

“- Não, ele tem a chave da porta e entra quando quer.”

“- Depois que a senhora foi para cama, então?”

“- Sim.”

“- A que horas foi isso?”

“- Por volta das onze horas.”

“- Então, seu filho esteve ausente umas duas horas?”

“- Sim.”

“- Talvez umas quatro ou cinco horas?”

“- É possível.”

“- O que fez durante esse tempo?”

“- Não sei - respondeu empalidecendo de tal forma que até seus lábios perderam a cor.”

- Depois disso, é evidente, não havia nada mais a fazer. Descobri onde estava o “oficial” Charpentier, levei dois policiais comigo e o prendi. Quando pus a mão em seu ombro e disse-lhe para vir conosco sem reagir, ele replicou com audácia:

“- Suponho que estejam me prendendo como suspeito da morte daquele patife do Drebber.”

- Como não havíamos mencionado nada nesse sentido, minhas suspeitas aumentaram.

- Sem dúvida - comentou Holmes.

- Ele ainda trazia consigo a pesada bengala que, segundo sua mãe, havia levado quando saiu atrás de Drebbler. É um bastão de carvalho maciço.

- Qual a sua teoria, então?

- Bem, a minha teoria é de que ele seguiu Drebbler até Brixton Road. Lá, os dois tiveram uma acalorada discussão no meio da qual Drebbler foi atingido pela bengala, talvez no meio do estômago, que o matou sem deixar marca. Chovia tanto que ninguém andava nas ruas, e Charpentier arrastou o corpo de sua vítima para a casa vazia. Quanto à vela, ao sangue, ao escrito na parede e ao anel, podem ser apenas truques para desviar a polícia para pistas falsas.

- Muito bom! - disse Holmes em tom encorajador. - De fato, Gregson, você fez progressos. Você vai longe!

- É, sem falsa modéstia, eu conduzi tudo muito bem - respondeu com orgulho o detetive. - O rapaz prestou depoimento espontaneamente. Disse que, após ter seguido Drebbler por algum tempo, este percebeu o que acontecia e tomou um carro para se ver livre dele.

Voltando, então, para casa, encontrou um colega da Marinha e deram um longo passeio juntos. Quando perguntei onde vivia esse colega, ele não conseguiu dar uma resposta satisfatória. Tudo se encaixa perfeitamente. O que me diverte é pensar em Lestrade, que saiu atrás da pista falsa. Temo que ele não consiga ir muito longe. Mas, vejam só, é o próprio Lestrade que está aqui, em carne e osso.

De fato, era mesmo Lestrade. Subira as escadas enquanto conversávamos e entrava, agora, na sala.

Não se via, porém, a segurança e a boa aparência que, habitualmente, o caracterizavam. Seu rosto estava perturbado e suas roupas sujas e desalinhadas. Era evidente que tinha vindo com a intenção de consultar Sherlock Holmes, mas ao perceber a presença do colega ficara embaraçado. Parou no meio da sala, mexendo nervosamente o chapéu e sem saber o que fazer.

- Este caso é dos mais extraordinários - disse por fim - e dos mais incompreensíveis que já vi.

- Ah, você acha assim, não é, Lestrade! - exclamou Gregson, triunfante. - Achei que chegaria a essa conclusão. Consegui encontrar Joseph Stangerson?

- O secretário, Joseph Stangerson - disse Lestrade com gravidade -, foi assassinado no Hotel Halliday, às seis horas desta manhã.

7.

Uma Luz na Escuridão

A informação trazida por Lestrade era tão grave e tão inesperada que ficamos pasmos os três. Gregson ergueu-se de sua cadeira e engoliu o resto de seu uísque com água. Fiquei olhando em silêncio para Sherlock Holmes. Seus lábios estavam comprimidos e suas sobrancelhas franzidas.

- Stangerson também! - murmurou. - A trama se complica.

- Já estava bastante complicada antes - grunhiu Lestrade, pegando uma cadeira. - Parece que interrompi um conselho de guerra ou algo assim.

- Você... está mesmo certo dessa informação que nos deu? - gaguejou Gregson.

- Eu acabo de vir do quarto dele - disse Lestrade. - Fui o primeiro a descobrir o que aconteceu.

- Estávamos ouvindo o ponto de vista de Gregson sobre o caso - observou Holmes. - Importa-se de nos contar o que viu e o que fez?

- Não faço objeções - respondeu Lestrade, sentando-se. - Confesso com franqueza que, na minha opinião, Stangerson estava envolvido na morte de Drebber. Este último acontecimento mostrou que eu estava completamente errado. Centrado numa idéia única, procurei descobrir o que tinha sido feito do secretário. Foram vistos juntos na estação Euston, em torno das oito e trinta da noite do dia três. Às duas da manhã, Drebber foi encontrado em Brixton Road. A questão com a qual eu me debatia era descobrir o que ele fizera entre oito e trinta e a hora do crime, e o que havia feito depois. Telegrafei a Liverpool, dando uma descrição do homem e recomendando que controlassem os barcos americanos. Então, eu me pus a trabalhar, visitando hotéis e pensões nos arredores de Euston. Minha teoria era que, se Drebber e seu companheiro tivessem se separado, o previsível era que este último se alojasse em algum lugar perto da estação para passar a noite e voltar para lá na manhã seguinte.

- Eles devem ter, antecipadamente, combinado um ponto de encontro - observou Holmes.

- Exato. Passei a noite de ontem investigando sem nenhum resultado. Esta manhã comecei muito cedo e, às oito horas, já estava no Hotel Halliday, na Little George Street. Quando perguntei se um Sr. Stangerson estava hospedado lá, de imediato responderam afirmativamente.

“- Sem dúvida, o senhor é o cavalheiro que ele aguarda - disseram. - Há dois dias que ele espera por alguém.”

“- Onde está ele agora? - perguntei.”

“- No andar de cima, dormindo. Pediu para ser acordado às nove.”

“- Vou subir e falar com ele logo - disse.”

- Achei que meu repentino aparecimento iria deixá-lo nervoso e poderia fazer com que deixasse escapar algo. O empregado dispôs-se a me mostrar o quarto: era no segundo andar e chegava-se a ele por um pequeno corredor. Ele indicou-me a porta e já estava para descer quando vi algo que fez com que eu me sentisse mal, apesar de meus vinte anos de experiência. Por baixo da porta, corria um pequeno filete vermelho de sangue que serpenteava pelo corredor, formando uma poça perto do rodapé da parede em frente. Gritei, fazendo o empregado voltar. Ele quase desmaiou quando viu o sangue. A porta estava fechada por dentro, mas nós arremessamos os ombros contra ela e a arrombamos.

A janela do quarto estava aberta e, junto dela, descomposto, jazia o corpo de um homem em roupa de dormir. Já estava morto há algum tempo, pois seus membros estavam frios e rígidos. Quando o desviámos, o empregado o reconheceu de imediato como sendo o mesmo homem que alugara o quarto sob o nome de Joseph Stangerson. A causa da morte fora uma profunda punhalada do lado esquerdo, que deve ter penetrado o coração. E agora vem a parte mais estranha do caso. O que você imagina que encontrei sobre o cadáver?

Senti um arrepio na pele e um pressentimento de horror, mesmo antes de Sherlock Holmes ter respondido.

- A palavra rache, escrita em letras de sangue - disse.

- Exato! - disse Lestrade com voz atemorizada.

Ficamos todos em silêncio por um tempo. Havia algo metódico e incompreensível nos feitos desse assassino desconhecido que tornava ainda mais assustadores seus crimes. Meus nervos, fortes o suficiente no campo de batalha, latejavam agora.

- O assassino foi visto - continuou Lestrade.

- O leiteiro, indo a caminho do trabalho, descia pelo beco que liga as cavalariças ao fundo do hotel. O menino notou que uma escada, geralmente deixada lá, estava erguida em direção a uma janela escancarada do segundo andar. Depois de passar, olhou para trás e viu um homem descendo por ela. Descia de modo tão calmo e explícito que o rapaz imaginou que fosse algum carpinteiro ou encanador a serviço do hotel. Não lhe deu muita atenção, embora

pensasse que era muito cedo para que o indivíduo já estivesse trabalhando. Teve a impressão de que o homem era alto, tinha o rosto corado e vestia um longo casaco marrom. Deve ter permanecido algum tempo no quarto depois do assassinato, porque encontramos água manchada de sangue na bacia, onde ele deve ter lavado as mãos, e marcas nos lençóis, onde ele deliberadamente limpou seu punhal.

Olhei para Holmes, ao perceber que a descrição do assassino concordava exatamente com a que ele fizera. No entanto não havia sinal de alegria ou satisfação em seu rosto.

- Não encontrou alguma coisa no quarto que pudesse fornecer uma pista? - perguntou.

- Nada. Stangerson tinha a carteira de Drebber em seu bolso, mas parece que isso costumava acontecer, uma vez que ele era encarregado dos pagamentos. Havia oitenta e poucas libras nela, mas nada foi retirado. Sejam quais forem os motivos desses crimes tão extraordinários, pode-se dizer que roubo não é um deles. Não havia papéis ou anotações nos bolsos da vítima, exceto um único telegrama, datado em Cleveland, cerca de um mês atrás, contendo as palavras, "J. H. Está na Europa". Não havia nome do remetente.

- Nada mais? - perguntou Holmes.

- Nada de importante. O romance que ele lia antes de dormir estava caído na cama e seu cachimbo estava em uma cadeira a seu lado. Um copo de água estava sobre a mesa e, no peitoril da janela, havia uma caixinha de unguento contendo duas pilulas.

Sherlock Holmes saltou de sua cadeira com uma exclamação de alegria.

- O último elo! - gritou, exultante. - Meu caso está completo!

Os dois detetives o olharam com espanto.

- Tenho, agora, em minhas mãos - disse, confiante, meu companheiro -, todos os fios desse emaranhado. Há, é claro, detalhes a serem esclarecidos, mas não tenho dúvidas a respeito dos fatos principais, a partir do momento que Drebber deixou Stangerson na estação até a descoberta do corpo desse último. É como se eu tivesse visto tudo com meus próprios olhos. Vou dar-lhes uma prova do que sei. Você pegou essas pilulas?

- Tenho-as aqui - disse Lestrade, mostrando uma caixinha branca. - Eu as peguei e, também, a carteira e o telegrama, para deixá-los em segurança no posto policial. Recolhi as pilulas por acaso, porque, sinceramente, não dei nenhuma importância a elas.

- Deixe que eu veja - pediu Holmes. - Doutor - disse, virando-se para mim -, agora, me diga se são pílulas comuns.

Não eram, sem dúvida. De cor cinza-pérola, eram pequenas, redondas e quase transparentes quando olhadas contra a luz.

- A julgar pela leveza e transparência, devem ser solúveis em água - observei.

- Exato - respondeu Holmes. - E agora você poderia buscar aquele pobre cachorrinho, doente há tanto tempo, que a senhoria queria que você pusesse fim a suas dores ontem?

Fui lá embaixo e voltei com o cachorro nos braços.

A respiração difícil e o olhar vidrado do terrier indicavam que ele não estava longe do fim. De fato, o focinho branco anunciava que ele havia transposto os limites previstos de existência canina.

Coloquei-o sobre uma almofada no tapete.

- Vou, agora, dividir uma dessas pílulas em duas - disse Holmes e, tirando o canivete do bolso, transformou as palavras em ação. - Uma das metades devolvemos à caixa para futuras investigações. A outra metade vou pôr neste copo de vinho com uma colher de chá de água. Percebem que nosso amigo doutor está certo, pois a pílula se dissolve logo.

- Isso pode ser muito interessante - disse Lestrade com o tom ressentido de quem suspeita que caiu no ridículo. - No entanto não consigo ver em que se relaciona com a morte do Sr. Joseph Stangerson.

- Calma, amigo, calma! Verá em seguida que tem tudo a ver. Vou, agora, misturar um pouco de leite para a mistura ficar mais agradável e verão que o cachorro vai bebê-la sem demora.

Enquanto falava, verteu o conteúdo do copo de vinho em um pires e colocou-o frente ao terrier, que, rapidamente, o lambeu todo. A seriedade de Sherlock Holmes nos impressionou tanto que sentamos todos em silêncio, olhando o animal com atenção e esperando algum efeito surpreendente. No entanto nada acontecia. O cachorro continuava deitado sobre a almofada, respirando com dificuldade, mas, segundo parecia, nem melhor nem pior do que estava antes de beber a mistura.

Holmes havia tirado o relógio e, como passavam os minutos sem que se visse qualquer resultado, uma expressão de profundo pesar e desapontamento surgiu em seu rosto. Mordeu os lábios, tamborilou os dedos na mesa e mostrou todos os sinais de impaciência. Estava tão abalado que, com sinceridade, senti pena dele.

Os dois detetives, porém, sorriam sutilmente, nada aborrecidos com a situação.

- Não pode ser coincidência! - exclamou, saltando da cadeira e caminhando nervoso de um lado para outro da sala. - É impossível que seja uma mera coincidência. As mesmas pílulas de que suspeitei no caso de Drebbler são encontradas após a morte de Stangerson. E são inócuas? O que significa? É claro que o meu raciocínio inteiro não pode ser falso. É impossível! E, no entanto, este pobre cachorro sequer piorou. Ah, já sei! Já sei!

Com um grito agudo de alegria, correu até a caixa, partiu a outra pílula em duas partes, dissolveu-a, acrescentou leite e deu ao terrier. A língua do infeliz animal mal parecia ter tocado na mistura e seus membros começaram a se agitar em convulsão. Logo caiu rígido e sem vida como se tivesse sido fulminado por um raio.

Sherlock Holmes deu um longo suspiro e enxugou o suor da testa.

- Eu deveria ter tido mais confiança - disse. - Já deveria saber, a estas alturas, que, quando um fato parece ser contrário a uma longa seqüência de dedução, demonstra, invariavelmente, ter alguma outra interpretação. Das duas pílulas na caixa, uma era do veneno mais terrível e a outra completamente inocente. Devia ter percebido isso antes mesmo de ver a caixa.

Esta última afirmação me pareceu tão surpreendente que eu mal acreditava que ele estivesse em seu juízo perfeito. Mas ali estava o cachorro morto para provar que suas conjecturas estavam corretas. Aos poucos, a nebulosidade se afastava de forma gradual de minha mente e eu começava a ter uma vaga, mas ainda sombria percepção da verdade.

- Tudo isso parece-lhes estranho - continuou Holmes - porque, no início das investigações, não deram importância à única pista real que havia diante dos olhos. Tive a grande sorte de captá-la e tudo o mais que aconteceu só confirmou minha suposição inicial e, sem dúvida, deu logicidade a toda a seqüência.

Assim, aquelas coisas que os deixavam perplexos, tornando o caso ainda mais confuso, serviam para esclarecer e fortificar minhas conclusões. É um erro confundir estranheza com mistério. O crime mais comum pode ser o mais misterioso, porque não apresenta características novas ou especiais capazes de fornecer outras deduções. Este assassinato teria sido infinitas vezes mais difícil de revelar se o corpo da vítima simplesmente tivesse sido encontrado na rua sem nenhum desses outré (*Em francês, no original. Tem o sentido de exagero, excessivo. (N. do T.)*) e das características sensacionais que o tornaram tão notável.

Esses detalhes estranhos, em lugar de tornarem o caso mais difícil, acabaram fazendo-o mais fácil.

Gregson, que ouvira todo esse discurso com considerável impaciência, não conseguiu mais se conter.

- Ouça aqui, Sr. Sherlock Holmes - disse. - Estamos prontos a reconhecer que é um homem inteligente e que tem seus próprios métodos de trabalho. Mas, agora, queremos algo mais do que sermões e teoria. A questão é apanhar o culpado. Expus minha versão e parece que estava errado. Charpentier não poderá ser acusado do segundo crime. Lestrade foi atrás de seu homem, Stangerson, e parece que ele está errado também. O senhor soltou insinuações aqui, sugestões ali, e parece saber mais do que nós. Chegou o momento em que nos sentimos com direito a perguntar-lhe diretamente o que sabe a respeito. Pode dizer quem é o culpado?

- Não posso deixar de reconhecer que Gregson está certo, senhor - observou Lestrade. - Nós dois tentamos, mas não tivemos sucesso. O senhor mencionou mais de uma vez, desde que cheguei, que tinha todas as coincidências necessárias. Seguramente, não irá ocultá-las por mais tempo.

- Qualquer atraso na captura do assassino - comentei - pode significar tempo para que cometa novas atrocidades.

Embora pressionado por todos, Holmes parecia indeciso. Continuou a caminhar de um lado a outro da sala, com a cabeça baixa e as escuras sobranceiras cerradas, como costumava ficar quando mergulhado em seus pensamentos.

- Não haverá mais assassinatos - disse, finalmente, parando de modo abrupto e olhando para nós. - Não se preocupem com isso. Perguntaram se eu sei o nome do assassino. Eu sei. O que em si não significa muito, se comparado com a possibilidade de pôr as mãos nele. Isso eu espero fazer em breve. Tenho grandes esperanças de consegui-lo a minha maneira, mas é coisa que exige um cuidado especial, porque terei que tratar com um homem astuto e desesperado, apoiado, conforme tive ocasião de provar, por outro tão esperto quanto ele. Enquanto esse homem não imaginar que alguém está na pista, haverá alguma possibilidade de apanhá-lo. Mas, se ele tiver a mais leve suspeita, mudará de nome e desaparecerá num instante entre os quatro milhões de habitantes desta cidade grande. Sem querer ofendê-los, devo dizer que considero esses homens melhores que a força policial, e por essa razão não solicitei a ajuda de vocês. Se eu fracassar, é claro que serei o responsável por essa omissão. Já estou

preparado para isso. No momento, posso prometer que, quando tiver condições de entrar em contato, sem com isso comprometer meus planos, eu o farei.

Gregson e Lestrade não pareciam estar nada satisfeitos nem com a promessa nem com a alusão depreciativa à polícia. O primeiro ficou vermelho até à raiz dos seus cabelos cor de palha, enquanto os olhos redondos do outro brilhavam pela curiosidade e pelo ressentimento. Não chegaram a dizer nada, porque ouviu-se uma batida na porta e o jovem Wiggins, porta-voz dos moleques da rua, introduziu na sala sua figura desagradável e insignificante.

- Por favor, senhor - disse, passando a mão na testa. - O carro está esperando lá embaixo.

- Bom menino! - disse Holmes com brandura.

- Por que não adotam esse modelo na Scotland Yard? - prosseguiu, tirando um par de algemas de aço de uma gaveta. - Vejam como funciona bem essa mola. Fecham-se num instante.

- O modelo antigo é bastante bom - observou Lestrade -, se encontrarmos o homem em quem colocá-las.

- Muito bem, muito bem - sorriu Holmes. - O cocheiro poderá me ajudar com a bagagem. Peça-lhe para subir, Wiggins.

Fiquei surpreso ao ouvir meu companheiro falar como se fosse fazer uma viagem, uma vez que nada tinha me falado a respeito. Havia uma mala na sala. Ele pegou-a e começou a afivelá-la. Estava ocupado nisso, quando o cocheiro entrou.

- Ajude-me com essa fivela, cocheiro - disse, ficando de joelho sobre a mala, sem virar a cabeça.

O sujeito se aproximou, com um ar provocador e parecendo aborrecido. Estendeu as mãos para ajudar.

Nesse instante, ouviu-se um estalido agudo, um ruído metálico, e Sherlock Holmes pôs-se de pé.

- Cavalheiros! - gritou, com os olhos brilhantes. - Quero apresentar-lhes o Sr. Jefferson Hope, assassino de Enoch Drebbler e Joseph Stangerson.

Aconteceu tudo num instante. Foi tão rápido que não podia entender o que estava acontecendo. Tenho uma lembrança nítida daquele momento: a expressão triunfante de Holmes e o timbre de sua voz; a expressão assombrada e selvagem do cocheiro, olhando para as algemas cintilantes que haviam surgido em seus pulsos como num passe de mágica.

Por um instante ficamos petrificados. Parecíamos estátuas. Então, com um rugido desarticulado de fera, o prisioneiro livrou-se de Holmes e precipitou-se em direção à janela. Os vidros e os caixilhos não resistiram.

Mas antes que seu corpo transpusesse completamente a janela, Gregson, Lestrade e Holmes saltaram sobre ele como cães de caça. Trouxeram o homem de volta e, então, teve início uma luta terrível. Ele era tão forte e tão furioso que os quatro fomos derrubados várias vezes. Parecia ter a força convulsiva de um homem durante um ataque epilético. Seu rosto e suas mãos estavam terrivelmente machucados pelo vidro, mas a perda de sangue não diminuía sua resistência. Somente quando Lestrade conseguiu segurar o lenço que o sujeito tinha ao pescoço, quase o estrangulando, é que ele percebeu a inutilidade de lutar. Mesmo assim, só nos sentimos seguros quando amarramos seus pés e suas mãos. Feito isso, levantamos cansados e ofegantes.

- Temos seu carro esperando - disse Sherlock Holmes. - Servirá para levá-lo à Scotland Yard. E, agora, senhores - continuou com um sorriso amável -, chegamos ao final do nosso pequeno mistério. Fiquem à vontade para fazer as perguntas que desejarem.

Não há perigo de que eu me recuse a respondê-las.

Parte 2

A Terra dos Santos

1.

Na Grande Planície Alcalina

Na região central do grande continente norte-americano, estende-se um deserto árido e repulsivo que, durante muito tempo, serviu de obstáculo ao avanço da civilização. Da Sierra Nevada ao Nebraska, do rio Yellowstone, ao norte, até o Colorado, ao sul, formou-se uma região de desolação e silêncio. A natureza, porém, não é uniforme nesse lugar terrível. Ora apresenta altas montanhas encimadas por neve, ora vales soturnos e sombrios. Rios impetuosos correm para canyons escarpados. Imensas planícies ficam brancas de neve no inverno e, no verão, tornam-se cinzentas pela poeira alcalina e salitrosa que as recobre. Em tudo, no entanto, persistem as características de uma região estéril, inacessível e miserável.

Não há habitantes nesse lugar de desespero. Um bando de Pawnees ou Blackfeet (*Tribos aborígenes dos Estados Unidos da América. (N. do T.)*) pode, uma vez ou outra, atravessá-lo em busca de outras terras para caça, mas o mais valente dos bravos se alivia ao deixar para trás essas planícies aterrorizantes e voltar para as pradarias. O coiote se esconde na vegetação rasteira, o abutre bate as asas pesadamente pelo ar e o desajeitado urso cinzento se arrasta pelas ravinas escuras, colhendo o que encontra pelas rochas para sobreviver. São os únicos habitantes desse deserto.

Não se encontra no mundo inteiro vista mais tétrica que essa que se descortina da encosta norte da Sierra Blanco (*Conforme original. (N. do T.)*). Até onde a vista alcança, estendem-se grandes faixas de terreno plano manchadas pela poeira alcalina e interrompidas por pequenos bosques formados pela vegetação raquítica dos chaparraís. No extremo limite do horizonte, ergue-se uma longa cadeia de picos montanhosos com cumes escarpados salpicados de neve. Em tão grande extensão de terra, não se percebe sinal de vida ou de algo relacionado a ela. No metálico azul do céu não voam pássaros nem há movimento no chão agreste e cinzento. Reina por toda a parte um profundo silêncio. Por mais que se procure, não se consegue ouvir o mais leve ruído nesse deserto imponente.

Nada existe além do silêncio, um silêncio absoluto e opressor.

Foi dito não haver vida nessa vasta planície, o que seria totalmente verdadeiro se uma trilha não se estendesse pelo deserto até desaparecer na

distância, conforme se avista da Sierra Blanco. Está sulcada de rodas e marcada pelos pés de inúmeros aventureiros. Ao longo dessa senda, espalham-se objetos claros que brilham ao sol, em contraste com a areia opaca e alcalina. Aproxime-se e observe! São ossos. Uns, grandes e grosseiros; outros, menores e delicados. Os primeiros são de gado; os últimos, de homens. Essa macabra rota desenvolve-se por quase dois mil e quinhentos quilômetros e podese segui-la pelos despojos daqueles que tombaram durante o percurso.

No dia quatro de maio de mil oitocentos e quarenta e sete, um solitário viajante contemplava esse cenário.

Tinha tal aparência que poderia ser tomado por um gênio ou um demônio daquela região. Um observador teria dificuldade em dizer se tinha quarenta ou sessenta anos. O rosto era magro e macilento e a pele, escura e seca como um pergaminho, estava repuxada sobre os ossos salientes. Os longos cabelos e barba escuros estavam salpicados de branco, os olhos afundavam nas órbitas e ardia neles um brilho pouco natural. A mão que segurava o rifle era tão descarnada quanto a de um esqueleto. Para manter-se em pé, precisou apoiar-se na arma. No entanto a estatura alta e a compleição dos ossos sugeriam uma constituição forte e firme. O rosto muito magro, porém, e as roupas que pendiam frouxas dos membros esqueléticos, denunciavam a causa daquela aparência decrépita e senil. O homem estava morrendo... morrendo de fome e de sede.

Ele havia se arrastado pela ravina até essa pequena elevação na esperança de vislumbrar sinais de água.

Agora, a grande planície salgada se estendia diante de seus olhos e, também, o cinturão longínquo de montanhas agrestes, sem que visse qualquer vegetação que comprovasse a presença de umidade. Não vislumbrava em tão vasto panorama um único vestígio de esperança. Seus olhos ardentes e perscrutadores examinaram o norte, o leste e o oeste e ele percebeu, então, que aquela errância chegaria a seu final e que ali, na aridez daquele deserto, ele iria morrer.

- Por que Wro aqui, em lugar de ser numa cama macia, vinte anos atrás? - murmurou, sentando-se ao abrigo de uma pedra.

Antes de sentar-se, descansou no chão a arma inútil e um fardo grande amarrado por um xale cinza que viera carregando no ombro direito. Parecia ser demasiado pesado para as suas forças, porque quando o trouxe ao chão foi com uma certa violência. Nesse instante, ouviu-se do fardo cinzento um leve gemido

e apareceu uma carinha assustada, com olhos castanhos muito brilhantes, seguida de dois punhos miúdos e muito magros.

- Você me machucou! - disse em tom queixoso uma voz infantil.

- Desculpe - respondeu o homem, penitenciando-se. - Não tive intenção.

Enquanto falava, desembalhou o xale cinza, fazendo aparecer uma linda menininha de uns cinco anos de idade. Os sapatos delicados e o elegante vestido rosa com aventalzinho atestavam cuidados maternos. A criança estava pálida e abatida, mas seus braços e pernas saudáveis demonstravam ter ela sofrido menos que seu companheiro.

- Como está agora? - perguntou ele com ansiedade, porque ela continuava esfregando os cachos dourados e curtos que lhe cobriam a parte de trás da cabeça.

- Dê um beijo que passa - disse a menina com convicção, mostrando a ele a parte machucada. - É o que a mamãe faz. Onde está ela?

- Sua mãe se foi, mas não vai demorar muito e você estará com ela.

- Ela se foi?! - surpreendeu-se a menininha. - Engraçado, não se despediu de mim. É o que sempre faz, mesmo quando vai tomar chá com a tia. Já faz três dias que não volta. Está muito seco, não? Não temos água ou algo para comer?

- Não, não temos nada, querida. Você só precisa ser um pouco paciente e logo tudo ficará bem. Encoste sua cabecinha em mim, assim, e irá se sentir melhor. Não é fácil falar com os lábios ressequidos, mas acho melhor dizer a quantas andamos. O que é que você tem aí?

- Uma coisa bonita! É muito linda! - exclamou com entusiasmo a menina, mostrando-lhe dois fragmentos de mica. - Quando voltarmos para casa, vou dá-los a meu irmão Bob.

- Em breve você verá coisas mais belas do que essa - disse o homem com firmeza. - É só esperar um pouco. Eu ia lhe contar que... lembra quando deixámos o rio?

- Claro.

- Bem, pensamos que iríamos encontrar outro rio logo, veja só. Mas algo saiu errado. Compassos, mapa, ou o que seja, não funcionaram. Não apareceu água. Só temos algumas gotas para você e... e...

- E você não pode se lavar - falou ela com seriedade, olhando para seu rosto empoeirado.

- Não, nem beber. Veja, o Sr. Bender foi o primeiro a ir; depois, foi o índio Pete; a seguir, a Sra. McGregor; logo, Johnny Hones e, depois, querida, foi sua mãe.

- Então, mamãe também morreu! - gritou a menina, escondendo o rosto no avental e soluçando amargamente.

- Sim, todos se foram, exceto você e eu. Então pensei que poderíamos encontrar água nesta direção. Pus você no ombro e caminhei até aqui. A situação, porém, não parece ter melhorado nada. Não há muita chance para nós agora.

- Quer dizer que vamos morrer? - perguntou a criança, refreando os soluços e erguendo o rostinho banhado de lágrimas.

- Acho que é o que vai acontecer.

- Por que não me disse? - perguntou, rindo com alegria. - Você me deu um susto. Se a gente vai morrer, então logo estaremos com mamãe.

- Sim, querida, você estará.

- E você também. Eu vou contar-lhe como você foi bom para mim. Aposto que vai nos esperar na porta do céu com um grande jarro de água e muitos bolinhos quentes, tostados dos dois lados, como eu e Bob gostamos. Quando vai ser?

- Não sei... Mas não vai demorar.

Os olhos do homem estavam fixos no horizonte ao norte. Na abóbada azul do céu, apareceram três pequenas manchas que aumentavam de tamanho a cada momento, tão rápido se aproximavam. Logo se viu que eram três grandes pássaros. Voaram em círculos sobre a cabeça dos dois andarilhos e pousaram em algumas rocas acima deles. Eram abutres, as aves de rapina do oeste. Esse aparecimento era o prenúncio da morte.

- Galos e galinhas - exclamou a menina com entusiasmo, apontando para aqueles vultos agourentos e batendo palmas para fazê-los voar. - Este lugar foi feito por Deus?

- Claro que foi! - disse seu companheiro, surpreendido com a pergunta inesperada.

- Ele fez também Illinois e Missouri - continuou a menina. - Acho que alguém mais fez este lugar, porque não é tão bem-feito como lá. Esqueceram de pôr água e árvores.

- O que acha de fazermos uma oração? - perguntou o homem com pouca segurança.

- Ainda não é noite.

- Não importa. Não é muito comum, mas pode ficar certa de que ele não se importa. Diga as orações que rezava todas as noites na carroça, quando estávamos na planície.

- Por que não reza também? - perguntou a menina com curiosidade.

- Não lembro mais como se reza - respondeu.

- A última vez que rezei eu tinha a metade do tamanho deste rifle. Acho, no entanto, que nunca é tarde demais. Comece a rezar que eu vou repetindo o que disser.

- Então precisa se ajoelhar e eu também - disse ela, estendendo o xale no chão. - Você tem que pôr as mãos assim. Faz a gente se sentir bem.

Era uma cena estranha, mas só havia abutres para assisti-la. Lado a lado, ajoelharam no xale estreito os dois andarilhos: a menina tagarela e o destemido e calejado aventureiro. O rostinho rechonchudo dela e a face angulosa e descarnada dele estavam voltados para o céu sem nuvem, em oração piedosa dirigida a um ser temível, diante do qual se prostravam. As duas vozes, uma fina e clara, a outra grave e rouca, se uniam em oração por clemência e perdão. A oração terminou e os dois voltaram para a sombra da rocha. A criança adormeceu aninhada contra o peito largo de seu protetor. Ele velou seu sono por algum tempo, mas a natureza foi mais forte. Por três dias e três noites ele não se havia permitido descanso ou repouso. Suas pálpebras foram se fechando lentamente sobre os olhos fatigados e a cabeça pendeu mais e mais sobre o peito, até que a barba grisalha misturou-se aos cachos dourados da criança e ambos caíram no mesmo sono profundo e sem sonhos.

Tivesse o andarilho permanecido acordado por mais meia hora e seus olhos teriam visto um estranho espetáculo. Muito além dali, no extremo limite da planície alcalina, levantava-se uma poeira, muito fraca no início, e difícil de ser distinguida das brumas da distância, mas que gradualmente ficava mais alta e mais larga até formar uma sólida e bem definida nuvem. Essa nuvem continuou a crescer até ficar evidente que só poderia ser levantada por uma grande quantidade de criaturas em movimento. Em terras mais férteis, um observador concluiria tratar-se da aproximação de uma daquelas grandes manadas de búfalos que pastam nas pradarias. Obviamente, era impossível acontecer tal coisa em região tão árida. À medida que o torvelino de poeira chegava mais perto do solitário penhasco, onde repousavam os dois viajantes, começavam a surgir da areia os toldos de lona das carroças e as figuras dos cavaleiros armados. A aparição revelou-se uma grande caravana avançando para oeste. Mas que caravana!

Quando sua vanguarda atingiu o sopé das montanhas, a retaguarda ainda não era visível no horizonte. Por toda a imensidão da planície estendia-se o serpenteante desfile de carroças e carroções, de homens montados e homens a

pé. Numerosas mulheres cambaleavam sob a carga que levavam, crianças andavam vacilantes ao lado das carroças ou espiavam entre os toldos claros.

Era evidente que aquele não era um grupamento comum de imigrantes, mas algum povo nômade compelido, pela força das circunstâncias, a procurar novas terras. Dele elevava-se para o ar um confuso alarido, um ruído surdo produzido por aquela massa humana, misturado ao rangido das rodas e ao relincho dos animais.

Forte como era, o barulho não foi suficiente para despertar os dois cansados viajantes que dormiam mais acima.

À frente da coluna iam uns vinte ou mais cavaleiros de feições graves e duras, vestidos com escuros trajes de confecção caseira e armados com rifles. Quando chegaram à base do penhasco, fizeram alto e formaram um breve conselho entre si.

- As fontes ficam à direita, irmãos - disse um deles, de lábios salientes, cabelo grisalho e rosto bem barbeado.

- Seguindo pela direita de Sierra Blanco, alcançaremos o Rio Grande - disse outro.

- Não temam a falta d'água! - exclamou um terceiro. - Aquele que a fez brotar das pedras não abandonará os seus eleitos!

- Amém! Amém! - responderam todos.

Iam prosseguir a viagem quando um dos mais jovens e de visão mais apurada exclamou, apontando para o penhasco escarpado acima deles. No alto da rocha, ondulava algo rosado, cujo brilho contrastava com o fundo cinza das pedras. Diante dessa visão, todos sofream os cavalos e prepararam as armas. Novos cavaleiros vieram a galope para reforçar a vanguarda. A palavra "peles-vermelhas" estava em todas as bocas.

- Não pode haver índios aqui - disse o homem mais velho, que parecia estar no comando.

- Já passamos pelos Pawnees e não há outras tribos antes das grandes montanhas.

- Vou até lá verificar, Irmão Stangerson - disse um do grupo.

- Eu também! Eu também! - gritaram muitas vozes.

- Deixem seus cavalos aqui embaixo. Ficaremos aguardando - disse o homem mais velho.

Nesse mesmo momento, os cavaleiros jovens desmontaram, prenderam seus cavalos e iniciaram a subida daquela íngreme encosta que despertara a

curiosidade do grupo. Avançaram rápidos e silenciosos, com a segurança e a habilidade de exploradores experientes.

Da planície lá embaixo, os outros podiam vê-los saltando de pedra em pedra, até que seus vultos se destacassem contra o céu. O jovem que dera o alarme os guiava. De repente, seus seguidores viram-no erguer os braços, como se algo o tivesse espantado. Quando se juntaram a ele, reagiram do mesmo modo diante da cena que seus olhos descortinavam.

No pequeno platô que existia no cimo da elevação, havia um grande e solitário rochedo. Nele estava estendido um homem alto, com feições marcantes, barba comprida e em estado de grande fraqueza. A placidez do rosto e a regularidade da respiração revelavam que dormia. A seu lado, estava deitada uma menininha.

Seus braços alvos e roliços abraçavam o pescoço escuro e másculo do homem. A cabecinha de cabelos dourados descansava contra o peito de sua túnica de veludilho. Os lábios rosados da menina estavam entreabertos, mostrando uma fileira regular de dentes brancos e um sorriso travesso pousado nas feições infantis. Nas perninhas claras e gordas vestia meias brancas e sapatos finos com fivelas reluzentes, em estranho contraste com os membros compridos e esqueléticos de seu companheiro. Na borda do rochedo, acima desse estranho par, pousavam solenemente três abutres que, ao perceberem os recém-chegados, soltaram roucos gritos de decepção e alçaram vôo de imediato.

Os gritos das aves repugnantes despertaram os adormecidos, que olharam ao redor espantados. O homem pôs-se de pé vacilante e olhou para a planície, tão desolada no momento em que adormecera e, agora, tomada por grande quantidade de homens e animais. Seu rosto assumiu uma expressão de incredulidade e ele passou a mão ossuda sobre os olhos.

- Deve ser isto o que chamam de delírio - murmurou.

A menina ficou a seu lado, agarrada a sua túnica, e nada dizia, mas olhava tudo com o olhar espantado e inquiridor da infância.

O grupo de resgate, porém, logo os convenceu de que seu aparecimento não era ilusão. Um deles pegou a criança e colocou-a no ombro, enquanto outros dois seguraram seu esquelético companheiro, ajudando-o a dirigir-se às carroças.

- Meu nome é John Ferrier - explicou o andarilho. - Eu e a menina somos os sobreviventes de um grupo de vinte e uma pessoas. Morreram todos de fome e de sede lá na direção sul.

- É sua filha?

- Acho que agora é - respondeu desafiante. - É minha porque eu a salvei. Ninguém vai tirá-la de mim.

Chama-se Lucy Ferrier, de agora em diante. E vocês, quem são? - prosseguiu, olhando com curiosidade para seus robustos e bronzeados salvadores. - Parece que formam uma multidão.

- Somos uns dez mil - disse um dos jovens. - Somos os perseguidos filhos de Deus, os escolhidos do Anjo Merona.

- Nunca ouvi falar nele - disse o andarilho. - Parece ter escolhido um bando de gente.

- Não zombe do que é sagrado - disse o outro, ressentido. - Acreditamos nas sagradas escrituras gravadas em caracteres egípcios em lâminas de ouro batido e entregues ao santo Joseph Smith, em Palmira. Viemos de Nauvoo, no estado de Illinois, onde erguemos nosso templo. Buscamos um refúgio para nos abrigar dos homens violentos e sem Deus, mesmo que esse abrigo seja no coração do deserto.

O nome Nauvoo evidentemente evocou lembranças em John Ferrier.

- Entendo - disse. - Vocês são mórmons.

- Sim, somos mórmons - responderam a uma só voz.

- E para onde estão indo?

- Não sabemos. A mão de Deus nos guia na pessoa de nosso Profeta. Você irá vê-lo. Ele dirá o que faremos com você.

Estavam, agora, na base da elevação e uma multidão de peregrinos os cercavam: mulheres de rostos pálidos e humildes; crianças saudáveis e alegres; homens sérios e impacientes. Muitas foram suas exclamações de surpresa e de piedade quando perceberam a tenra idade da menina e o estado miserável do homem. A escolta de ambos não parou, foi em frente, seguida por grande quantidade de mórmons, até chegar a uma carroça que se distinguia das demais pelo tamanho maior e pela aparência suntuosa e cuidada. Puxavam-na seis cavalos, enquanto as demais estavam atreladas a dois ou, no máximo, quatro animais. Ao lado do cocheiro sentava-se um homem que não devia ter mais do que trinta anos, mas que tinha a cabeça sólida e a expressão resoluta próprias de um líder. Estava lendo um livro de lombada escura, mas deixou de fazê-lo com a aproximação de toda aquela gente. Ouviu atentamente o relato do episódio. Voltou-se então para os dois extraviados.

- Se nós os levarmos conosco - falou com solenidade -, será como crentes em nossa religião. Não temos lobos em nosso rebanho. Será melhor que seus

ossos se calcinem no deserto a que se transformem no início de putrefação que irá corromper a fruta toda.

Virão conosco sob essa condição?

- Irei com vocês sob quaisquer condições - respondeu Ferrier com tal ênfase que mesmo os graves Anciãos (*Oficiais religiosos que ocupam alto cargo na hierarquia da Igreja Mórmon. (N. do T.)*) não puderam evitar um sorriso.

Somente o líder manteve seu ar severo e impressionante.

- Encarregue-se dele, Irmão Stangerson - disse.

- Dê-lhe comida e bebida, e à criança também. Igualmente será responsabilidade sua iniciá-lo em nosso credo sagrado. Já nos atrasamos muito. Em frente! Em frente para Sião!

- Em frente! Em frente para Sião! - gritou a multidão de mórmons.

As palavras ecoaram ao longo da extensa caravana, passando de boca em boca até definhar em um confuso murmúrio a distância. Estalaram os chicotes, as rodas rangeram. As carroças começaram a mover-se e logo a caravana serpenteava mais uma vez deserto afora.

O Ancião a quem os dois resgatados haviam sido confiados levou-os para sua carroça, onde uma refeição os aguardava.

- Vocês devem ficar aqui - disse. - Em poucos dias estarão recuperados dessa exaustão. Enquanto isso, lembrem-se de que, de agora em diante, pertencem a nossa religião para sempre. Foi Brigham Young quem disse, e ele falou com a voz de Joseph Smith, que é a voz de Deus.

2.

A flor de Utah

Este não é o lugar para rememorar as provações e as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes mórmons até alcançar seu paraíso final. Das margens do Mississípi às escarpas ocidentais das Montanhas Rochosas, eles lutaram com uma persistência quase sem precedentes na história. Os selvagens, os animais ferozes, a fome, a sede, a fadiga, a doença, todos os obstáculos que a natureza podia colocar no caminho foram vencidos pela tenacidade anglo-saxônica. No entanto a longa viagem e os freqüentes temores abalaram mesmo os mais fortes entre eles. Não houve um só que não caísse sobre os joelhos, em fervorosa oração, à vista do amplo vale de Utah banhado de sol, e ouvindo da boca de seu líder que aquela era a terra prometida e que aqueles campos virgens seriam deles para todo o sempre.

Young logo revelou-se tão hábil administrador quanto chefe determinado. Mapas e cartas foram preparados projetando a futura cidade. Nos arredores, as terras foram divididas e distribuídas segundo a posição de cada indivíduo. O comerciante dedicou-se a seu negócio e o artesão a seu ofício. Ruas e praças surgiram na cidade como num passe de mágica. No campo, homens cercavam e drenavam; aravam e plantavam.

O verão seguinte encontrou a terra coberta pelo ouro dos trigais. Tudo prosperava naquela estranha comunidade. Acima de tudo, o grande templo, construído no centro da cidade, tornava-se cada vez maior e mais alto. Desde as primeiras luzes da manhã até as últimas do anoitecer, as batidas do martelo e o ruído das serras eram incessantes no monumento que os imigrantes ergueram àquele que os conduziu sãos e salvos por entre tantos perigos.

Os resgatados, John Ferrier e a menina que partilhara de sua sorte e tinha sido adotada por ele como filha, acompanharam os mórmons até o fim de sua peregrinação. A pequena Lucy Ferrier ficava muito à vontade na carroça do Ancião Stangerson, moradia que ela dividia com as três esposas do mórmon e com seu filho, um rapazinho de doze anos, teimoso e precoce. Tendo superado, com a facilidade da infância, o choque causado pela perda da mãe, Lucy logo se tornou a preferida das mulheres e adaptou-se à nova vida na casa ambulante de teto de lona. Enquanto isso, Ferrier, recuperado de suas privações, distinguia-se como um guia útil e um infatigável caçador.

Conquistou tão rapidamente a estima de seus novos companheiros que, quando chegaram ao fim da peregrinação, foi decidido, por unanimidade, que ele receberia uma porção de terra tão vasta e tão fértil quanto qualquer um dos colonos, com exceção do próprio Young, e de Stangerson, Kemball, Johnston e Drebber, que eram os quatro oficiais mais importantes da Igreja.

Na terra que assim adquiriu, John Ferrier construiu uma sólida casa de toros de madeira, que recebeu tantos acréscimos em anos sucessivos que acabou se transformando numa espaçosa moradia. Era um homem dotado de senso prático, tão hábil nos negócios quanto no uso das mãos. Sua férrea constituição permitia-lhe trabalhar dia e noite, lavrando e melhorando suas terras. Sendo assim, seu lote e tudo que pertencia a ele prosperaram extraordinariamente. Em três anos, era o de melhor condição entre seus vizinhos, em seis, um sujeito abastado, em nove, um homem rico e, em doze, não havia, em toda Salt Lake City, meia dúzia de homens que pudessem se comparar com ele. Do grande mar interior até as distantes montanhas Wahsatch não existia nome mais conhecido que o de John Ferrier.

Em apenas um ponto, apenas um, ele feria as suscetibilidades de seus confrades. Não houve argumento ou persuasão que o induzisse a formar um harém como seus companheiros. Nunca justificou a persistente recusa, satisfazendo-se em manter firme e resolutamente sua decisão. Alguns o acusavam de ter pouca convicção religiosa; outros, de ser tão ávido por dinheiro que relutava em aumentar despesas. Outros, ainda, falavam em um antigo amor, e numa moça loira que havia se consumido de paixão na costa atlântica. Fosse qual fosse a razão, Ferrier permaneceu radicalmente celibatário.

Em qualquer outro aspecto, porém, ele vivia de acordo com a religião da jovem comunidade, conquistando a fama de ser um homem reto e ortodoxo.

Lucy Ferrier cresceu na casa de madeira e em tudo assistia seu pai adotivo. O ar puro da montanha e o bálsamo dos pinheiros foram a ama e mãe da menina. Ano após ano, ela ficava mais alta e mais forte, o rosto mais corado e o passo mais elástico. Muitos daqueles que passavam pela estrada principal, ao longo das terras de Ferrier, reviveram pensamentos esquecidos no tempo do mar aquela figura jovem e ágil passeando pelos trigais ou galopando no cavalo de seu pai com a desenvoltura e a graça de uma verdadeira filha do oeste. Foi assim que o botão se transformou em flor, e o ano em que seu pai foi o mais rico entre todos os fazendeiros foi o mesmo em que ela se tornou a mais bela moça americana que poderia ser encontrada na costa do Pacífico.

Não foi o pai, no entanto, o primeiro a descobrir que a menina havia se transformado em mulher. Em tais casos, isso raramente acontece. É uma mudança muito sutil e demasiado gradual para ser medida por datas.

Menos do que todos percebe-o a própria jovem, antes que o timbre de uma voz ou o toque de uma mão deixe seu coração pulsando forte dentro do peito. Só então ela descobre, com um misto de orgulho e temor, que uma natureza nova e mais forte despertou dentro dela. Poucas não evocam esse dia, lembrando o pequeno acidente que anunciou o surgimento dessa vida nova. Na vida de Lucy Ferrier, o episódio foi bastante sério em si mesmo, além da influência futura que teria em seu destino e no de muitas outras pessoas.

Era uma cálida manhã de junho e os Santos dos Últimos Dias estavam tão ocupados quanto as abelhas, cuja colméia haviam escolhido para seu emblema. Nos campos e nas ruas soava o mesmo zunido de trabalho humano. Desciam as estradas poeirentas longas filas de mulas carregadas, todas a caminho do oeste, porque irrompera a febre de ouro na Califórnia, e a rota por terra atravessava a cidade dos Eleitos. Havia também rebanhos de ovelhas e bois vindos de pastagens distantes, filas de imigrantes cansados, homens e cavalos, todos fatigados pela interminável jornada.

Por entre essa mistura, abrindo caminho com a habilidade de uma amazona perfeita, galopava Lucy Ferrier, com o lindo rosto corado pelo exercício e os longos cabelos castanhos soltos ao vento. O pai lhe dera uma incumbência para cumprir na cidade e ela estava empenhada nisso, como em tantas outras vezes, com toda a intrepidez da juventude, pensando apenas em sua tarefa e em como agiria. Os empoeirados viajantes a olhavam com espanto e mesmo os índios impassíveis, enrolados em suas peles, cederam em seu costumeiro estoicismo, encantando-se com a beleza da moça cara-pálida.

Ela já havia atingido a entrada da cidade quando se deparou com a estrada bloqueada por uma grande manada, conduzida por meia dúzia de vaqueiros rudes vindos das planícies. Impaciente, tentou ultrapassar esse obstáculo, avançando com seu cavalo no que parecia ser um vazio no meio do gado. Mal ela havia entrado, no entanto, e os animais fecharam-se atrás dela, deixando-a inteiramente cercada pela corrente em movimento de gado de chifres longos e olhos ferozes.

Acostumada como era a lidar com gado, ela não se alarmou, aproveitando todas as oportunidades para avançar com seu cavalo, na esperança de abrir caminho.

Por desgraça, tenha sido por acidente ou desígnio, os chifres de uma das reses bateram violentamente nos flancos do cavalo, excitando-o até a loucura. De imediato, o animal empinou-se nas patas traseiras, relinchando com fúria, e pôs-se a saltar e a corcovear de tal maneira que teria derrubado qualquer cavaleiro menos experiente. A situação era muito perigosa. Cada pulo do cavalo assustado o colocava contra os chifres novamente, deixando-o mais enlouquecido. Tudo que ela pôde fazer foi manter-se sobre a sela, uma vez que um escorregão significaria uma morte terrível sob as patas de animais pesados e enfurecidos.

Não sendo acostumada a enfrentar emergências, sua cabeça começou a dar voltas e foi perdendo o controle das rédeas. Sufocada pela crescente nuvem de poeira e também pela exalação dos animais em luta, ela teria desistido de resistir e se desesperado, se uma voz amiga, a seu lado, não lhe garantisse que seria socorrida. No mesmo momento, uma mão morena e musculosa conteve pelas rédeas o cavalo assustado, forçando caminho entre a manada até levá-la para fora dali.

- Espero que não esteja ferida, senhorita - disse com respeito seu salvador.

Ela olhou para seu rosto escuro e enérgico e riu com vontade.

- Estou terrivelmente assustada - disse com ar ingênuo. - Quem diria que Poncho ficaria com medo de um punhado de vacas?

- Graças a Deus, você conseguiu se manter na sela - disse o rapaz com ar sério.

Era um rapaz alto, de aparência rude, montava um cavalo forte, vestia as roupas toscas de um caçador e levava um longo rifle sobre o ombro.

- Você deve ser a filha de John Ferrier - observou. - Vi quando saiu cavalgando de casa. Quando estiver com ele, pergunte-lhe se lembra dos Jefferson Hope, de Saint Louis. Se é o mesmo Ferrier, meu pai e ele foram muito ligados.

- Não seria melhor ir lá em casa fazer-lhe a pergunta diretamente? - perguntou com cuidado.

O rapaz pareceu gostar do que ela sugeria. Seus olhos escuros brilharam de satisfação.

- Farei isso - disse. - Passamos dois meses nas montanhas e não estamos nada apresentáveis para visitas. Terá que nos aceitar como estamos.

- Papai tem muito a agradecer-lhe e eu também - respondeu. - Ele me quer muito. Se aquele gado me pisoteasse, ele jamais se recuperaria.

- Nem eu - disse o rapaz.

- Você? Bem, não vejo em que faria alguma diferença para você. Sequer é nosso amigo.

O rosto do rapaz ficou tão triste com a observação que fez Lucy Ferrier sorrir.

- Não quis dizer isso - ela comentou. - Naturalmente, a partir de agora você é um amigo. Venha nos ver. Agora preciso ir ou papai não me confiará mais seus interesses. Adeus.

- Adeus - respondeu ele, erguendo o chapéu de abas largas e inclinando-se sobre a mão miúda da jovem.

Ela fez o cavalo dar volta, chicoteou-lhe com o rebenque e disparou como uma flecha pela ampla estrada, erguendo uma nuvem de poeira.

O jovem Jefferson Hope voltou para junto de seus companheiros triste e taciturno. Estivera com eles nas Montanhas Nevadas em busca de prata e voltavam agora para Salt Lake City na esperança de levantar capital suficiente para a exploração de veios que haviam descoberto. Como os outros, havia se fixado nesse pensamento até que o repentino incidente o levasse para outra direção.

A visão daquela bela moça, franca e saudável como as brisas da Sierra, aticara intensamente seu coração inflamado e selvagem. Quando ela desapareceu de sua vista, percebeu que uma crise irrompera em sua vida e que nem as especulações com a prata nem qualquer outra questão seriam de tanta importância para ele como este novo e absorvente interesse. O amor que brotava em seu coração não era a repentina e volúvel fantasia de um rapazinho, mas a paixão feroz e selvagem de um homem de vontade forte e temperamento dominador. Costumava ter sucesso em todos os empreendimentos. Jurou a si mesmo que não falharia agora, se a vitória dependesse do esforço e da perseverança de que um homem é capaz de ter.

Visitou John Ferrier nessa mesma noite, e muitas vezes depois, até seu rosto se tornar familiar na propriedade. Isolado no vale e absorvido em seu trabalho, John tivera poucas oportunidades de saber o que se passara no mundo exterior nos últimos doze anos. Jefferson Hope pôde informá-lo a respeito de uma maneira tal que interessou tanto ao pai quanto à filha. Havia sido pioneiro na Califórnia e contou muitas histórias estranhas sobre fortunas feitas e desfeitas naqueles dias desregrados. Também fora batedor, laçador, explorador de prata e vaqueiro. Onde quer que houvesse aventuras, lá estava Jefferson Hope. Em pouco tempo, tornou-se o amigo preferido do velho fazendeiro, que discorria sobre suas qualidades com eloquência. Nessas ocasiões, Lucy ficava

em silêncio, mas o rosto corado e a felicidade nos olhos brilhantes demonstravam com bastante clareza que seu jovem coração não lhe pertencia mais. O pai, sem malícia, pode não ter observado esses sintomas, mas, com certeza, não passaram despercebidos ao homem que havia conquistado a afeição da moça.

Num final de tarde de verão, ele veio galopando pela estrada e parou ao portão. Lucy estava na entrada da casa e veio encontrá-lo. Hope jogou as rédeas sobre a cerca e percorreu com rapidez a senda que conduzia à casa.

- Vou partir, Lucy - disse, tomando as mãos da moça nas suas, e olhando seu rosto com ternura.

- Não vou lhe pedir que venha comigo agora, mas estará pronta para me acompanhar quando eu voltar?

- E quando será? - perguntou ela, enrubescendo e rindo.

- Daqui a dois meses, no máximo. Virei buscá-la e você virá comigo, minha querida. Ninguém poderá impedir isso.

- E papai? - perguntou.

- Ele já consentiu, contanto que mantenhamos aquelas minas rendendo. Não tenho medo quanto a isso.

- Bem, é claro que se você e papai já combinaram tudo, não há mais nada a dizer - murmurou ela com o rosto apoiado no peito largo do rapaz.

- Graças a Deus! - disse ele com voz rouca, inclinando-se para beijá-la. - Está tudo resolvido, então. Quanto mais eu me demorar, mais difícil será partir. Estão me esperando no canyon. Adeus, minha querida... adeus! Voltará a me ver dentro de dois meses.

Separou-se dela enquanto falava e, saltando sobre o cavalo, galopou com fúria, sem olhar ao redor, como se temesse abalar sua decisão se contemplasse o que estava deixando. Ela permaneceu no portão, olhos postos nele até que desaparecesse na distância. Caminhou, então, de volta a casa e era a moça mais feliz de todo Utah.

3.

John Ferrier fala com o Profeta

Três semanas se passaram desde que Jefferson Hope e seus companheiros haviam partido de Salt Lake City. John Ferrier sentia pesar-lhe o coração quando pensava na volta do jovem e na iminente perda da filha adotiva. No entanto o rosto feliz e radiante da moça reconciliou-o com a idéia melhor do que qualquer argumento. Bem no fundo de seu resoluto coração, ele já tinha decidido que nada o induziria a permitir que sua filha casasse com um mórmon. Não considerava esse tipo de união um casamento, mas sim uma vergonha e uma desgraça. Fosse qual fosse sua opinião a respeito da doutrina mórmon, sobre esse ponto era inflexível.

Não podia, porém, abrir a boca sobre o assunto, porque, naqueles dias, era perigoso expor uma opinião heterodoxa na Terra dos Santos.

Sim, era muito perigoso. Tanto que mesmo os mais santos mal ousavam sussurrar suas opiniões religiosas e só o faziam com respiração contida, temendo que suas palavras fossem mal interpretadas e provocassem uma rápida reação contra elas. As antigas vítimas da perseguição haviam se transformado, agora, em perseguidores, na acepção mais terrível do termo. Nem a Inquisição de Sevilha, nem o Vehmgericht alemão, sequer as Sociedades Secretas da Itália colocaram em movimento uma máquina tão formidável quanto a que estendia sua sombra sobre o estado de Utah.

Sua invisibilidade e o mistério que a cercava faziam a organização duplamente terrível. Parecia ser onisciente e onipotente, embora não fosse vista ou ouvida. O homem que se levantasse contra a Igreja desaparecia, e ninguém ficava sabendo para onde tinha ido nem o que lhe acontecera. A esposa e os filhos ficavam aguardando-o em casa, mas ele nunca voltava para contar como havia se saído nas mãos de seus juízes secretos.

Uma palavra precipitada ou um ato irrefletido eram seguidos pelo aniquilamento e, no entanto, ninguém sabia qual a natureza daquele poder suspenso sobre a cabeça de todos. Não surpreende que as pessoas vivessem tremendo de medo e que, mesmo no meio do deserto, não ousassem murmurar as dúvidas que as oprimiam.

A princípio, esse vago e terrível poder era exercido apenas contra os recalcitrantes que, tendo abraçado a fé mórmon, quiseram, mais tarde, pervertê-

la ou abandoná-la. Em breve, porém, aumentou seu raio de ação. O número de mulheres adultas escasseava, e poligamia sem uma população feminina que a suporte não passa de uma doutrina estéril. Começaram, então, a surgir estranhos rumores. Comentava-se que imigrantes foram assassinados e suas terras saqueadas em regiões onde não havia índios. Em seguida, surgiam novas mulheres no harém dos Anciãos, mulheres que choravam e definhavam, trazendo nos rostos os traços de um horror interminável. Andarilhos que permaneciam nas montanhas falavam de bandos de homens armados, embuçados, silenciosos e escondidos que passavam por eles na escuridão. Tais histórias e rumores ganharam forma e substância, afirmação e confirmação, e, finalmente, um nome definido. Até hoje, nos solitários ranchos do oeste, o nome do Bando dos Danitas ou dos Anjos Vingadores é algo sinistro e agourento.

O conhecimento mais profundo da organização que produzia feitos tão terríveis só servia para aumentar, em lugar de diminuir, o horror que inspirava na mente das pessoas. Não se sabia quem era membro dessa sociedade implacável. Os nomes dos que participavam nas façanhas de sangue e violência praticadas por razões pretensamente religiosas eram guardados em absoluto segredo. O melhor amigo a quem se confidenciassem dúvidas, a respeito do Profeta e de sua missão, podia ser um dos que surgiria à noite para infligir a ferro e fogo uma horrível reparação. Por isso, todos temiam seu vizinho e ninguém falava das coisas que secretamente levavam dentro de si.

Uma bela manhã, John Ferrier estava de saída para os campos de trigo quando ouviu o estalido do ferrolho e, olhando pela janela, viu um homem de meia-idade, forte, cabelos claros, caminhando pela senda. O coração subiu-lhe à boca, pois era ninguém mais ninguém menos que o grande Brigham Young em pessoa. Perturbado, porque sabia que essa visita não pressagiava nada de bom, Ferrier correu à porta para saudar o chefe mórmon. Este, porém, recebeu com frieza as saudações e seguiu o dono da casa até a sala de visitas com uma expressão de severidade.

- Irmão Ferrier - disse ele, pegando uma cadeira e olhando o fazendeiro fixamente, por sob os cílios claros -, os verdadeiros crentes têm sido bons amigos seus. Nós o encontramos faminto no deserto e compartilhamos com você nossa comida, nós o trouxemos a salvo para o Vale dos Escolhidos. Nós lhe demos uma ótima porção de terra e permitimos que enriquecesse sob nossa proteção. Não é verdade?

- Sem dúvida - respondeu John Ferrier.

- Como retribuição a tudo isso só apresentamos uma condição: isto é, que você deveria abraçar a verdadeira fé, adaptando-se a seus costumes. Isso foi o que você prometeu fazer e, se é verdade o que dizem, é isso que tem negligenciado.

- Como negligencieei?! - perguntou Ferrier, erguendo as mãos, indignado. - Não contribuí para o fundo comum? Não frequento o templo? Não...?

- Onde estão suas esposas? - perguntou Young, olhando ao redor. - Chame-as que quero cumprimentá-las.

- É verdade que não me casei - respondeu Ferrier. - Mas as mulheres eram poucas e muitos reclamavam mais do que eu. Eu não estava só, tinha minha filha para me atender.

- É dessa filha que quero lhe falar - disse o chefe mórmon. - Ela cresceu e se tornou a flor de Utah e tem agradado os olhos de homens de alta posição nesta terra.

John Ferrier reprimiu um gemido.

- Há histórias sobre damas quais prefiro não acreditar... histórias de que estaria prometida a um homem que não é da nossa fé. Deve ser mexerico de gente desocupada. Qual é o décimo terceiro mandamento da lei do santo Joseph Smith? "Toda moça de verdadeira fé deve casar com um dos eleitos; se ela se unir a um infiel, cometerá um grave pecado." Sendo assim, não é possível que você, professando a verdadeira religião, permita que sua filha viole nossas leis.

Ferrier não respondeu, ficou mexendo nervosamente no chicote.

- Toda a sua fé será testada a partir desse único ponto. Assim é que ficou decidido pelo Sagrado Conselho dos Quatro. Sua filha é jovem e não queremos que se case quando tiver cabelos grisalhos, mas tampouco será privada de escolha. Nós, Anciãos, já temos muitas novilhas (*Herber C. Kemball, em um de seus sermões, empregou esse afetuoso epíteto para referir-se a suas cem esposas. (N. do A.)*), mas nossos filhos precisam ter as suas. Stangerson tem um filho e Drebber também. Qualquer um dos dois receberia com agrado sua filha em casa. Deixe-a escolher entre os dois. São jovens e ricos e ambos professam a verdadeira religião. O que diz a isso?

Ferrier permaneceu em silêncio por algum tempo com o cenho franzido.

- Conceda-nos algum tempo - disse afinal. - Minha filha é muito jovem... mal tem idade para casar.

- Ela terá um mês para escolher - disse Young, erguendo-se da cadeira. - No final desse prazo ela deverá dar sua resposta.

Quando ia cruzar a porta, ele se voltou com o rosto vermelho e os olhos fuzilantes.

- Teria sido melhor para você, John Ferrier - vociferou -, que você e ela estivessem calcinando os ossos na Sierra Blanco do que opondo suas fracas vontades às ordens dos Quatro Sagrados!

Com um ameaçador gesto de mão cruzou a porta, e Ferrier ouviu seus passos pesados esmagando o cascalho da senda.

Ainda estava sentado com o cotovelo apoiado no joelho, pensando em comoalaria para sua filha sobre esse assunto, quando sentiu o toque macio de uma mão sobre a sua e, erguendo os olhos, viu-a em pé a seu lado. Um olhar a seu rosto pálido e assustado revelou-lhe que ela escutara o que havia acontecido.

- Não pude evitar - disse, em resposta a seu olhar. - A voz dele ecoava pela casa. Oh, pai, pai, o que vamos fazer?

- Não se assuste - respondeu ele, puxando-a para si e acariciando com a mão grande e calejada os cabelos castanhos da moça. - Resolveremos isso de um jeito ou de outro. Você não mudou de idéia a respeito do rapaz, não foi?

Um soluço e um aperto em sua mão foram a única resposta dela.

- Não, claro que não. E eu não acreditaria, mesmo que você dissesse o contrário. É um belo rapaz e é cristão, o que o faz melhor que esses sujeitos daqui, apesar de todas as suas rezas e sermões. Há um grupo saindo para Nevada amanhã. Vamos dar um jeito de enviar uma mensagem a ele para que saiba a situação em que estamos. Se conheço esse rapaz, ele virá para cá com mais rapidez que o telégrafo elétrico.

Lucy riu entre lágrimas da comparação do pai.

- Quando vier, ele nos aconselhará sobre o melhor a fazer. Mas é com você, pai, que estou preocupada. A gente ouve... ouve tantas histórias horríveis envolvendo pessoas que se opuseram ao Profeta. Sempre acontecem coisas terríveis a elas.

- Mas nós ainda não nos opusemos a ele - respondeu o pai. - Teremos tempo para tomar precauções quando isso acontecer. Temos um mês inteiro diante de nós. No final do prazo, é melhor fugirmos de Utah.

- Ir embora de Utah?

- Não temos outra coisa para fazer.

- E as terras?

- Vamos reunir todo o dinheiro que pudermos e deixar o resto para trás. Para falar a verdade, Lucy, não é a primeira vez que penso em fazer isso. Não

me agrada ceder para homem nenhum, como fazem esses sujeitos para o Profeta. Sou um americano livre e tudo isso é novo para mim. Acho que sou velho demais para mudar. Se ele se meter nesta propriedade, pode receber uma carga de chumbo.

- Mas eles não vão nos deixar sair - objetou a moça.

- Espere até Jefferson voltar e resolveremos tudo. Até lá, não se desgaste, querida, nem fique de olhos inchados, senão ele vai cobrar isso de mim quando olhar para você. Não há nada a temer e não há perigo algum.

John Ferrier pronunciou essas palavras de conforto em tom confiante, mas Lucy não pôde deixar de notar que, aquela noite, ele fechou as portas com uma atenção especial e, também cuidadosamente, limpou e carregou a antiga e enferrujada carabina que ficava pendurada na parede de seu quarto.

4.

Fuga para a Vida

Na manhã seguinte à entrevista com o Profeta mórmon, John Ferrier foi a Salt Lake City e, tendo encontrado a pessoa que conhecia e que estava a caminho das Montanhas Nevadas, confiou-lhe sua mensagem a Jefferson Hope. Nela relatava ao jovem o iminente perigo que os ameaçava, explicando a importância de seu regresso. Feito isso, sentiu-se mais tranquilo e voltou para a fazenda mais aliviado.

Ao aproximar-se de sua casa, surpreendeu-se ao ver cavalos atados às traves do portão. Mais surpreso ficou ao entrar, quando encontrou dois rapazes instalados em sua sala de visitas. Um deles, de rosto comprido e pálido, acomodara-se na cadeira de balanço, deixando os pés apoiados sobre a estufa. O outro, um jovem com pescoço de touro, feições grosseiras e volumosas, estava em pé, frente à janela, com as mãos enfiadas nos bolsos, assoviando um hino conhecido. Ambos cumprimentaram Ferrier com um aceno de cabeça no momento em que ele entrou. U que estava na cadeira de balanço iniciou a conversa.

- Talvez não nos conheça - disse ele. - Este aqui é o filho do Ancião Drebber e eu sou Joseph Stangerson. Viajamos juntos pelo deserto quando o Senhor estendeu-lhe sua mão, trazendo-o para o rebanho verdadeiro.

- Como fará com todas as nações quando achar que chegou a hora - disse o outro com voz nasalada.

- Ele mói devagar, mas sua farinha é finíssima.

John Ferrier assentiu com frieza. Já imaginava quem seriam seus visitantes.

- Viemos aqui a conselho de nossos pais - continuou Stangerson - a fim de pedir a mão de sua filha para aquele de nós que o senhor e ela preferirem. Como tenho apenas quatro esposas e o irmão Drebber, aqui, tem sete, parece-me que sou eu quem necessita mais.

- Nada disso, Irmão Stangerson! - exclamou o outro. - A questão não é quantas esposas temos, mas quantas podemos sustentar. Meu pai doou-me seus moinhos e, de nós dois, sou o mais rico.

- No entanto minhas perspectivas são melhores - disse o outro, acalorado.
- Quando o Senhor chamar meu pai, herdarei seu curtume e sua fábrica de produtos de couro. Além disso, sou o mais velho e o de melhor posto na Igreja.

- Deixemos que a moça decida - replicou o jovem Drebber, sorrindo afetadamente para sua própria imagem refletida na vidraça. - Deixaremos isso por conta dela.

Durante esse diálogo, John Ferrier permaneceu à porta, fervendo de raiva, mal contendo a vontade de chicotear as costas de seus visitantes com o rebenque que segurava.

- Um momento - disse por fim, aproximando-se deles com passadas largas. - Quando minha filha os chamar, podem vir, mas até lá não quero ver suas caras de novo.

Os dois jovens mórmons o olharam com espanto.

Na opinião deles, a competição entre ambos pela mão da moça era a mais alta honra que poderiam render tanto a ela quanto a seu pai.

- Há duas saídas nesta sala - gritou Ferrier. - Ali está a porta e ali a janela. Qual delas preferem usar?

Seu rosto bronzeado parecia tão selvagem e tão ameaçadoras suas mãos descarnadas que os visitantes se puseram em pé e bateram em rápida retirada. O velho fazendeiro seguiu-os até a porta.

- Avisem-me quando decidirem quem deverá ser o noivo - disse com sarcasmo.

- Vai pagar por isso! - gritou Stangerson, branco de raiva. - Desafiou o Profeta e o Conselho dos Quatro. Vai se arrepender até o último de seus dias.

- A mão do Senhor Ihe será pesada! - gritou o jovem Drebber. - Ela se erguerá para esmagá-lo!

- Então eu começarei a destruição! - exclamou Ferrier, furioso.

Ele teria corrido para o andar de cima em busca de sua carabina, se Lucy não o tivesse segurado pelo braço, detendo-o. Antes que pudesse escapar dela, ouviu o ruído dos cascos dos cavalos e percebeu que estavam fora de seu alcance.

- Hipócritas! Velhacos! - exclamou, enxugando o suor da testa. - Prefiro vê-la na sepultura, minha menina, que casada com um deles.

- Eu também, pai - respondeu ela, decidida. - Mas Jefferson logo estará aqui.

- Sim. Ele não vai demorar. E quanto mais cedo melhor, porque eu não sei qual será o próximo movimento deles.

Sem dúvida, aquele era o momento para que alguém, capaz de dar conselho e ajuda, viesse em socorro do velho e rijo fazendeiro e de sua filha adotiva.

Em toda a história da colônia, jamais houvera um caso de franca desobediência à autoridade dos Anciãos.

Se pequenos erros eram punidos com tanta severidade, qual não seria a sina daquele arqui-rebelde? Ferrier sabia que sua fortuna e posição não o protegeriam de nada. Outros tão prestigiados e tão ricos quanto ele já haviam desaparecido antes, sendo seus bens doados à Igreja. Ferrier era um homem de coragem, mas tremia ao pensar nos vagos e sombrios terrores que pairavam sobre sua cabeça. Podia enfrentar com firmeza qualquer perigo conhecido, mas esse suspense o enervava.

Procurava ocultar da filha seus temores e fingia fazer pouco de tudo aquilo. Ela, porém, o amava muito e percebia com clareza que ele estava tenso.

Ferrier esperava receber alguma mensagem ou manifestação de Young sobre sua conduta. E não estava errado, embora ela tenha vindo de maneira inesperada.

Na manhã seguinte, quando levantou, encontrou, para sua surpresa, um pequeno pedaço de papel pregado à coberta de sua cama por um alfinete, bem à altura de seu peito. Nele estava escrito em letras de imprensa grandes e mal desenhadas:

“Restam vinte e nove dias para que se corrija, e então...”

As reticências eram mais aterradoras que qualquer outra ameaça. A maneira como aquele aviso chegara a seu quarto deixava John Ferrier totalmente perplexo, uma vez que os empregados dormiam fora da casa e as portas e janelas estavam bem fechadas. Ele amassou o papel e não disse nada à filha, mas seu coração estava gelado de pavor. Os vinte e nove dias, ficava evidente, eram o que restava do mês prometido a Young.

Que tipo de força ou coragem poderia opor a um inimigo armado com tão misteriosos poderes? A mão que espetara aquele alfinete poderia tê-lo golpeado no coração e ele jamais saberia quem o matava.

Ferrier ficou ainda mais abalado na manhã seguinte. Estavam sentados à mesa para o desjejum quando Lucy apontou para cima com uma exclamação de surpresa. No centro do teto havia sido riscado, aparentemente com um tição aceso, o número vinte e oito. Para a moça, isso era ininteligível, e o pai não lhe deu nenhum esclarecimento. Naquela noite ele pegou sua arma e ficou de

guarda, observando. Não viu nem ouviu nada. No entanto, na manhã seguinte, um enorme vinte e sete fora pintado no lado de fora da porta.

Assim foi, dia após dia, e, sempre, com a chegada da manhã, ele via que seus inimigos invisíveis tinham feito o registro, marcando, de algum modo impressionante, quantos dias ainda lhe restavam daquele mês de graça. Às vezes, os números fatais surgiam nas paredes; outras, no assoalho; e, ocasionalmente, em pequenos cartazes fixados sobre as grades ou portão dos jardins. Por mais que vigiasse, John Ferrier não conseguia descobrir de onde vinham aqueles avisos diários.

Sobrevinha-lhe um horror quase supersticioso quando os enxergava. Tornou-se pálido e extenuado e trazia nos olhos a expressão perturbada dos animais perseguidos. Ele só tinha uma esperança na vida, agora, e era a chegada do jovem caçador que estava em Nevada.

Faltavam vinte dias e, logo, apenas quinze; os quinze reduziram-se para dez e não havia notícias do rapaz ausente. Os números iam minguando sem que houvesse sinal dele. Toda vez que ouvia alguém cavalgando pela estrada, ou um carreteiro gritando para os animais, o velho fazendeiro corria ao portão, pensando que, finalmente, chegava socorro. Por fim, quando ele viu o número cinco passar para quatro e este para três, desanimou, perdendo toda a esperança de escapar. Sozinho e com um conhecimento limitado das montanhas que cercavam o lugar, ele começou a perceber sua impotência. As estradas mais movimentadas eram rigidamente vigiadas e ninguém podia passar por elas sem uma licença do Conselho. Por qualquer caminho que fosse, não conseguiria evitar a ameaça que pendia sobre ele.

Ainda assim, o velho não hesitou em sua decisão de perder a vida antes de consentir com o que ele considerava uma desonra para a filha.

Certa noite, ele sentou-se, a sós, mergulhado intensamente em seus problemas e buscando, em vão, uma maneira de resolvê-los. Pela manhã, havia surgido o número dois na parede da casa e o dia seguinte seria o último do prazo concedido. O que aconteceria então?

Sua imaginação era tomada pelas mais vagas e terríveis fantasias. E sua filha? O que seria dela depois que ele se fosse? Não haveria mesmo como escapar da rede invisível que se erguera ao redor deles? Deixou cair a cabeça sobre a mesa e soluçou diante de sua própria impotência.

Mas o que era aquilo? Ouvira um leve ruído de arranhadura, baixinho, mas bem perceptível no silêncio da noite. Vinha da porta da casa. Ferrier esgueirou-se até o vestíbulo e ficou ouvindo atentamente. Houve uma pausa

durante alguns minutos e, então, repetiu-se o som baixo e insidioso. Sem dúvida, alguém estava batendo suavemente na almofada da porta. Seria o assassino que, no meio da noite, vinha cumprir as ordens criminosas do tribunal secreto? Ou algum agente marcando a chegada do último dia da graça? John Ferrier concluiu que a morte repentina seria melhor que a expectativa que lhe abalava os nervos e lhe gelava o sangue. Deu um salto à frente, puxou o ferrolho e abriu a porta de relance.

Lá fora tudo estava calmo e silencioso. Era uma linda noite e as estrelas piscavam brilhantemente no céu.

O pequeno jardim estendia-se diante dos olhos do fazendeiro cercado pelo portão e pelas grades. Mas nele ou na estrada não havia qualquer ser humano. Ferrier, com um suspiro de alívio, olhou para a esquerda e para a direita até que, baixando os olhos em direção a seus pés, viu, com o maior espanto, um homem de braços estendido no chão, braços e pernas estendidos.

Tão nervoso ficou que teve que encostar-se contra a parede, levando a mão à garganta para refrear o desejo de gritar. Seu primeiro pensamento foi que aquele homem prostrado era um moribundo ou um ferido, mas pôde logo observar que ele rastejava pelo solo rápido e silencioso como uma serpente. Quando entrou em casa, ergueu-se, fechou a porta e mostrou ao fazendeiro atônito o rosto corajoso e a expressão decidida de Jefferson Hope.

- Bom Deus! - sussurrou John Ferrier. - Você me assustou! O que fez você vir até aqui dessa maneira?

- Me dê comida - pediu o outro com a voz rouca. - Não tive tempo para comer ou beber nada nas últimas quarenta e oito horas.

Lançou-se sobre a carne fria e o pão que ainda estavam sobre a mesa de jantar de Ferrier, devorando-os vorazmente.

- E Lucy está enfrentando isso bem? - perguntou após ter satisfeito sua fome.

- Sim. Não conhece a dimensão do perigo - respondeu.

- Ainda bem. A casa está cercada por todos os lados. Por isso rastejei até aqui. Eles podem ser muito espertos, mas não o suficiente para agarrar um caçador Washoe.

Ferrier se sentia um novo homem, agora que contava com um aliado tão dedicado. Segurou a mão calosa do jovem e a apertou afetuosamente.

- Tenho orgulho de ser seu amigo - disse. - Muito poucos viriam aqui partilhar o perigo e as dificuldades que enfrentamos.

- Está certo - respondeu o jovem caçador. - Sinto muito respeito pelo senhor, mas, se estivesse sozinho nesta história, eu pensaria duas vezes antes de pôr minha cabeça no vespeiro. É Lucy que me traz aqui, e, antes que qualquer coisa aconteça a ela, creio que haveria em Utah uma pessoa a menos na família Hope.

- O que vamos fazer?

- Amanhã é o último dia, e estará perdido, a menos que aja hoje à noite. Tenho uma mula e dois cavalos esperando no Canyon da Águia. Quanto tem em dinheiro?

- Dois mil dólares em ouro e cinco mil em notas.

- É o bastante. Tenho mais ou menos isso também. Temos que ir para Carson pelas montanhas. É melhor acordar Lucy. Ainda bem que os criados não dormem na casa.

Enquanto Ferrier se ausentava para preparar a filha para a viagem a ser feita imediatamente, Jefferson Hope fez um pacote com todos os comestíveis que encontrou, e encheu um garrafão com água. Sabia por experiência que eram poucas as fontes nas montanhas e distantes entre si. Mal terminou seus preparativos, o fazendeiro voltou com a filha vestida e pronta para partir. O encontro dos namorados foi caloroso, mas rápido, porque os minutos eram preciosos e havia muito a ser feito.

- Temos que partir já - disse Jefferson Hope, falando em voz baixa mas decidida, como quem conhece a enormidade do perigo, mas está preparado para enfrentá-lo. - As entradas da frente e dos fundos estão guardadas, mas, com cuidado, podemos sair pela janela lateral e cruzar os campos. Uma vez na estrada, estaremos a apenas três quilômetros da ravina, onde estão as montarias. Quando alvorecer, estaremos em plenas montanhas.

- E se formos detidos? - perguntou Ferrier.

Hope bateu na coronha do revólver que se avolumava à frente de sua túnica.

- Se eles forem muitos para nós, levaremos dois ou três conosco - falou com um sorriso sinistro.

Foram apagadas todas as luzes da casa e, pela janela escura, Ferrier olhou os campos que tinham sido seus e que, agora, iria abandonar para sempre. Há muito preparava-se para tal sacrifício. A honra e a felicidade de sua filha superavam qualquer pesar pela fortuna arruinada. Tudo parecia tão calmo e feliz - árvores sussurrantes e uma ampla e silenciosa extensão de trigo - que era difícil pensar que ali se ocultava uma ameaça de morte. No entanto o rosto

pálido e rígido do jovem caçador revelava que, enquanto se aproximava da casa, havia visto o suficiente para saber o que o esperava.

Ferrier levava a bolsa com o ouro e as notas, Jefferson Hope carregava a parca provisão e a água, enquanto Lucy trazia um pequeno embrulho com alguns de seus pertences mais valiosos. Abriram a janela muito lenta e cuidadosamente e esperaram até que uma nuvem densa escurecesse um pouco mais a noite.

Então, um por um atravessaram o pequeno jardim.

Com a respiração contida e agachados, esgueiraram-se até abrigar-se na sebe, e foram contornando-a até atingir uma abertura que dava para os campos de trigo.

Tinham acabado de atingir esse ponto quando o jovem segurou seus dois companheiros, puxando-os para a sombra, onde permaneceram calados e trêmulos.

Era uma sorte que a vida na pradaria houvesse dado a Jefferson Hope ouvidos de lince. Mal tinham se abaixado, ouviram o pio melancólico do mocho soando a alguns metros deles. De imediato, foi respondido por outro pio a pouca distância dali. No mesmo momento, um vulto vago e escuro emergia da abertura pela qual tinham passado, repetindo o pio lastimoso.

Um segundo homem apareceu na escuridão.

- Amanhã à meia-noite - disse o primeiro, parecendo ser o chefe. - Quando o mocho piar três vezes.

- Está bem - replicou o outro. - Devo informar o Irmão Drebber?

- Sim, e que ele informe aos outros. Nove por sete!

- Sete por cinco! - respondeu o outro, e as duas figuras desapareceram em direções opostas. As últimas palavras, sem dúvida, eram uma espécie de senha e contra-senha. Quando o som dos passos dos dois homens desapareceu na distância, Jefferson Hope pôs-se em pé e, ajudando seus companheiros a passar pela abertura, liderou o percurso através da plantação, na maior velocidade possível, amparando e quase carregando a moça, nos momentos em que suas forças pareciam faltar.

- Depressa! Depressa! - sussurrava ele, vez por outra. - Estamos atravessando a linha dos sentinelas. Tudo depende de nossa rapidez. Depressa!

Uma vez na estrada, foi tudo mais rápido. Só encontraram alguém uma vez e, então, esgueiraram-se para uma plantação, evitando, assim, serem reconhecidos.

Antes de alcançarem a cidade, o caçador desviou para uma trilha acidentada e estreita que conduzia às montanhas. Dois picos escuros e denteados surgiram da escuridão. O desfiladeiro entre os cumes era o Canyon da Águia, onde estavam os cavalos.

Com instinto certo, Jefferson Hope pegou seu caminho entre os penhascos gigantescos, seguindo ao longo de um rio seco até alcançar um recanto isolado escondido entre as rochas. Lá os fiéis cavalos haviam ficado amarrados. A moça foi colocada sobre a mula, o velho Ferrier e sua sacola de dinheiro sobre um dos cavalos, enquanto Jefferson Hope puxava o terceiro animal pela trilha escarpada e perigosa.

O caminho desnorteava qualquer um que não estivesse acostumado a enfrentar a natureza em seus aspectos mais selvagens. De um lado, elevava-se um rochedo com uns trezentos metros de altura, negro, rígido e ameaçador, com longas colunas basálticas sobre sua superfície áspera como se fossem costelas de um monstro petrificado. Do outro, uma confusão selvagem de rochas e fragmentos de pedras impossibilitava qualquer avanço. Havia entre os dois lados uma trilha irregular, tão estreita em alguns lugares que tinham que caminhar em fila indiana, e tão acidentada que apenas cavaleiros experimentados poderiam atravessá-la toda. Mesmo assim, apesar de todos os perigos e dificuldades, o coração dos fugitivos estava aliviado, pois cada passo aumentava a distância entre eles e o terrível despotismo do qual tentavam escapar.

No entanto logo tiveram uma prova de que ainda estavam dentro da jurisdição dos Santos. Haviam alcançado a parte mais agreste e mais isolada do passo, quando a jovem soltou um grito de pavor e apontou para o alto. Na rocha da qual se divisava a trilha, destacava-se, nítida e escura contra o céu, a figura de um sentinela solitário. Ele também havia percebido os viajantes e sua interpelação militar soou no silêncio da ravina:

- Quem vem lá?

- Viajamos para Nevada - respondeu Jefferson Hope, com a mão sobre o rifle que pendia da sela.

Podiam ver o guardião solitário, com o dedo na arma, observando-os como se não estivesse satisfeito com a resposta.

- Com permissão de quem? - perguntou.

- Dos Quatro Sagrados - respondeu Ferrier.

Sua experiência com os mórmons o havia ensinado que aquela era a autoridade mais alta à qual poderia se referir.

- Nove por sete! - gritou o sentinela.

- Sete por cinco! - respondeu Jefferson Hope de imediato, lembrando a contra-senha que ouvira no jardim.

- Passem e que o Senhor os acompanhe! - disse a voz mais acima.

Além daquele posto de sentinela, a trilha se alargava e os cavalos podiam prosseguir a trote. Olhando para trás, podiam ver o guarda solitário apoiado sobre sua arma. Compreenderam, então, que haviam ultrapassado o último posto do povo escolhido e que a liberdade os aguardava à frente.

5.

Os Anjos Vingadores

Durante toda a noite atravessaram intrincados desfiladeiros e caminhos irregulares salpicados de pedras.

Mais de uma vez se perderam, mas a familiaridade de Hope com as montanhas permitia que reencontrassem a trilha novamente. Quando rompeu a manhã, depararam-se com uma cena maravilhosa e de selvagem beleza. Em todas as direções, grandes picos nevados os cercavam, parecendo que espreitavam um sobre o outro até desaparecerem no horizonte longínquo. Tão escarpadas eram as encostas rochosas que os pinheiros e os lariços pareciam suspensos sobre a cabeça deles, dando a impressão de que bastaria uma simples rajada de vento para que despencassem sobre os passantes. Esse temor não era apenas uma ilusão, pois aquele vale estéril estava entulhado de árvores e rochas que haviam caído de modo similar. No exato momento em que passavam, uma enorme rocha despencou num estrondo rouco, ctespertando ecos nas gargantas silenciosas e assustando os cavalos extenuados, que se puseram a galope.

Quando o sol se levantou lentamente no horizonte oriental, os picos das gigantescas montanhas foram se iluminando um após o outro, como lâmpadas em um festival, até que ficassem todos rubros e brilhantes.

Esse magnífico espetáculo animou o coração dos três fugitivos, renovando-lhes as energias. Pararam junto a uma torrente impetuosa que brotava de uma ravina e deram de beber aos cavalos, participando de um rápido desjejum. Lucy e o pai gostariam de ter descansado um pouco mais, mas Jefferson Hope foi inexorável.

- A esta altura, já estão no nosso rastro - disse.

- Tudo vai depender de nossa velocidade. Uma vez em Carson, a salvo, poderemos descansar pelo resto de nossas vidas.

Durante o dia inteiro enfrentaram a travessia pelos desfiladeiros e, à tardinha, calcularam haver se distanciado uns cinqüenta quilômetros de seus inimigos. À noite, escolheram a base de uma saliência rochosa em que as pedras ofereciam certa proteção contra o vento gelado. Aconchegaram-se uns aos outros para que se aquecessem e aproveitaram umas poucas horas de sono. Antes que amanhecesse, contudo, puseram-se de pé e novamente a caminho. Não tinham visto nenhum sinal de perseguidores e Jefferson Hope começou a

pensar que já estavam praticamente fora do alcance da terrível organização em cuja ira haviam incorrido. Não sabiam que distância alcançava aquela mão nem quão próxima estava de apanhá-los e aniquilá-los.

Por volta da metade do segundo dia de fuga, as poucas provisões que levaram começaram a escassear.

Isso, no entanto, provocou pouco desconforto ao caçador, porque havia caça nas montanhas e, com frequência, em ocasiões anteriores, ele dependera de seu rifle para prover a subsistência. Escolheu um recanto abrigado, empilhou uns galhos secos e fez uma boa fogueira para que seus companheiros pudessem se aquecer, uma vez que estavam a uns mil e quinhentos metros acima do nível do mar e o ar era frio e cortante naquelas alturas.

Hope prendeu os animais, deu adeus a Lucy, jogou a arma sobre os ombros e partiu em busca da caça que porventura se atravessasse em seu caminho. Voltando-se, viu o velho e a moça agachados perto do fogo aceso, enquanto os três animais permaneciam imóveis ao fundo. Depois, os rochedos se interpuseram, escondendo-os de sua vista.

Ele andou por uns três quilômetros, atravessando uma ravina após outra sem sucesso, embora, pelas marcas deixadas nas cascas das árvores, e também por outras indicações, julgasse haver numerosos ursos nas imediações. Finalmente, depois de duas ou três horas de busca infrutífera, quando, sem esperanças, já pensava em voltar, ergueu os olhos e viu algo que lhe encheu de satisfação.

Na borda de um penhasco inclinado, noventa ou cem metros acima, viu um animal semelhante a um carneiro, mas com um par de chifres gigantescos. O chifre-comprido - porque era assim que o animal se chamava - provavelmente cumpria a função de guardião de um rebanho invisível ao caçador. Por sorte, o animal ia em direção contrária e não o viu. Deitando-se de bruços, Hope apoiou o rifle sobre uma pedra e fez uma longa e cuidadosa pontaria antes de puxar o gatilho.

O animal saltou no ar, tropeçou por um instante na borda do precipício e rolou para o vale mais abaixo.

Era um animal muito pesado para ser carregado, e o caçador contentou-se em cortar-lhe um quarto e parte do flanco. Com o troféu sobre o ombro, apressou-se em voltar, pois a noite se aproximava. Mal começara a andar, no entanto, percebeu a dificuldade com que se defrontava. Na ansiedade em que estava, havia ultrapassado as ravinas conhecidas e, agora, não era fácil reencontrar o caminho que percorrera. O vale em que estava dividia-se e

subdividia-se em muitas gargantas, tão parecidas entre si que era impossível distingui-las. Entrou por uma delas e andou um quilômetro e meio, ou um pouco mais, até chegar a uma corrente vinda das montanhas que, ele tinha certeza, nunca vira antes. Convencido de ter seguido o caminho errado, tentou outro, mas o resultado foi o mesmo.

Anoitecia rapidamente e já estava quase escuro quando, por fim, Hope encontrou-se em um desfiladeiro que lhe era familiar. Mesmo assim, não foi fácil manter-se no caminho certo, porque a lua ainda não havia aparecido e os altos penhascos das margens faziam a escuridão ainda mais profunda. Sobrecarregado com o que levava, cansado pelo esforço dispendido, ele cambaleava, animado pelo pensamento de que cada passo o aproximava de Lucy e, além disso, de que levava consigo o suficiente para garantir-lhes alimentação para o resto da jornada.

Finalmente atingiu a entrada do desfiladeiro onde deixara os companheiros. Mesmo na escuridão podia reconhecer o contorno dos penhascos que o cercavam.

Imaginou que Ferrier e Lucy deveriam estar aguardando-o com ansiedade, pois estivera ausente por umas cinco horas. Satisfeito, levou as mãos à boca, fazendo ecoar por todo o vale um forte “alô”, como sinal de que estava se aproximando. Parou, aguardando uma resposta. Nada ouviu além de seu próprio grito, que ecoou pelas ravinas tristes e silenciosas, voltando a seus ouvidos em repetições incontáveis. Gritou mais uma vez, mais alto do que na primeira e, de novo, não ouviu sequer um sussurro dos amigos que deixara pouco tempo atrás. Um terror vago e inominável apossou-se dele.

Precipitou-se, frenético, deixando cair a preciosa caça em sua agitação.

Quando dobrou a curva, teve uma visão ampla do lugar onde a fogueira fora acesa. Ardia ainda uma pilha de tições vermelhos lá, mas era evidente não ter sido reavivada a partir da hora em que saíra. O mesmo silêncio mortal reinava por toda parte. Seus temores se transformaram em certeza e ele correu. Nem um único ser vivo se via perto do que restara da fogueira: animais, homem e mulher haviam desaparecido.

Era demasiado evidente que um terrível e repentino desastre ocorrera durante sua ausência: um desastre que atingira a todos, mas que não deixara pistas.

Confuso e aturdido pelo golpe, Jefferson Hope sentiu sua cabeça girar e teve que apoiar-se no rifle para não cair. Mas ele era, essencialmente, um homem de ação e recuperou-se logo de sua momentânea impotência. Pegou um

tição meio consumido da fogueira sem labaredas, soprou-o até conseguir uma chama e, com essa ajuda, pôs-se a examinar o pequeno acampamento. O chão tinha marcas de vários cascos de cavalo, o que indicava que um grande grupo de cavaleiros rendera os fugitivos, e a direção das pegadas revelava que, depois disso, retornaram a Salt Lake City. Teriam levado os dois com eles? Jefferson Hope quase se convencera disso, quando seus olhos caíram sobre algo que fez estremecer cada nervo de seu corpo. Pouco além, a um lado do acampamento, encontrou um montinho de terra avermelhada que, ele tinha certeza, não estava lá antes. Não havia como se enganar, era uma sepultura recente. O jovem caçador aproximou-se e percebeu uma forquilha sobre ela com um papel enfiado na bifurcação do graveto. A inscrição sobre o papel era breve, mas suficiente:

John Ferrier
Originário de Salt Lake City
Falecido a 4 de agosto de 1860

Então, fora-se aquele velho forte que deixara há tão pouco tempo, e esse era o seu único epitáfio! Jefferson Hope olhou desesperado ao redor para ver se havia uma segunda sepultura, mas não viu nada. Lucy fora levada por seus perseguidores terríveis para cumprir o destino que lhe tinham traçado: ser uma das mulheres do harém do filho de algum Ancião. Quando o jovem compreendeu que esse seria o fim inevitável da moça e, também, sua impotência para evitá-lo, desejou estar como o velho fazendeiro, em sua última e silenciosa morada.

Mais uma vez, porém, seu espírito combativo afastou a letargia provocada pelo desespero. Se nada mais lhe restava, podia, ao menos, dedicar sua vida à vingança. Homem de paciência e perseverança indômitas, Jefferson Hope sabia também persistir na vingança. Aprendera com os índios entre os quais havia vivido. Enquanto permanecia em pé, junto do fogo que restara, sentiu que a única coisa capaz de amenizar sua dor seria a retribuição completa e absoluta a seus inimigos, concretizada por suas próprias mãos. Sua vontade férrea e sua energia infatigável seriam devotadas, ele assim se determinou, a uma única finalidade. Com o rosto pálido e contraído, voltou ao lugar onde deixara cair a caça e, tendo atizado o fogo moribundo, cozinhou o suficiente para durar alguns dias. Embrulhou a comida e, mesmo cansado, retomou o caminho das montanhas, seguindo a trilha dos Anjos Vingadores.

Por cinco dias, pés doloridos e exausto, ele percorreu os desfiladeiros que atravessara a cavalo. À noite, acomodava-se entre as rochas para umas poucas horas de sono. Antes do dia romper, no entanto, já havia retomado seu caminho. No sexto dia alcançou o Canyon da Águia, local de início da desventurada fuga. Dali, podia ver a Terra dos Santos. Debilitado e exausto, apoiou-se no rifle e ergueu o punho descarnado sobre a cidade silenciosa que se estendia abaixo dele. Enquanto a observava, percebeu que havia bandeirolas em algumas das ruas principais e outros indícios de festa. Ainda especulava sobre o que poderia ser aquilo, quando ouviu o bater de cascos de cavalos e viu um cavaleiro avançando em sua direção. Aproximando-se, reconheceu tratar-se de um mórmon chamado Cowper, a quem prestara serviços em diversas ocasiões. Abordou-o com a intenção de descobrir qual tinha sido o destino de Lucy.

- Sou Jefferson Hope. Deve lembrar-se de mim.

O mórmon olhou para ele com indisfarçável espanto. De fato, não era fácil reconhecer naquele andarilho roto e desalinhado, com rosto cadavérico e olhos de fúria selvagem, o jovem e garboso caçador de outros tempos. Certificando-se da identidade do moço, a surpresa do homem transformou-se em consternação.

- Você é louco em vir aqui! - exclamou. - Corro risco de vida se nos virem conversando. Há uma ordem de prisão contra você, expedida pelos Quatro Sagrados, por ter ajudado os Ferrier a fugir.

- Não tenho medo deles nem de sua ordem - respondeu Hope com seriedade. - Você deve saber algo a respeito, Cowper. Por tudo que lhe for mais sagrado, peço que me responda a algumas perguntas. Temos sido amigos. Por Deus, não se recuse a me responder.

- O que quer saber? - perguntou o mórmon pouco à vontade. - Seja rápido. As próprias rochas têm ouvidos e as árvores, olhos.

- O que aconteceu a Lucy Ferrier?

- Casou-se ontem com o jovem Drebber. Coragem, homem, coragem! Não lhe sobra muita vida.

- Não se preocupe comigo - disse Hope com voz fraca. Até seus lábios haviam perdido a cor e deixara-se cair sobre a rocha em que se encontrava. - Casou-se, você disse?

- Casou-se ontem. É por isso que a Casa dos Donativos está embandeirada. Houve uma discussão entre Drebber e Stangerson sobre quem deveria ficar com ela. Ambos tomaram parte do grupo de perseguição. Stangerson foi quem matou o pai da moça, o que parecia dar-lhe maior direito. Mas quando a

discussão foi levada ao Conselho, como o partido de Drebbber era mais forte, o Profeta deu a moça para ele. No entanto nenhum dos dois ficará com ela. Vi a morte em seu rosto ontem. Parece mais um fantasma que uma mulher. Já vai?

- Sim, vou - respondeu Jefferson Hope, que havia se erguido. Seu rosto parecia esculpido em mármore, tão rígida e dura era sua expressão, os olhos ardendo em brilho funesto.

- Para onde vai?

- Não importa - respondeu.

Pôs a arma sobre o ombro, e caminhou em grandes passos em direção ao desfiladeiro. De lá, foi para o coração das montanhas, onde habitam as feras selvagens. Mas, entre todas, não havia nenhuma mais feroz e perigosa que Jefferson Hope.

A previsão do mórmon cumpriu-se exatamente.

Fosse pela terrível morte do pai ou pelos efeitos do odioso casamento a que fora obrigada, a pobre Lucy não levantou a cabeça nunca mais. Foi se consumindo e morreu dentro de um mês. Seu estúpido marido, que a desposara principalmente por causa das propriedades de John Ferrier, não demonstrou nenhum grande pesar por seu padecimento. Suas outras esposas, porém, lamentaram a morte e velaram seu corpo na véspera do sepultando, de acordo com o costume mórmon. Estavam ainda reunidas em torno do caixão, nas primeiras horas da manhã, quando, com indizível espanto e temor, viram a porta ser aberta e entrar um homem em farrapos, com expressão selvagem e marcas da exposição à intempérie.

Sem um olhar ou uma palavra às mulheres aninhadas ao redor, Hope dirigiu-se para a branca e silenciosa forma que abrigara em vida a alma pura de Lucy Ferrier. Parou junto ao corpo, pousou com reverência os lábios na fria testa da moça e, tomando sua mão, retirou a aliança do dedo.

- Ela não será enterrada com isto! - rugiu com ferocidade.

E, antes que fosse dado alarme, desceu veloz as escadas e desapareceu. Tão estranho e rápido fora o episódio que os que o assistiram teriam duvidado do que aconteceu, ou tido dificuldade em convencer alguém do evento, não fosse o fato inegável de que o aro de ouro que caracterizava Lucy como esposa havia desaparecido.

Durante alguns meses, Jefferson Hope perambulou pelas montanhas, levando uma vida selvagem e acalentando o feroz desejo de vingança que se apossara dele.

Na cidade, contavam-se histórias sobre uma figura fantasmagórica que era vista vagando pelos subúrbios ou assombrando os solitários desfiladeiros das montanhas.

Uma vez, uma bala entrou assoviando pela janela de Stangerson e achatou-se contra a parede a poucos centímetros dele. Noutra ocasião, quando Drebber passava sob um penhasco, uma enorme pedra despençou sobre ele, que escapou de uma morte horrível atirando-se de frente contra o solo. Os dois jovens mórmons não demoraram a descobrir a razão desses atentados contra suas vidas e organizaram sucessivas expedições às montanhas, na esperança de capturar ou matar o inimigo.

Não tiveram nenhum sucesso. Então, adotaram a precaução de jamais andar a sós ou sair após escurecer, além de manter suas casas sob vigilância. Depois de um tempo, como mais nada foi visto ou ouvido do inimigo, relaxaram essas medidas, confiando que o tempo teria acalmado o desejo de vingança de Jefferson Hope.

Muito longe disso, o ódio do jovem apenas aumentara. Seu caráter era rígido e implacável e a predominância da idéia de vingança apossara-se tão completamente dele que não deixava espaço para qualquer outra emoção. Mas ele era, acima de tudo, um homem prático. Logo percebeu que nem mesmo sua privilegiada constituição física suportaria a incessante tensão a que era submetida. A exposição permanente à intempérie e a falta de alimentação sadia o estavam consumindo.

Se morresse como um cão, no meio das montanhas, o que seria de sua vingança? No entanto, se persistisse, sem dúvida essa era a morte que teria. Percebeu que, desse modo, estava fazendo o jogo do inimigo. Então, relutante, voltou às velhas minas de Nevada para recuperar a saúde e amealhar dinheiro suficiente para persistir em seu objetivo sem passar privações.

Sua intenção era ausentar-se por um ano, no máximo, mas um conjunto de circunstâncias imprevistas impediu-o de afastar-se das minas por quase cinco anos.

Findo esse tempo, a lembrança do que passara e o desejo de vingança estavam tão vivos quanto naquela noite memorável em que permaneceu junto à sepultura de John Ferrier.

Disfarçado e sob um nome falso, ele voltou a Salt Lake City, sem se preocupar com o que poderia lhe acontecer, contanto que conseguisse fazer o que considerava justiça. Lá, porém, más notícias o aguardavam.

Acontecera um cisma entre o Povo Eleito uns meses antes. Alguns membros jovens da Igreja se rebelaram contra a autoridade dos Anciãos e o resultado fora o afastamento de um certo número de descontentes, que partiram de Utah e abandonaram a crença. Entre estes estavam Drebber e Stangerson. E ninguém sabia para onde haviam ido. Diziam que Drebber conseguira converter boa parte de sua propriedade em dinheiro e que partira como um homem rico, enquanto Stangerson, seu companheiro, era comparativamente pobre.

Não existia nenhum indício, no entanto, do paradeiro deles.

Muitos homens, por vingativos que fossem, teriam desistido de qualquer idéia de desforra diante dessa dificuldade. Jefferson Hope, porém, não vacilou por um momento sequer. Com os poucos recursos que possuía, e mais o que ganhava nos empregos que conseguia aqui e ali, viajou pelos Estados Unidos, de cidade em cidade, atrás de seus inimigos. Os anos se passavam, seu cabelo preto já estava grisalho, e ele continuava, como um cão de caça humano, a mente concentrada no único objetivo a que devotara sua vida.

Finalmente sua perseverança foi recompensada.

Bastou apenas o olhar de relance de um rosto pela janela para revelar-lhe que os homens que perseguia estavam em Cleveland, em Ohio. Voltou para o alojamento miserável com todo o plano de vingança montado.

Aconteceu que Drebber, no momento em que olhou pela janela, reconheceu o vagabundo que passava pela rua, lendo em seus olhos o desejo homicida.

Acompanhado de Stangerson, que havia se tornado seu secretário, Drebber correu a um juiz de paz, declarando que sua vida e a do amigo corriam perigo por causa do ódio e do ciúme de um antigo rival. Na mesma noite, Jefferson Hope foi detido e, não tendo condição de pagar a fiança, ficou preso algumas semanas.

Quando, por fim, foi posto em liberdade, soube que a casa de Drebber estava vazia e que ele e seu secretário haviam partido para a Europa.

Mais uma vez o vingador se frustrara e, de novo, o ódio concentrado o impelia a continuar a perseguição.

No entanto precisava de dinheiro e teve que voltar, por algum tempo, ao trabalho, economizando cada dólar para a próxima viagem.

Por fim, tendo reunido o suficiente para sobreviver, partiu para a Europa, seguindo a pista dos inimigos de cidade em cidade, ganhando a vida com trabalhos subalternos, sem, contudo, alcançar os fugitivos.

Quando chegou a São Petersburgo, eles haviam partido para Paris. Seguiu-os até lá e ficou sabendo que tinham acabado de viajar para Copenhague. À capital dinamarquesa chegou, também, com uns dias de atraso, porque tinham viajado para Londres, onde, finalmente, a perseguição atingiu seu objetivo.

Quanto ao que ocorreu lá, o melhor a fazer é citar o próprio relato do velho caçador, conforme ficou registrado no diário do Dr. Watson, a quem já devemos tanto.

6.

Continuação das Memórias do Dr. Watson

A resistência furiosa de nosso prisioneiro não parecia indicar nenhuma ferocidade em relação a nós, pois, ao se perceber impotente, sorriu de maneira afável e disse que esperava não ter nos machucado durante a luta.

- Com certeza vão me levar para o posto policial - disse a Sherlock Holmes. - Tenho um carro estacionado à porta. Se soltarem minhas pernas, vou andando até lá. Não sou mais tão leve para ser carregado quanto era antes.

Gregson e Lestrade se entreolharam como se achassem a proposta um tanto atrevida, mas Holmes aceitou a palavra do prisioneiro e retirou a toalha com que prendera seus tornozelos. O homem ergueu-se e espichou as pernas, querendo ter certeza de que estava livre. Lembro-me de que pensei comigo mesmo, olhando-o, que raramente vira um homem de constituição tão forte.

Além disso, em seu rosto moreno e bronzeado havia uma expressão enérgica e determinada tão formidável quanto sua força física.

- Se houver uma vaga para chefe de polícia, você é o mais indicado para ela - comentou ele, olhando com grande admiração para meu companheiro de moradia. - A maneira como seguiu minha pista é uma garantia disso.

- É melhor virem comigo - disse Holmes aos dois detetives.

- Posso levá-los - ofereceu-se Lestrade.

- Muito bem. E Gregson ficará dentro do carro comigo. O senhor, também, doutor. Interessou-se pelo caso e poderá segui-lo até o final.

Concordei satisfeito e descemos todos juntos. O prisioneiro não fez qualquer tentativa de fugir. Caminhou calmamente para o carro que havia sido seu e nós o seguimos. Lestrade subiu para a boléia, chicoteou o cavalo e, em pouco tempo, chegávamos a nosso destino. Fomos introduzidos numa sala pequena onde um inspetor de polícia anotou o nome do prisioneiro e dos homens que ele assassinara. O oficial era um homem imperturbável, de rosto pálido, que cumpria suas obrigações de modo mecânico e indiferente.

- O prisioneiro comparecerá perante os magistrados durante esta semana - disse. - Enquanto isso, senhor Jefferson Hope, há alguma coisa que deseje declarar? Devo avisá-lo que o que disser ficará registrado e poderá ser usado contra o senhor.

- Tenho muita coisa a declarar - respondeu lentamente o prisioneiro. - Quero contar a história toda aos cavalheiros.

- Não acha melhor reservar-se para o julgamento? - perguntou o inspetor.

- Talvez eu nem venha a ser julgado - respondeu. - mas se surpreendam. Não estou pensando em suicídio. O senhor é médico?

Virou seus olhos escuros e febris para mim ao fazer a pergunta.

- Sim, sou - respondi.

- Então, ponha a mão aqui - disse com um sorriso, movendo suas mãos algemadas em direção ao peito.

Assim fiz e percebi de imediato a comoção interna. As paredes do peito pareciam vibrar e tremer como uma frágil edificação em cujo interior funcionasse um poderoso maquinismo. No silêncio da sala, eu podia ouvir um som seco e um zumbido que provinham da mesma fonte.

- Ora! - exclamei. - Você tem um aneurisma da aorta!

- É como o chamam - respondeu, placidamente. - Fui a um médico na semana passada e ele me disse que isso vai estourar dentro de alguns dias. Tem piorado nos últimos anos. Fiquei assim naquela época em que vivia exposto ao tempo e mal alimentado nas montanhas de Salt Lake. Mas eu já fiz meu trabalho e não me importo de morrer agora. Gostaria, no entanto, de deixar relatado tudo o que aconteceu: Não quero ser lembrado como um assassino comum.

O inspetor e os dois detetives tiveram uma rápida discussão sobre a conveniência de permitir a ele que contasse sua história.

- O senhor acha, doutor, que há um risco de vida imediato? - perguntou o inspetor.

- Tudo indica que sim - respondi.

- Nesse caso, certamente é nosso dever, no interesse da justiça, tomar seu depoimento - declarou o inspetor. - É livre para apresentar seu relato, senhor, mas volto a adverti-lo de que suas palavras serão consideradas.

- Com sua licença, vou me sentar - disse o prisioneiro, passando da palavra à ação. - Esse aneurisma me deixa cansado com facilidade e a briga que tivemos meia hora atrás não melhora em nada a situação. Estou à beira da sepultura e não iria mentir para vocês. Tudo que eu disser será a mais absoluta verdade e não me interessa o uso que os senhores farão do que irão ouvir.

Com essas palavras, Jefferson Hope reclinou-se na cadeira e iniciou sua extraordinária narrativa. Falava de modo calmo e metódico, como se os episódios que narrava fossem comuns. Posso atestar a precisão do que foi dito,

porque tive acesso ao caderno de Lestrade, no qual as palavras do prisioneiro foram registradas tal qual foram proferidas.

- Não lhes interessa saber a razão pela qual eu odiava esses homens - disse ele. - Basta saber que eram culpados da morte de dois seres humanos, pai e filha, e que, por isso, já tinham perdido o direito à própria vida. Depois de todo o tempo transcorrido após o crime, era impossível para mim apresentar queixa contra eles em qualquer tribunal. No entanto eu sabia que eram culpados e decidi ser o juiz, os jurados e o executor deles ao mesmo tempo. Os senhores teriam feito o mesmo, se, sendo dotados de sentimento humano, estivessem em meu lugar.

“A moça de quem falei ia casar-se comigo, há vinte anos, mas foi obrigada a tornar-se esposa de Drebbler, o que a aniquilou. Retirei a aliança de seu dedo de morta jurando que os últimos pensamentos de Drebbler seriam sobre o crime pelo qual morreria castigado.

Levei a aliança sempre comigo, e segui a ele e a seu cúmplice, pelos dois continentes, até agarrá-los. Pensavam que me deixariam cansado. Não conseguiram. Se eu morrer amanhã, o que é provável, morro sabendo que cumpri meu dever neste mundo e que o cumpri bem.

Os dois estão mortos e por minhas mãos. Não tenho mais nada a esperar ou a desejar.

“Eles eram ricos e eu, um homem pobre; não era, portanto, fácil para mim segui-los. Quando cheguei a Londres, já estava com os bolsos vazios, e percebi que precisava fazer alguma coisa para sobreviver. Conduzir e montar cavalos sempre foi tão natural para mim quanto caminhar, de modo que me apresentei ao proprietário de uma empresa de carros e consegui logo o emprego. Tinha que entregar uma determinada quantia semanal ao dono do negócio e o que a ultrapassasse ficaria comigo. Raramente rendia alguma coisa, mas eu conseguia sobreviver de alguma forma. O difícil foi aprender a circular, porque, confesso, dentre todos os labirintos que foram inventados, esta cidade é a mais confusa. Tinha a meu lado um mapa de Londres e, quando localizei os principais hotéis e estações da cidade, eu me saí muito bem.

“Levou algum tempo até que eu descobrisse onde viviam os dois cavalheiros. Investiguei aqui e ali e, finalmente, dei com eles. Estavam em uma pensão em Camberwell, no outro lado do rio. Assim que os descobri, soube que estavam em minhas mãos. Tinha deixado crescer a barba, e não havia possibilidade de que me reconhecessem. Iria rasteá-los e persegui-los até chegar a hora certa. Não os deixaria escapar uma outra vez.

“Estiveram perto de fazê-lo, mas eu os seguia por onde quer que andassem. Às vezes ia atrás deles em meu carro; outras, a pé. Mas da primeira forma era melhor, porque não podiam ficar distantes de mim. Somente bem cedo pela manhã ou bem tarde à noite é que eu conseguia ganhar algum dinheiro e, sendo assim, comecei a dever a meu patrão. No entanto isso não me preocupava, tudo o que queria era pôr as mãos nos dois.

“Eles eram, porém, muito espertos. nunca iam imaginar que pudessem estar sendo seguidos, porque nunca saíam a sós, nem mesmo depois de escurecer. Andei atrás deles por duas semanas, sem perder um só dia, e nunca os vi separados. Drebbler estava bêbado a metade do tempo, mas Stangerson permanecia vigilante.

Observava-os de manhã à noite, sem ter a menor oportunidade. Mas não desanimava, alguma coisa me dizia que se aproximava o momento. Meu único temor era que esta coisa em meu peito explodisse antes da hora, deixando meu trabalho incompleto.

“Por fim, uma noite em que eu estava subindo e descendo a Torquay Terrace, que é como se chama a rua onde estavam hospedados, vi um carro parar em frente à porta da pensão. Uma bagagem foi trazida para fora e, pouco depois, saíram Drebbler e Stangerson e tomaram um carro. Chicoteei meu cavalo, sem perdê-los de vista, aborrecido com a possibilidade de que fossem trocar de acomodações. Saltaram na estação Euston. Deixei um menino tomando conta de meu cavalo e segui-os até a plataforma. Ouvi perguntarem pelo trem de Liverpool; o guarda respondeu que tinha acabado de partir e que só haveria outro dentro de algumas horas. Stangerson pareceu irritado com isso, mas Drebbler, ao contrário, demonstrava satisfação. Cheguei tão perto deles, em meio à agitação toda, que pude ouvir cada palavra que disseram. Drebbler disse que tinha um pequeno assunto pessoal a resolver e que, se o outro o esperasse, logo se reuniria a ele. Seu companheiro protestou, lembrando que haviam combinado permanecer juntos. Drebbler respondeu que se tratava de um assunto delicado e que precisava ir só. Não entendi o que Stangerson respondeu, mas o outro explodiu em pragas, lembrando-me que era um assalariado a seu serviço e que não podia pretender dar-lhe ordens. O secretário percebeu que era melhor recuar, e limitou-se a combinar que, caso perdesse o último trem, iria encontrá-lo no Hotel Halliday. Drebbler, então, respondeu que estaria na estação antes das onze e afastou-se.

“O momento pelo qual eu esperava há tanto tempo finalmente havia chegado. Juntos podiam proteger-se um ao outro, mas, separados, ficavam a

minha mercê. No entanto não agi com precipitação. Meus planos já estavam feitos. Não há prazer na vingança se aquele que nos ofendeu não tiver tempo para perceber quem o está atacando e por quê. Tinha feito meus planos para que meu inimigo compreendesse que estava pagando por seu antigo pecado. Aconteceu que, dias antes um cavalheiro que fora ver algumas casas em Brixton Road havia esquecido a chave de uma delas em meu carro. Reclamou-a na mesma noite e eu a devolvi, mas, no intervalo, tirei o molde da chave e mandei fazer uma duplicata. Desse modo, pude ter acesso a, pelo menos, um lugar nesta grande cidade onde poderia fazer algo sem ser interrompido. Como atrair Drebber a essa casa era o difícil problema que eu tinha que resolver.

“Descendo a rua, ele entrou num e noutro bar permanecendo quase meia hora no último deles. Quando saiu, caminhou cambaleante, demonstrando que passara da conta. À minha frente ia um cupê e Drebber o fez parar. Segui-o tão de perto que o focinho de meu cavalo não ficou a mais de um metro de seu cocheiro durante todo o percurso. Cruzamos a ponte de Waterloo e percorremos quilômetros de rua até que, para minha surpresa, voltamos à rua da pensão onde ele se hospedara. Não conseguia imaginar por que razão ele voltava para aquela casa, mas fui em frente e estacionei meu carro a uns cem metros dali. Ele entrou na pensão e o cupê foi embora.”

- Por favor, me dêem um copo de água. tenho a boca seca de tanto falar.

Alcansei-lhe um copo e ele bebeu toda a água.

- Assim está melhor - disse. - Bem, eu fiquei esperando por um quarto de hora, ou mais, quando, de repente, ouvi barulho de pessoas brigando dentro da casa. No momento seguinte, a porta escancarou-se e apareceram dois homens. Um era Drebber e o outro um jovem que eu nunca vira antes: O rapaz agarrava Drebber pelo colarinho e, quando chegaram ao alto da escada, deu-lhe um empurrão e um pontapé que o lançaram no meio da rua.

“- Canalha! - gritou o rapaz, brandindo a bengala. - Vou lhe ensinar como se insulta uma moça séria!

“Ele estava tão furioso que poderia ter despedaçado Drebber a bengaladas, se o patife não descesse cambaleante a rua o mais rápido que suas pernas o permitiam. Correu até a esquina e, vendo meu carro; fez sinal e entrou.

“- Leve-me para o Hotel Halliday - disse.

“Quando eu o tive dentro de meu carro, meu coração pulsava no peito com tanta alegria que temi fosse aquele meu último momento, uma vez que o aneurisma poderia não suportar a tensão. Eu dirigia devagar, pensando qual seria a melhor coisa a fazer. Poderia levá-lo diretamente para o campo e lá, em

alguma estrada deserta, ter minha última entrevista com ele. Já estava quase decidido quando ele próprio resolveu o problema para mim. A vontade de beber o dominava mais uma vez, e ele ordenou que eu parasse em frente a uma casa de bebidas. Entrou, depois de dizer que eu deveria esperar por ele. Permaneceu lá até a hora de fechar-se o estabelecimento e, quando saiu, estava tão bêbado que percebi estar com todo o jogo em minhas mãos.

“Não pensem que pretendia matá-lo a sangue frio. Se o fizesse, estaria cumprindo a mais estrita justiça, mas não era o que eu queria. Há muito decidira dar-lhe uma oportunidade de sobreviver, caso soubesse aproveitá-la. Entre os muitos ofícios que exerci na América, durante minha vida de andarilho, fui, uma vez, porteiro e varredor do laboratório da Universidade de York. Um dia, o professor deu uma aula sobre venenos e mostrou aos estudantes alguns alcalóides, como os chamava, que extraíra de certo veneno usado em flechas na América do Sul. Afirmou que eram tão potentes que a menor porção provocava morte imediata. Localizei o frasco onde o preparado era guardado e, quando todos se foram, retirei um pouquinho para mim. Tinha uma boa prática em farmácia, de modo que transformei aquele alcalóide em duas pequenas pílulas solúveis e pus cada uma em uma caixinha junto a uma pílula similar, mas sem o veneno. Decidi que, quando chegasse a hora do encontro com os dois cavalheiros, cada um escolheria sua pílula e eu engoliria as pílulas restantes. Seria um método igualmente mortal, mas bem menos ruidoso que disparar com um revólver através de um lenço. Desse dia em diante, sempre carreguei comigo as caixinhas com as pílulas e, agora, era chegado o momento de usá-las.

“Estava mais perto de uma hora do que da meia-noite. A noite era fria e tenebrosa; soprava um vento furioso e chovia torrencialmente. Por mais feio que fosse o tempo lá fora, por dentro eu estava eufórico. Tanto que desejava gritar de pura alegria. Se algum dos senhores já se consumiu por alguma coisa, sonhando com ela por vinte longos anos e, de repente, conseguiu tê-la ao alcance da mão, então poderá compreender como eu me sentia. Acendi um charuto e puxei umas baforadas para acalmar meus nervos, mas minhas mãos tremiam e mirihas têmperas latejavam de excitação. Enquanto dirigia, podia ver Jonn Ferrier e a doce Lucy me olhando e sorrindo para mim no escuro, de modo tão nítido como vejo vocês nesta sala. Durante todo o percurso eles estiveram a minha frente, um de cada lado do cavalo, até eu parar diante da casa em Brixton Road.

“Não se via viva alma por ali e não se ouvia nenhum som, exceto o da chuva caindo. Quando olhei pela janelinha do carro, vi Drebber todo encolhido, dormindo seu sono de bêbado. Sacudi-o pelo braço.

“- Está na hora de descer - avisei.

“- Muito bem, cocheiro - respondeu.

“Imagino que tenha pensado estar chegando ao hotel que havia mencionado, porque desceu sem dizer nada e me seguiu pelo jardim. Eu tive que ficar ao lado dele para mantê-lo firme, porque não se mantinha sobre as próprias pernas. Quando chegamos à porta, eu a abri e fiz com que entrasse na sala. Dou minha palavra que, durante o tempo todo, o pai e a filha caminhavam a nossa frente.

“- Está escuro como o diabo! - disse ele, arrastando os pés.

“- Logo teremos luz - falei, riscando um fósforo e acendendo uma vela de cera que trouxera comigo.

- E agora, Enoch Drebber - continuei, virando-me para ele e erguendo a vela à altura do rosto -, quem sou eu?

“Ele me fitou por um momento com olhos turvos e embriagados, mas logo vi brotar neles o horror que convulsionou suas feições, revelando que me identificara. Cambaleou com o rosto lívido, enquanto eu via o suor lhe inundar a testa e ouvia seus dentes batendo como castanholas. Diante de semelhante quadro, encostei-me à porta e dei uma gargalhada. Sempre imaginei que a vingança seria doce, mas não esperava ser tomado por tal contentamento como o que sentia agora.

- “Cachorro! - exclamei. - 'Tenho seguido seu rastro de Salt Lake City a São Petersburgo, e você sempre me escapou. Agora, finalmente, suas andanças chegaram ao fim, porque um de nós dois jamais voltará a ver o sol se levantar.

“Ele se contraía cada vez mais à medida que eu falava e podia ver em seu rosto que ele me julgava louco. E eu, de fato, estava naquele momento. O sangue martelava minhas têmporas e penso que teria sofrido um ataque qualquer, se não o tivesse esguichado pelo nariz, o que me deu alívio.

“- O que pensa agora de Lucy Ferrier? - gritei, trancando a porta e sacudindo a chave diante de seu rosto. - O castigo demorou a chegar, mas finalmente o alcançou!

“Vi tremerem os lábios do covarde enquanto ele falava. Teria suplicado por sua vida, se não estivesse certo de que seria inútil.

“- Você vai me assassinar? - gaguejou.

“- Não haverá nenhum assassinato - respondi.

- Quem fala de assassinato quando se trata de matar um cão raivoso? Que piedade teve de minha pobre amada, quando a afastou do pai trucidado para levá-la a seu harém maldito e indecente?

“- Não fui eu que matei o pai dela! - exclamou.

“- Mas foi você que despedaçou seu coração inocente - vociferei, estendendo a caixinha diante dele.

- Deixe que Deus julgue entre nós dois. Escolha uma e engula. Há morte em uma e vida noutra. Vamos ver se existe justiça na terra ou se somos dirigidos pelo acaso.

“Acovardado, ele se pôs a gritar e tentou fugir, suplicando piedade, mas puxei minha faca e a encostei em sua garganta até fazê-lo obedecer. Então, engoli a pílula restante e ficamos em pé, encarando um ao outro, em silêncio, por um minuto ou mais, esperando para saber quem viveria e quem iria morrer. Jamais esquecerei a expressão que lhe cobriu o rosto quando começou a sentir as primeiras dores, anúncio de que o veneno estava em seu organismo. Eu me pus a rir e sacudi o anel de noivado de Lucy frente a seus olhos. Foi apenas por um momento, porque a ação do alcalóide é rápida. Um espasmo de dor contorceu-lhe o rosto, ele estendeu as mãos para frente, cambaleou e, então, com um grito rouco, caiu pesadamente sobre o chão. Virei-o com o pé e coloquei a mão sobre seu coração. Não batia. Ele estava morto!

“O sangue estivera correndo de meu nariz, mas eu não percebera. Não sei o que foi que me deu a idéia de escrever na parede com ele. Talvez a intenção perversa de colocar a polícia na pista errada, porque me sentia animado e de coração leve. Recordei o caso de um alemão encontrado morto em Nova York com a palavra rache escrita acima dele. Na ocasião, os jornais atribuíram o caso a sociedades secretas. Supus que, aquilo que confundira os nova-iorquinos, confundiria, também, os londrinos. Então, molhei o dedo em meu próprio sangue e escrevi a mesma palavra num lugar conveniente na parede. Caminhei, depois disso, em direção a meu carro e vi que não havia ninguém nos arredores, porque a noite continuava horrível. Já havia percorrido uma certa distância quando pus a mão no bolso onde costumava levar a aliança de Lucy e percebi que não estava lá. Fiquei atordoado com isso, porque era a única lembrança que guardava dela. Imaginando que devia tê-la deixado cair quando me debrucei sobre o corpo de Drebber, voltei e, estacionando o carro em uma rua lateral, corri ousadamente para a casa. Eu estava disposto a qualquer audácia antes de perder a aliança.

Chegando lá, esbarrei com um policial que estava saindo, e a única forma de escapar de suas suspeitas foi fingir que estava totalmente embriagado.

“Foi assim que Enoch Drebbler encontrou seu fim. Tudo que me restava a fazer era dar o mesmo castigo a Stangerson, para que pagasse seu débito com John Ferrier. Sabia que estava hospedado no Hotel Halliday e fiquei perambulando pelos arredores o dia inteiro, mas ele não apareceu. Deve ter suspeitado de algo, quando Drebbler não compareceu ao encontro. Stangerson era esperto e nunca afrouxava a guarda. Se pensava, porém, que me manteria afastado, ficando dentro do hotel, estava completamente enganado. Logo descobri qual a janela de seu quarto. Na manhã seguinte, usando uma das escadas que eram deixadas na passagem atrás do hotel, subi até lá mal o dia clareava. Despertei-o, avisando que tinha chegado a hora dele responder pela vida que havia tirado tanto tempo atrás. Descrevi-lhe a morte de Drebbler e ofereci a ele a mesma escolha das pílulas envenenadas. Em lugar de aceitar a oportunidade de salvação que eu lhe oferecia, saltou da cama e voou em meu pescoço. Para defender-me, apunhalei-o no coração. Daria no mesmo, em qualquer caso, porque a Providência não iria permitir que aquela mão culpada pegasse outra que não fosse a pílula envenenada.

“Tenho pouco mais a dizer, e ainda bem, porque estou no fim de minhas forças. Continuei trabalhando por mais um dia ou dois, esperando juntar o dinheiro suficiente para voltar à América. Estava parado no estacionamento quando um menino maltrapilho perguntou se havia um cocheiro lá chamado Jefferson Hope e dizendo que um cavalheiro precisava de um carro na Baker Street, 221 B. Fui até lá sem suspeitar de nada e tudo o que sei é que, no momento seguinte, este jovem aqui punha algemas em meus pulsos, com eficiência nunca vista. Esta é toda minha história, cavalheiros. Podem me considerar um assassino, mas, em minha opinião, sou um instrumento da justiça como vocês também o são.”

Tão emocionante fora a narrativa daquele homem e tão impressionante seu comportamento que havíamos permanecido calados e absortos. Até mesmo os detetives profissionais, acostumados como eram a todos os aspectos do crime, demonstraram estar vivamente interessados na história de Jefferson Hope. Quando concluiu, ficamos alguns momentos num silêncio quebrado apenas pelo ruído do lápis de Lestrade no papel, que dava os retoques finais em seu relato taquigrafado.

- Há apenas um ponto sobre o qual eu gostaria de ter um esclarecimento - disse, por fim, Sherlock Holmes. - Quem era o cúmplice que se apresentou para recuperar a aliança quando publiquei o anúncio?

O prisioneiro piscou o olho para meu amigo de modo jocoso.

- Posso contar-lhe meus segredos - respondeu -, mas não ponho outras pessoas em encrenca. Vi seu anúncio e pensei que tanto poderia ser uma cilada quanto, de fato, ser a jóia que buscava. Meu amigo dispôs-se a ir ver. Penso que não vai deixar de admitir que ele se saiu muito bem.

- Sem dúvida! - exclamou Holmes com ênfase.

- Agora, senhores - observou o inspetor com gravidade -, vamos cumprir com as formalidades legais. Na quinta-feira, o prisioneiro será levado a tribunal e a presença dos senhores será exigida. Até lá, eu serei responsável por ele.

Tocou uma sineta enquanto falava e Jefferson Hope foi conduzido por dois guardas, enquanto meu amigo e eu deixamos o posto policial e pegamos um carro em direção a Baker Street.

7.

Conclusão

Tínhamos sido todos convocados a comparecer perante os magistrados na quinta-feira. Mas, quando esse dia chegou, não havia mais necessidade de nosso testemunho. Um juiz mais alto tomara o assunto em suas mãos, e Jefferson Hope fora intimado a um tribunal que o julgaria com absoluta justiça. Na mesma noite após sua captura, o aneurisma estourou e, pela manhã, ele foi encontrado estirado sobre o piso da cela, com um plácido sorriso estampado no rosto. Era como se, em seus momentos finais, recapitulando a vida que levara, tivesse concluído que fora útil e que cumprira sua missão.

- Gregson e Lestrade ficarão furiosos com essa morte - observou Holmes, quando comentávamos o caso na noite seguinte. - Acabou-se a grande publicidade que esperavam ter.

- Não vejo que grande participação tiveram nessa captura - respondi.

- O que você traz neste mundo não tem nenhuma importância - replicou meu companheiro com amargura. - A questão é o que os outros acreditam que você fez. Não importa - continuou ele mais animado, após uma pausa. - Eu não perderia essa investigação por nada. Não houve caso melhor de que me lembre.

Apesar de simples, apresentou aspectos bastante instrutivos.

- Simples? ! - exclamei.

- Bem, na verdade, é difícil considerá-lo de outra forma - disse Sherlock Holmes, sorrindo diante de minha surpresa. - A prova de sua intrínseca simplicidade é que, apenas com a ajuda de algumas deduções bastante comuns, fui capaz de prender o criminoso em três dias.

- É, isso é verdade - concordei.

- Já comentei com você que um detalhe fora do comum funciona mais como uma orientação do que como um obstáculo. Para resolver problemas semelhantes, o fundamental é saber raciocinar de modo retrospectivo. É um procedimento de grande utilidade e muito fácil, apesar das pessoas recorrerem pouco a ele. Nos assuntos do dia-a-dia, o mais conveniente é raciocinar para frente e, assim, a outra forma de pensar acaba sendo negligenciada. Para cinquenta pessoas que raciocinam sinteticamente, há apenas uma que raciocina de modo analítico.

- Confesso que não estou entendendo bem o que quer dizer - falei.

- Não esperava que o fizesse. Deixe ver se consigo ser mais claro. A maioria das pessoas, quando ouvem a descrição de uma seqüência de eventos, são capazes de dizer qual o provável resultado deles. Alinham mentalmente esses acontecimentos e deduzem o que virá a acontecer. Há poucas pessoas, no entanto, que, conhecendo um resultado, são capazes de desmontá-lo interiormente e recompor cada etapa do processo que levou a tal conclusão. É dessa faculdade que falo, quando me refiro a raciocinar retrospectivamente ou de forma analítica.

- Compreendo.

- Este foi um caso em que só se tinha o resultado e todo o resto ficou por nossa conta descobrir. Deixe eu tentar mostrar as diferentes etapas de meu raciocínio. Vamos começar pelo princípio. Como sabe, cheguei a casa a pé e com a mente livre de qualquer impressão. Naturalmente, comecei pelo exame da rua e lá, conforme já lhe expliquei, vi com clareza as marcas de um carro que, foi confirmado na investigação que fiz, havia estado na casa durante a noite. Tive certeza de que era um carro de aluguel, e não um particular, pela bitola estreita das rodas. O que costuma circular em Londres é bem mais estreito que a carruagem de um cavalheiro.

“Esse foi o primeiro ponto ganho. Caminhei, então, vagarosamente pela trilha do jardim, que era de solo argiloso, muito bom para guardar impressões. Sem dúvida aquilo pareceu a você apenas um lamaçal pisoteado, mas para meus olhos treinados cada marca tinha um significado. Não há ramo da ciência da investigação que seja tão importante e tão negligenciado quanto a arte de identificar pegadas. Por sorte, sempre me dediquei muito a isso e a prática constante fez com que se tornasse em mim uma segunda natureza. Notei as pesadas pegadas do agente policial, mas reparei também na dos dois homens que primeiro passaram pelo jardim. Era fácil dizer que eram anteriores, porque em alguns lugares suas pegadas haviam sido inteiramente apagadas pelas que vieram depois. Formei, então, o segundo elo de minha cadeia, que me dizia que os visitantes noturnos eram dois, um deles de estatura notável (conforme calculei pela largura de seus passos) e o outro elegantemente vestido, a julgar pela marca pequena e distinta deixada por suas botas.

“Quando entrei na casa, essa suposição foi confirmada. O homem bem calçado jazia a minha frente. O alto, portanto, cometera o assassinato, se é que houvera um. A vítima não apresentava ferimentos aparentes, mas a expressão perturbada em sua face me garantia que tinha pressentido seu destino antes de

ser abatido por ele. Quem morre de doença cardíaca, ou de outra súbita causa natural, jamais apresenta feições tão dramáticas.

“Ao cheirar os lábios do homem morto, percebi um ligeiro odor acre, e concluí que ele havia sido forçado a beber veneno. Confirmei isso em vista da expressão de ódio e de medo em sua face. Cheguei a tal resultado pelo método de exclusão, pois nenhuma outra hipótese se adaptaria aos fatos. Não imagine que foi uma idéia muito incomum. A administração forçada de veneno não é, de maneira nenhuma, algo novo nos anais do crime. Os casos de Dolsky, em Odessa, e de Leturier, em Montpellier, teriam ocorrido logo a um toxicologista.

“Agora, vinha a grande questão: por quê? Não era roubo o móvel do crime, uma vez que nada tinha sido levado. Seria algo ligado à política? Ou a uma mulher? Com essa questão eu me debatia. Desde o início, eu me havia inclinado a essa última suposição. Assassinos políticos fazem seu serviço e desaparecem. Aquele assassinato, ao contrário, tinha sido cometido deliberadamente e o executante deixara suas marcas na sala inteira, mostrando que ele havia estado lá o tempo todo. Devia ser um problema pessoal e não político, uma vez que a vingança fora tão metódica. Quando a inscrição foi descoberta na parede, convenci-me mais do que nunca de que estava certo. Era evidente que se tratava de um artifício para despistar. Quando a aliança foi encontrada, no entanto, tudo se confirmou. Era evidente que o assassino a usara para lembrar a vítima de alguma mulher morta ou ausente. Foi nessa altura que perguntei a Gregson se, no telegrama enviado a Cleveland, ele pedira informações a respeito de algum ponto em particular na vida pregressa de Drebber. Ele respondeu, você lembra, negativamente.

“Passei, então, a fazer um cuidadoso exame da peça, o que confirmou minha opinião a respeito da altura do assassino, além de fornecer detalhes adicionais, como o charuto Trichinopoly e o comprimento das unhas. Eu havia chegado à conclusão, uma vez que não existiam sinais de luta, de que o sangue que manchava o chão escorrera do nariz do assassino tal era sua excitação. Pude perceber que a direção do sangue coincidia com a de seus pés. É raro que um homem, a menos que tenha compleição sangüínea, perca tanto sangue devido à tensão do momento. Assim, arrisquei o palpite de que o criminoso era um homem robusto e de rosto corado. Os fatos provaram que eu estava com a razão.

“Depois que saí da casa, fui fazer o que Gregson negligenciara. Telegrafei ao chefe de polícia de Cleveland, restringindo meu pedido de informações às circunstâncias relacionadas ao casamento de Enoch Drebber.

A resposta foi conclusiva. Soube que Drebber já havia solicitado proteção policial contra um antigo rival em um caso de amor, cujo nome era Jefferson Hope e que, no momento, estava na Europa. Fiquei, então, sabendo que já tinha a chave do mistério nas mãos e que só restava apanhar o assassino.

“Estava convicto de que o homem que entrara na casa com Drebber não era outro senão aquele que dirigia o carro. As marcas na estrada me revelaram que o cavalo havia ficado andando de um lado para outro, o que não teria acontecido se alguém estivesse tomando conta dele. Então, onde estaria o cocheiro, se não dentro de casa? Mais uma vez, seria absurdo supor que um homem em juízo perfeito cometesse um crime deliberado em presença de uma terceira pessoa que poderia traí-lo. Por último, supondo que um homem quisesse seguir outro através de Londres, que melhor saída do que transformar-se em cocheiro de aluguel? Todas essas considerações levavam-me à conclusão irresistível de que Jefferson Hope poderia ser encontrado entre os cocheiros da metrópole.

“Se havia se transformado num deles, não existia razão para acreditar que tivesse deixado de sê-lo. Ao contrário, pelo seu ponto de vista, qualquer mudança repentina iria atrair a atenção sobre ele. Era provável, portanto, que, pelo menos por um tempo, ele continuasse exercendo a mesma função. Não havia nenhuma razão para supor que estivesse sob nome falso. Por que trocaria de nome num país onde ninguém o conhecia? Organizei, então, minha patrulha de detetives de meninos de rua e mandei-os investigar sistematicamente todos os proprietários de carro de aluguel em Londres, até que encontrassem o homem que eu queria. Você ainda deve ter clara lembrança de como eles foram bem sucedidos e de quão rápido tirei vantagem disso. O assassinato de Stangerson foi um incidente totalmente inesperado, mas, de qualquer modo, difícil de ser evitado. E foi através desse assassinato, como você bem o sabe, que tive acesso às pílulas, de cuja existência já havia suspeitado. Você vê que a história toda foi um encadeamento lógico de seqüências sem a menor falha ou interrupção.”

- É fantástico! - exclamei. - Seus méritos deveriam ser publicamente reconhecidos. Você devia publicar um relato do caso. Se não o fizer, eu o farei por você!

- Faça como quiser, doutor - respondeu. - Veja isto! - acrescentou, estendendo-me um jornal. Olhe o que diz!

Era a edição do Eco daquele dia, e o parágrafo por ele indicado era a respeito do caso em questão.

“O público”, dizia o jornal, “perdeu uma oportunidade sensacional com a repentina morte de Hope, o suspeito pela morte de Enoch Drebbler e Joseph Stangerson. É provável que os detalhes do caso jamais cheguem a ser conhecidos, embora saibamos por fonte segura que o crime foi o resultado de uma antiga disputa sentimental, na qual amor e mormonismo tiveram sua parte. Consta que ambas as vítimas, quando jovens, pertenceram à religião dos Santos dos Últimos Dias, e Hope, o prisioneiro morto, também provinha de Salt Lake City. Se o caso não tiver outras conseqüências, terá servido, ao menos, para evidenciar, de maneira notável, a eficiência de nossa força policial. Funcionou, também, como uma lição aos estrangeiros, de que é melhor que resolvam suas contendas em casa, em lugar de transferi-las para solo britânico. Não é nenhum segredo que os créditos de tão brilhante captura pertencem inteiramente aos conhecidos investigadores da Scotland Yard, os senhores Lestrade e Gregson. Ao que parece, o indivíduo foi preso na residência de um certo Sr. Sherlock Holmes, ele próprio um detetive amador que demonstra certo talento para a investigação.

Contando com tais mestres, é de se esperar que, com o tempo, o Sr. Holmes adquira parte da habilidade de Gregson e Lestrade. Espera-se que os dois oficiais recebam algum certificado como reconhecimento por seus serviços”.

- Não foi o que eu lhe disse que aconteceria quando tudo começou! - exclamou Sherlock Holmes com uma risada. - Aí temos o resultado de nosso “Estudo em vermelho”: dar-lhes um certificado de reconhecimento público.

- Não importa - respondi. - Tenho todos os fatos registrados em meu diário e o público irá conhecê-los. Até lá, você pode desfrutar a consciência do sucesso, como aquele avarento romano: *Populus me sibilat, at mihi plaudo Ipse domi simul ac nummos contemplar in arca*!. (O povo me vaia, mas eu me aplaudo, quando contemplo o dinheiro em minha arca. (N. do T.)